

# Textos

Júlio Cesar Perez

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 01/01/1996

Título : A GALINHA

Categoria: Contos

Descrição: Tudo transcorria dentro da normalidade até que uma galinha teve a infeliz idéia de pular, pela janela, para dentro de casa.

## A GALINHA

A panela de feijão fumegava sobre o fogão à lenha e as crianças tinham sido recomendadas por minha mãe – portanto meus irmãos – para que cuidassem do fogo e, na medida da necessidade, colocassem água no feijão. Ela iria às compras e voltaria em breve. Eles poderiam continuar brincando, desde que tomassem estes dois cuidados. Deles dependeria, por hora, o almoço, e ao se referir assim, minha mãe se referia à tremenda responsabilidade daquelas duas crianças em cuidarem da comida do pai que vinha esfomeado do serviço, para o qual em seguida tinha de retornar.

Tudo transcorria dentro da normalidade até que uma galinha teve a infeliz idéia de pular pela janela para dentro de casa. Meus irmãos, zelosos, não podiam permitir que o animal ficasse ali. Assustaram-na para que voltasse por onde tinha

entrado, mas a infeliz da galinha parecia não saber o caminho de volta, decerto por não reconhecer por dentro a casa que vira de fora. De repente teve uma iluminação e de um golpe saltou sobre o fogão que ficava próximo à janela, pousando sobre a alça da panela onde o feijão chiava a fogo solto. Apavorados com aquela manobra perigosa do animal, meus irmãos não pensaram duas vezes antes de assustarem o bicho uma última vez. Só que no impulso que ela tomou para se projetar janela afora, a panela adernou de lado e emborcou rumo ao chão com todo o feijão dentro.

Que sujeira!

Tudo por causa daquele bicho burro e inconveniente. Mas agora não havia tempo a perder em lamentações. Era preciso agir e isso significava recolher o feijão que tinha se espalhado pelo chão para evitar o pior: que a mãe chegasse e se deparasse com uma cena daquelas. Uma bela surra com certeza seria inevitável.

- Corre na porta da frente para ver se a mãe não está vindo! – disse o mais velho, que todos conheciam como Chinho, para o menor que ainda não havia se recuperado do susto. Desperto de seu atordoamento e na esperança de remediar o irremediável, o Doca correu até a porta da frente. Enquanto o Chinho se armava de uma colher e fazia o possível para pôr de volta na panela o feijão espalhado pelo assoalho.

Para alívio de ambos, nem sinal da mãe, mas quando o Doca se voltou para dizer isso ao Chinho, o pior que podia acontecer entrava pela porta dos fundos, após ter dado a volta na casa, como era de hábito. O Doca ainda teve tempo de fugir de onde estava, mas o coitado do Chinho não teve tempo sequer de perpetrar o primeiro golpe do seu crime. A mãe o ergueu do chão pela orelha, sem ao menos perguntar o que tinha acontecido.

Como eu disse aquilo se tratava do inexplicável, pois como é que ela iria acreditar numa história daquelas, de uma galinha ter podido provocar tamanho estrago, sobretudo naquele momento de raiva e com o almoço ainda por fazer. Só mais tarde esta história pôde receber crédito que merecia, até porque não havia outra versão para contar. Mas naquele momento este improvável movimento do bicho se apoiando na alça da panela para alçar vôo não tinha convencido ninguém, muito menos para lhes livrar da surra que levaram.

PS: O Doca apanhou mais tarde, após a inevitável volta para casa, que algumas vezes podia se prolongar até a noite. Além do mais aquele não tinha sido o seu dia de sorte: nenhuma visita tinha aparecido. Quando isso acontecia era comum o fujão chegar junto com a visita para a mãe ir se acostumando com a idéia de deixá-lo vivo. Impossibilitada de dar vexame na frente de estranhos, a raiva dela ia passando, até esquecer o ocorrido. O negócio depois era aparecer o mínimo possível para ela não se lembrar. Às vezes essa estratégia dava certo, mas naquele dia, o Doca não teve essa sorte.

Data : 01/01/2009

Título : A MORTE DO POLITICAMENTE CORRETO

Categoria: Artigos

Descrição: Assisti a 02 filmes nos últimos dias que me deixaram com a nítida sensação de que o cinema está abandonando a idéia do politicamente correto.

## A MORTE DO POLITICAMENTE CORRETO

Assisti a 02 filmes nos últimos dias que me deixaram com a nítida sensação de que o cinema está abandonando a idéia do politicamente correto. Já não há mais interesse em passar mensagem ou dar lição a ninguém. Mostra-se os fatos e o expectador que tire suas conclusões, tome posição contra ou a favor.

Será isso que chamam, no pós-modernismo, de relativização dos valores?

Refiro-me aos filmes Hooligans e Gran Torino.

O primeiro mostra a realidade das torcidas organizadas da Inglaterra, onde a violência é seu código de honra e a lealdade ao grupo o seu maior valor. Sem pudor o filme escancara a xenofobia do inglês em relação às outras nacionalidades. Xenofobia que fica evidente no primeiro contato do personagem Pete Dunham (interpretado por Charlie Hunnam) com o irmão da sua cunhada, Matt Buckner (Elijah Wood).

Pete é inglês e líder da torcida organizada do West Ham e Matt é americano. Em seu primeiro contato, Pete, numa linguagem recheada de gírias e deboche chama Matt de mauricinho e primo colono (numa referência aos tempos em que os EUA foi colônia inglesa). Em seguida, Matt é introduzido, após alguma resistência do grupo e sua também, na turma de Pete e, à primeira vista, fica chocado com a violência crua entre os grupos rivais e os valores que professam – ou a falta deles. Contudo, aos poucos, vai se identificando com aquela horda, a qual é admitido só após demonstrar coragem em sua primeira briga de rua com um grupo rival. Logo fica evidente que Matt – apesar de toda a sua educação - está sendo cooptado pelo grupo e sua filosofia, o que não deixa de representar para ele uma alternativa bastante válida ao mundo de hipocrisia do qual é oriundo. Note-se que Matt viajou para a Inglaterra após ter sido expulso de Harvard. Expulsão esta por ter assumido a culpa de um colega mais rico pelas drogas encontradas no apartamento deles. Na Inglaterra, tem contato com os valores simples do grupo de Pete – amizade, coragem, lealdade, hostilidade aos estranhos. Valores básicos e viris, típico de uma tribo (conceito pós-moderno) que acaba seduzindo-o, mostrando a ele um mundo de verdades simples e brutais, mas verdadeiras.

Já Gran Torino conta a história Walt Kowalki (Clint Eastwood), um velho americano, descendente de poloneses e veterano da guerra da Coréia, que,

após a morte da mulher, torna-se intolerante com a vizinhança estrangeira, sobretudo com seus vizinhos de porta, asiáticos originários do Laos, da etnia hmong.

O nó dramático da história começa quando o adolescente Thao tenta roubar o Gran Torino de Walt. Carro que Walt conserva como a lembrança dos seus tempos de Ford, a mais americana das marcas de automóveis.

O filme retrata bem o chauvinismo americano em face dos estrangeiros que invadem o país. Num desfile de etnias e estilos são mostradas as gangues que pululam no bairro do Walt, o único autóctone do lugar: chineses, coreanos, latinos e negros. Walt, como protótipo do homem branco, da classe média americana, destila o seu veneno contra tudo e contra todos, até mesmo contra o seu barbeiro a quem chama de carcamano f.d.p.

A história se desenvolve em torno deste velho dinossauro americano que acaba se afeiçoando - ao seu modo -, ao jovem e tímido Thao, ao qual tenta ensinar como se tornar um homem. Ensinamentos que passam por uma série de esporros que Walt dá no garoto por conta da sua timidez e covardia. Timidez por hesitar em convidar para sair a menina por quem tem uma queda. E covardia por não enfrentar seu primo que faz parte de uma gang hmong. Walt claramente incita o jovem a usar da violência contra esta gang, chamando o tempo todo o garoto de frouxo e coisas do gênero. É como se a lei e o Estado não mais existissem e as pessoas tivessem que resolver as coisas sozinhas. Ao tomar esse caminho, Walt descobre quão desastrosas essas atitudes podem ser, mas o desfecho do filme mostra que ele leva essa atitude até as suas últimas consequências.

O que chama a atenção nestes filmes – e até um pouco choca – é que a conduta dos seus protagonistas não são mostradas como condutas reprováveis, mas como condutas comuns que as pessoas comuns podem ter e sobre as quais os autores da história não emitem opinião. É deixada ao livre juízo do expectador se posicionar com relação a elas. Tanto pode se concordar, como rejeitar o que se passa na tela. Não há mais por trás da trama a intenção de o autor em contar uma história de redenção para as pessoas. Ao contrário: mostra-se como condutas reprováveis – como o emprego da violência, o preconceito e a xenofobia – podem, às vezes, tornarem-se inevitáveis: Buckner, de Hooligans, aprende a lutar e emprega no final a violência como forma de dar uma lição em seu antigo colega de classe e Walt, de Gran Torino, deixa-se assassinar pela gang inimiga para, só assim, provocar a ação da polícia e salvar Thao e sua família.

Condutas estas muito perigosas, a se considerar o alcance da arte e o poder de influência que esta tem sobre o comportamento das pessoas, ainda que em nível subconsciente, cabendo aqui fazer as seguintes considerações a respeito: quais as consequências que a morte do politicamente correto, na arte – e na vida, afinal – pode trazer sobre a atual sociedade? Até que ponto isto representará uma renovação dos seus valores, sem hipocrisia, ou o início do seu fim?

Autor: Jperez

Data : 31/12/2008

Título : A reta/torta via de um bêbado na volta pra casa

Categoria: Poesia

Descrição: Não é reto o traço que um bêbado descreve

A reta/torta via de um bêbado na volta pra casa

Não é reto o traço

que um bêbado descreve

em seu caminho

para casa?

Por mais que seu passo

seja cheio

de avanços e recuos

súbitos estacamentos

e hesitação

diante de um sinal fechado

uma rua para atravessar

cheio de voltas e

reticências o seu andar

um bêbado

em seu trajeto

de retorno ao lar

tem sempre a sensação

de andar reto

como a seta

ao alvo demandar..

Porque um bêbado

por mais que beba

sempre sabe

para quem voltar  
e por mais voltas  
seu passo  
o regaço da amada  
é o que deseja  
alcançar.

Por isso que se diz  
da via de um bêbado:  
reta/torta forma  
de o alcançar.  
(E também porque  
é preciso mencionar  
nem sempre essas histórias  
têm finais felizes.  
Aliás  
quase nunca.)  
da revista Água da Fonte n° 06

Data : 26/07/2010

Título : A REVOLUÇÃO SEXUAL

Categoria: Crônicas

Descrição: Após muitos anos, os homens começaram a tomar o seu lugar na História. A hegemonia feminina começava a dar mostras de cansaço, e os homens então puderam alcançar a liberdade.

## A REVOLUÇÃO SEXUAL

Após muitos anos, os homens começaram a tomar o seu lugar na História. A hegemonia feminina começava a dar mostras de cansaço, e os homens, então, puderam alcançar a emancipação.

Mas não vá pensar que esta tivesse sido uma tarefa fácil, pois foram necessários protestos, cartazes, passeatas, brigas de ruas para se atingir esse estado.

Até então ao homem estava destinado um papel secundário na sociedade e aqueles que adquiriam o direito de ter alguma voz de destaque, só a alcançavam após uma idade avançada. Em outras palavras, depois de conseguirem demonstrar que podiam se abster das questões sentimentais, tão nocivas a sã condução de um povo.

Mas esse estado de coisas só começou a mudar quando os homens puderam ter acesso à educação e a pensar por conta própria. No preciso momento, quer dizer, em que eles tomaram consciência do seu valor num mundo antes totalmente dominado pelo sexo feminino.

Questões como a inabilidade intrínseca do homem para assuntos políticos por causa da sua agressividade natural e pouca paciência nas negociações, começaram a serem desmistificadas, na medida que mais e mais homens trouxeram um pouco de ousadia para as grandes questões onde antes só a fleuma feminina já não bastava.

E o que dizer das cátedras? Até então privilégio exclusivo das mulheres que reputavam os homens incapazes de se encarregar da formação dos espíritos por causa da sua aversão natural com as questões especulativas.

Nos esportes, igualmente, se interditava a prática daqueles em que o vigor masculino pudesse se fazer mais evidente e pôr em risco a beleza dos espetáculos, nos quais a graça e o espírito de ordem das mulheres devia prevalecer.

Desse modo os homens eram mantidos em um estado de semiletargia, acreditando em tudo aquilo que as mulheres lhes contavam do mundo lá fora. Como crianças assustadas que ainda acreditam em monstros. O que só podia interessar a quem mais se beneficiava disso: elas, as mulheres.

Entretanto essa supremacia feminina estava com seus dias contados e o seu fim se fazia anunciar de dentro do próprio sistema por elas implantado. Pois na medida em que os homens estavam infensos às preocupações de manter um lar, da concorrência cada vez mais acirrada no mercado de trabalho e do stress de um dia a dia cada vez mais desgastante e menos satisfatório, eles que ficavam em casa, ao abrigo desse mundo insano, podiam cada vez mais aperfeiçoar o seu gosto pelas boas coisas da vida – o sexo, a boa mesa e a arte.

Já elas, chegavam em casa cada vez mais cansadas e raramente conseguiam corresponder aos apelos dos seus maridos por mais atenção, amor e sexo. O que deixava no ar uma sensação de culpa, de que estavam devendo, sobretudo na cama.

As solicitações do mundo já eram tantas! Seria excessivo exigir delas que ainda satisfizessem a seus esposos. Elas os achavam injustos e insaciáveis.

Com o passar do tempo, a opinião deles começou a ser mais ouvida, seus conselhos mais seguidos e suas atitudes diante da vida imitada. Da cama para o mundo dos negócios, da política e do saber foi um pulo, até que as reivindicações deles por mais espaço também nessas áreas, se tornaram irresistíveis. O que representou o golpe derradeiro nesse mundo dominado por um só sexo.

Foi assim que, graças a um bom desempenho na cama, os homens conquistaram o seu espaço na antiga sociedade patriarcal e ainda hoje estão cheios de convicção de fazerem deste mundo um lugar melhor para se viver. Pelo menos até começarem a brochar na cama, fazendo com que a balança da História penda novamente para o lado delas.

Data : 30/06/2007

Título : A Revolução Sexual

Categoria: Crônicas

Descrição: Após muitos anos, os homens começaram a tomar o seu lugar na História.

A revolução sexual: uma fabula sobre a relatividade dos conceitos

JÚLIO CÉSAR PEREZ

Após muitos anos, os homens começaram a tomar o seu lugar na História. A hegemonia feminina começava a dar mostras de cansaço, e os homens então puderam alcançar a liberdade.

Mas não vá pensar que esta tivesse sido uma luta fácil, pois foram necessários protestos, cartazes, passeatas, brigas de rua para se alcançar esse objetivo.

Até então ao homem estava destinado um papel secundário na sociedade e aqueles que adquiriam o direito de ter alguma voz de destaque, só a alcançavam após uma idade avançada. Em outras palavras, depois de conseguirem demonstrar que podiam se abster das questões sentimentais, tão nocivas à sã condução de um povo.

Mas esse estado de coisas só começou a mudar, quando os homens puderam ter acesso aos livros e a pensar por conta própria. No preciso momento, quer dizer, em que eles tomaram consciência do seu valor num mundo antes totalmente dominado pelo sexo feminino.

Questões como a inabilidade intrínseca do homem para assuntos políticos, por causa da sua agressividade natural e pouca paciência nas negociações, começaram a ser desmitificadas, na medida em que mais e mais homens trouxeram um pouco de ousadia para as grandes questões onde antes só a fleuma feminina já não bastava.

E o que dizer das cátedras?

Até então privilégio exclusivo das mulheres que reputavam os homens incapazes de se encarregar da formação dos espíritos, por causa da sua aversão natural com as questões especulativas. Nos esportes, igualmente, se interditava a prática daqueles em que o vigor masculino pudesse se fazer mais evidente e pôr em risco a beleza dos espetáculos, nos quais a graça e o espírito de ordem das mulheres devia imperar.

Desse modo os homens eram mantidos em um estado de semi-letargia, acreditando em tudo aquilo que as mulheres lhes contavam do mundo lá de fora. Como crianças que ainda acreditam em monstros. O que só podia interessar a quem se beneficiava disso: elas!

Entretanto, essa supremacia feminina estava com seus dias contados e o seu fim se fazia anunciar de dentro da própria estrutura que elas tinham criado. Pois, na medida em que os homens estavam infensos às preocupações de manter um lar, da concorrência cada vez mais acirrada no mercado de trabalho e do stresse de um dia-a-dia cada vez mais desgastante e menos satisfatório, eles que ficavam em casa, ao abrigo desse mundo insano, podiam cada vez mais aperfeiçoar o seu gosto pelas boas coisas da vida.

Já elas chegavam em casa cada vez mais tarde, exaustas do serviço e raramente conseguiam corresponder aos apelos dos seus maridos por mais atenção, amor e sexo. O que deixava no ar uma sensação de culpa, de quem estavam devendo, sobretudo na cama.

Mas elas não sabiam o que fazer. As solicitações do mundo já eram muitas. Seria excessivo ainda exigir que satisfizessem a seus esposos. Elas os achavam injustos, desleais e... insaciáveis.

Com o passar do tempo, a opinião deles começou a ser mais ouvida, seus conselhos mais seguidos, e suas atitudes diante da vida, imitadas. Da cama para o mundo dos negócios, da política e do saber, foi um pulo, até que as reivindicações deles por mais espaço, também nessas áreas, se tornaram irresistíveis. O que representou o golpe derradeiro nesse mundo dominado por um só sexo.

Foi assim que, graças a um bom desempenho na cama, os homens conquistaram o seu espaço na antiga sociedade matriarcal e ainda hoje estão cheios de convicção de fazerem deste mundo um lugar melhor para se viver. Pelo menos até começarem a brochar na cama, fazendo novamente com que a balança da História penda para o lado delas.

(Júlio César Perez é auditor do TCE e escritor.)

Da Revista

Água da Fonte nº5

Data : 17/05/2014

Título : A SELEÇÃO DE FELIPÃO, A GERAÇÃO Y E A COPA POSSÍVEL

Categoria: Crônicas

Descrição: A recente convocação do técnico Luís Felipe Scolari não parece ter incomodado a muita gente. Bem diferente dos tempos de antanho, quando a convocação do técnico da seleção brasileira era quase pauta de assunto de Estado

### A SELEÇÃO DO FELIPÃO, A GERAÇÃO Y E A COPA POSSÍVEL

A recente convocação do técnico Luís Felipe Scolari não parece ter incomodado a muita gente. Bem diferente dos tempos de antanho, quando a convocação do técnico da seleção brasileira era quase pauta de assunto de Estado. Se considerarmos, ainda, o agravante de que a Copa, dessa vez, será no Brasil, teríamos, então, uma comoção nacional.

Contudo, os tempos são outros e outras são as caras que irão nos representar. É uma seleção completamente renovada. Foi-se a geração Dunga, foi-se Romário, foi-se Ronaldo e quem iria fazer essa transição também ficou para trás: Robinho, Ronaldinho Gaúcho, Kaká e Adriano foram atropelados pela história. Ou foram pela tal geração Y, ou diríamos, a geração Neymar – ao menos, em se tratando do mundo da bola?

Uma geração mais leve, uma geração mais descompromissada, uma geração sem culpa. Sim, porque a geração Y é isso aí: cuca fresca e qualidade. Qualidade e resultado. Afinal, em futebol, foi com essa geração que Felipão – essa raposa camaleônica, adaptável a tudo, até às piores adversidades – venceu a Copa das Confederações. E que bom que assim seja. Ou você queria Kaká na Seleção (o bom moço que tudo prometia, pouco cumpriu?); Ronaldinho Gaúcho (o gênio despedaçado, mantido calado pelo irmão a troco de mulheres e festaS?); Robinho, de ascensão e queda meteórica? Adriano, o mandrião?

Deus, livrai-nos desse passado tenebroso!

Ao contrário dessa gente, hoje a seleção é composta por Oscar, talento puro e integridade; Neymar, genialidade e descontração; Marcelo, desconhecido no Brasil e fenomenal pelas laterais; Davi Luiz, cabeleira indomável e segurança na zaga; Paulinho, volante de rara qualidade, com disciplina tática e faro de gol; Bernard, a alegria das pernas de Felipão. E outros mais, jovens talentosos brasileiros em puro estado de graça.

Queremos a renovação. Queremos a novidade.

Xô passado de atraso e retrocesso! Sobretudo num país como o nosso que lutou pela Diretas, elegeu um playboy e o cassou; um sociólogo de Sorbonne e se decepcionou, até a ascensão no leme do país de um retirante nordestino, verdadeiro representante da raça brasileira, que deu um novo rumo ao país.

Contudo, as manifestações históricas de junho de 2013 foram uma demonstração cabal de que esta geração que aí está, não está aí pra

brincadeira. Eles querem um país decente, um país que lhes dê orgulho de serem quem são: brasileiros. Deixamos de ser tão pacíficos e cordiais. Aprendemos a ir pras ruas, lutar por nossos direitos e melhores condições de vida. E as respostas que recebemos não foram satisfatórias. As obras da Copa não são uma unanimidade. Longe, disso. Ainda que seja preciso analisar com mais cautela o que efetivamente irá ficar pra população – o tal legado. O fato é que estamos longe de sermos aquele país que prometíamos há 2 ou 3 anos atrás. O país que definitivamente iria dar o salto para o futuro e deixar de ser só mais uma promessa. Mesmos sendo melhores que muitos – afinal nos tornamos o destino de imigrante do mundo todo: Bolívia, Uruguai, Senegal, Bangladesh e outros – estamos ainda muito longe de nos tornarmos um país de primeiro mundo.

Felipão captou isso muito bem. Deu uma cara nova à seleção. Deixou para trás o passado que Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Robinho e Adriano representam e apostou na renovação. Com praticidade e resultado. Vencemos a Copa das Confederações. Pronto, o time estava formado. Ainda que haja jogadores de méritos questionáveis, Júlio César, por exemplo, o fato é que a Seleção é outra. Se tornou difícil, mesmo com todas as adversidades que ainda temos de enfrentar, ficarmos contra esse time. Afinal de contas, essa gurizada representa a renovação no futebol que esperamos também na saúde, na educação, no transporte público e na segurança. Que venha, pois, o hexa, mas que venha também as melhoras da condição de vida da população, afinal, com a geração que aí está, parece, acabou a ideia do pão e circo. Como já dizia os Titãs: “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”.

O gigante acordou. Quem não se deu conta, corre o risco de ser atropelado por ele.

JPerez

Data : 26/07/2010

Título : ABRAÃO

Categoria: Contos

Descrição: Ou o que eu entendo por Cultura.

ABRAÃO

ou

A Importância da Cultura

Após o ocaso nuclear nada restou sobre a Terra. A destruição havia acabado com tudo o que pudesse lembrar os dias atuais. Para aqueles que restaram, os primeiros anos foram dedicados ao esforço da sobrevivência. E com seus filhos - e os filhos dos seus filhos – não foi diferente. De modo que a vida se tornou tão rudimentar como deve ter sido na origem do homem.

Assim decorreu durante muito tempo, até que os destroços de um abrigo subterrâneo foram descobertos e nele se encontraram os restos de uma casa pré-nuclear. Tratava-se da residência de uma pessoa que para o seu bunker tinha levado um pouco de tudo o que a civilização da sua época lhe oferecia. Para as criaturas da nova era, no entanto, aquilo lhes parecia fantástico, de outro mundo. Os livros, os quadros, os discos, os aparelhos, nada daquilo era conhecido na atual sociedade - se é que podemos falar assim de um aglomerado de bárbaros sob o comando de um membro mais forte.

Com o que ali encontraram, então, eles começaram a reconstruir a civilização que havia se perdido.

Entre os livros encontrado, um destacava-se, pois contava a história de um homem escolhido por Deus para ser o pai de muitas nações. O que eles entenderam tratar-se de uma profecia sobre o que estava acontecendo.

Assim, ao esqueleto daquele homem deram-lhe o nome de Abraão e a sua memória foi venerada por séculos como aquele que foi escolhido por Deus para ser fundador desta nova Humanidade.

Mal podiam imaginar elas que aquele esqueleto, longe de ter sido qualquer coisa parecida com o patriarca dos hebreus, foi apenas um homem comum, sem outros atributos que não o de uma pessoa em sintonia com a cultura do seu tempo. Hábito graça ao qual, aliás, toda uma nova civilização pode ser reconstruída.

Data : 01/01/1996

Título : ANEDOTAS DE GAURAMA

Categoria: Contos

Descrição: Fatos curiosos - e engraçados - da minha terra natal.

DONA LEOCÁDIA

Uma vizinha dos meus pais, Dona Leocádia, antiga conhecida da região, de origem polonesa, carregando muitos nos “rrs” e “és”, conversava com meus pais sobre a recente morte do meu tio-avô Fontana com 84 anos.

Contando já com uma boa idade, naturalmente esta velha senhora devia ter uma só preocupação: a proximidade da morte, e o tema do assunto que tratava com meu pai devia lhe parecer a ilustração próxima do inevitável fim que a aguardava a cada esquina, a cada síncope do coração, a cada suspiro de espanto, medo ou admiração...

Quem pode dizer quando chegará a nossa hora?

Sob o influxo destas emoções e talvez na tentativa de parecer delicada e se solidarizar com a dor do meu pai pela perda desse ente querido, Leocádia saiu-se com essa:

- Jééésus Marrria! O único médo que tenho é de um dia acordar morrrta!

Ao que nada mais acrescentou retirando-se em seguida, para alívio dos meus pais que, decerto, já não sabiam como segurar o riso que lhes acometia.

## DONA LEOCÁDIA – Parte II

A casa que meu pai construiu para uma velhice tranquila ficou pela metade e o que era para ser motivo de sossego, tornou-se motivo de preocupação por causa daquele inesperado retardo da obra. Falta de dinheiro, naturalmente.

Só para se ter uma idéia do que estou falando e do que significou a inflação nos anos 80, até o começo dos anos 90, meu pai que havia vendido uma pequena chácara com 2,5 hectares ali pelo final dos anos 80 construiu uma casa de 2 pisos, com área de mais de 100 m<sup>2</sup> com apenas 40% do rendimento da poupança sobre o capital aplicado. Não lembro de quanto era este capital, mas equivaleria ao que hoje se obteria com a venda daquela porção de terra. Quando entrou o plano real, a casa que estava inacabada – erguida e coberta – inacabada ficou, pois o dinheiro foi todo consumido - juro e capital - para fazer os acabamentos. E ainda não foi suficiente, pois faltaram alguns detalhes, tais como as calçadas em volta de casa e toda a pintura.

Pois bem, fechado este parênteses histórico, voltamos à narrativa.

Meu pai que foi mecânico a vida inteira guarda até hoje habilidades manuais que ele mesmo desconhecia, por isso quando lhe sobra tempo dos compromissos de uma aposentadoria comprometida com a sesta depois do almoço, o chimarrão e a fruição da paz e do sossego de uma cidadezinha pequena, seu Achilles – meu pai - pega da colher de pedreiro e põe-se a fazer muros e rebocos onde puder adiantar o trabalho que de outra forma teria de pagar para outro fazer.

Leocádia que ao entardecer costuma sair a recolher a vaca de leite que possui, de onde a tinha levado pastar, no geral nos terrenos de baldios da redondeza, passava às vezes pela frente da casa dos meus pais.

Numa dessas ocasiões, ao contemplar o trabalho minucioso e artístico de meu pai – uma característica recorrente dos trabalhos do velho – no remate final de um muro em frente de casa, com pequenas ondulações em seu cimo, saiu-se com esta:

- Jééesus Marria! Quer dizer então que agora até carpintérro é?! – querendo referir-se ao trabalho de pedreiro que o velho executava, num flagrante que mais uma vez punha meus pais em apuros para disfarçar o riso que lhes acometia.

Data : 01/01/2018

Título : BRADO RETUMBANTE

Categoria: Poesia

Descrição: Que tiro foi esse de uma bala perdida que matou o inocente?

## BRADO RETUMBANTE

Que tiro foi esse  
de uma bala perdida  
que matou o inocente?

Que tiro foi esse  
que fechou as vias  
no Rio de Janeiro  
entregando o povo  
à barbárie e ao caos?

Que tiro foi esse  
de mais um escândalo  
de corrupção  
que a Justiça seletiva  
nada encontrou  
contra o ladrão?

Que tiro foi esse  
que a mídia  
corrupta e venal  
jura que foi de fogos de artifício?

Que tiro foi esse  
que só atinge o pobre  
o negro  
o gay  
e a prostituta?

Que tirou foi esse  
que a Justiça  
no Brasil  
há muito  
já não mais escuta?

Júlio Perez

Data : 08/08/2008

Título : CAIXA DE FERRAMENTAS

Categoria: Contos

Descrição: O pai adoeceu e os filhos não sabiam o que fazer com suas ferramentas, se ele morresse.

## CAIXA DE FERRAMENTAS

O pai adoeceu e os filhos não sabiam o que fazer com suas ferramentas, se ele morresse. Elas foram colocadas dentro de um tonel de óleo lubrificante depois que ele se aposentou. Estavam, portanto, bem conservadas. No entanto, elas tinham se tornado inúteis desde que o velho as trouxera para casa, pois nenhum dos quatro filhos tinha seguido a sua profissão: mecânico. Elas haviam permanecido mergulhadas em óleo todos esses anos e, agora que o pai estava

às portas da morte, eles não sabiam o que fazer com elas. Afinal de contas eram ferramentas de ótima qualidade, importadas dos EUA e compradas no começo dos anos 50. “Quando ainda se fazia coisas de valor” não se cansava de repetir o velho quando o assunto convergia para esse período.

Eles achavam um desperdício que ferramentas assim permanecessem sem serem utilizadas.

Não conseguiam entender porque o pai as trouxera para casa, quando se aposentara. Porque não as deixara na oficina, onde elas poderiam ter tido um emprego melhor. Afinal, não eram ferramentas e como tal destinadas ao trabalho? Que valor um tonel de ferramentas velhas poderia ter numa casa onde ninguém precisava delas?

Eram perguntas que eles se faziam, tentando entender as razões do pai e, a partir das respostas a estas perguntas, dar àqueles objetos um destino adequado.

Mas porque não fazer estas perguntas diretamente a ele?

- Não sei! Vocês que decidam o que fazer com elas. Trouxe-as para casa para vocês. Agora vocês vem me perguntar o que eu quero fazer com elas?! – respondeu o velho, da cama do hospital, parecendo contrariado por aquela interrogação inoportuna.

- Mas, pai, nenhum de nós, aqui, seguiu a mecânica! Não era melhor o senhor tê-las deixado lá, na oficina, onde outros poderiam tê-las usado melhor?

- Ora, deixar na oficina! Essa é boa! As ferramentas eram minhas. Comprei-as com o suor do meu rosto. Agora vocês vêm me dizer que eu devia tê-las deixado lá?

- Sim... Por que não?

- Porque não! Eles nunca deram para essas ferramentas o valor que elas mereciam. Pois bem. Quando me aposentei, pensei: vou levá-las para casa!

E assim novamente eles se viam com esse dilema nas mãos, pois eles, mais do que ninguém, sabiam o que aquelas ferramentas tinham significado para o pai. Por diversas vezes elas tinham sido o trunfo de que se valera o velho quando brigava na firma e como represália, trazia para casa, a caixa de ferramentas. Elas eram o seu orgulho em forma de utilidades mecânicas que ninguém em sua consciência, naqueles tempos, podia prescindir, afinal um jogo de ferramentas como aquelas ninguém tinha na cidade. E ele não se cansava de jogar isso na cara dos seus chefes. Era graças a ele e a seu jogo de ferramentas que aquela firma ia pra frente. O que era uma verdade. Pois além de possuir as ferramentas, ele era um mecânico de mão cheia. Chegava até a diagnosticar o problema das máquinas, na maioria das vezes dirigidas por operadores ineptos, por telefone. Bastava que lhe descrevessem os “sintomas” do equipamento para ele lhes dizer o que fazer. Se eles mesmos poderiam consertá-la ou se aquilo demandaria serviço mais especializado, de modo que ele teria que se deslocar até o local.

Após a aposentadoria, trouxe as ferramentas para casa, na velha caixa de metal em que ele ainda as conservava após tantos anos. Trouxe-as para casa e as

mergulhou num tonel de óleo, guardando-as num canto do galpão, fora de casa, sem que ninguém soubesse porquê.

O que ele pretendia fazer com elas?

Eram ferramentas de máquinas pesadas: trator, patrola, caminhão, escavadeira. Que utilidade aquelas chaves de boca, cachimbos, martelos, chave inglesa, enormes, de aço maciço, teriam em casa?

Para ele, no entanto, após tantos anos dando duro com elas era difícil simplesmente se despedir. Elas tinham sido testemunhas dos dias de sofrimento que passara. Das angústias na criação dos filhos, quando corriam boatos de que a firma estava prestes a fechar e não existia na cidade outra empresa que pudesse empregá-lo. Das decisões que ele tinha que tomar, mesmo quando elas contrariavam os interesses de seus superiores: “ vamos ter que trocar a tampa do carter. Não tem jeito. Eu não vou soldar isso aí pra depois dar problema e o motor fundir. Pode ligar pra Caterpillar e encomendar a peça.” Tendo que muitas vezes enfrentar quem duvidasse da sua competência e o murmúrio dos invejosos, porque ganhava mais do que eles.

Aquelas ferramentas eram 40 anos da sua existência que estavam ali mergulhados em óleo e vinham lhe perguntar o que ele devia fazer com elas?! Eles que decidissem, pois para sua alegria, ou desgosto – não sabia exatamente como encarar esse fato –, nenhum dos filhos tinha seguido a mecânica. Logo, a única solução adequada para aquele problema – a passagem daquelas ferramentas para algum herdeiro à sua altura - não tinha se concretizado. Todos haviam optado por carreiras menos sofridas e disso ele não podia culpá-los. Eles, portanto, que não viessem agora importuná-lo com questões relacionadas ao destino que eles pretendiam dar às suas ferramentas. Eles que decidissem!

Mas os filhos não sabiam o que fazer.

Devolvê-las para a oficina, onde ele tinha durante tantos anos amargado o pão que o diabo amassou? Estava claro, não era a vontade do pai.

Doá-las simplesmente para alguém que fizesse um emprego útil daqueles objetos? Também não estava nos planos de ninguém, pois não dariam a qualquer um aquilo que certamente, mais do que qualquer outra coisa, lhes lembraria o velho.

Vendê-las? Muito menos, não lhes parecia correto comerciar com aquelas peças que haviam tido uma convivência tão estreita com ele.

Por outro lado, quem iria ficar com o tonel de ferramentas depois do fim?

Ninguém parecia disposto.

No entanto, tudo isso ainda estava no plano das cogitações enquanto o pai esteve vivo. Porém, depois que o inevitável se consumou - todos na verdade já esperavam por isso, afinal o câncer de pulmão possui um alto índice de mortalidade e a quimioterapia só vinha tirando ainda mais a forças do velho nos últimos meses – o problema do destino das ferramentas adquiriu como que o peso do tonel onde estavam mergulhadas, pois ninguém queria dar a martelada final sobre o seu destino.

Por fim, a caixa de ferramentas acabou sendo esquecida no galpão. Até o dia em que esposa do filho que herdara a casa do pai, revirando aqueles velhos

trates ali guardados pelo falecido, encontrou o tonel das ferramentas. Lembrou do drama dos irmãos embasbacados diante daquele problema, cheios de escrúpulos para decidir o que fazer com elas e teve uma grande idéia. Ofereceu-as nos anúncios do jornal, até que uma firma interessada apareceu e fez a oferta. Algo que superava em muito a sua expectativa. Provavelmente, muito aquém do que elas efetivamente valiam.

Com o valor arrecadado comprou os sapatos que há muito vinha desejando e que o marido lhe negava.

Hesitou antes de usá-los, pois teria de dar explicações como havia conseguido o dinheiro. Quando os usou, porém, alegou que foi um presente deixado pelo sogro. Para estupefação de todos, que não entenderam nada do que ela estava falando. Contudo, foi tão convincente em sua história que ninguém mais tocou no assunto. Afinal de contas, da caixa de ferramentas, ninguém lembrava mais.

Data : 27/02/2013

Título : CARPE DIEM

Categoria: Crônicas

Descrição: Expressão latina que quer dizer: Aproveite o dia! Popularizada pelo filme Sociedade dos Poetas Mortos, de 1990, caiu como um luva na crônica que escrevi essa semana sobre o tema.

Primeiro é o Carnaval, depois o fim do horário de verão, dali a pouco é aquele ventinho mais frio que anuncia o inverno e pronto: lá se foi mais um ano. Digo, o começo de mais um ano. Entramos na roda-viva do ano que começa e daí para a frente é ligar o piloto automático até as férias de inverno – breves – e o fim de ano.

Outubro: primavera; novembro cheirando a dezembro. Dezembro? Nem se fala. Esse praticamente se resume às festas: Natal e Reveillon. Janeiro ou fevereiro – se for juiz, os dois - férias, praia ou outro programa do gênero. Carnaval... bem, não preciso me repetir.

Assim é o ano. Assim é a vida que nos escorre pelas mãos!

O tempo passa muito rapidamente. É uma conclusão inevitável. Para quem, como eu, viveu isso pelo menos 44 vezes, começa a ficar evidente que esse ciclo é ininterrupto e mais rápido que podíamos esperar ou desejar. O tempo passa e isso não é apenas uma constatação, mas um protesto também, afinal o fim disso tudo a gente sabe onde vai dar.

Mas essa é a vida e assim para todos. O que nos tranquiliza um pouco, mas não muda o fato inevitável. Por isso, vivermos o dia como se fosse o último também parece um fato inevitável, afinal o tempo passa você o aproveite ou não. E aproveitar ainda parece a melhor opção. É claro que quando isso for possível, ou seja, quando você não esteja doente, sem emprego ou endividado, porque nessa três situações só vai se pensar numa coisa: sair delas. Afora isso, temos que criar formas de fazer a vida valer a pena. Carpe diem, como nos ensinou o inesquecível filme Sociedade dos Poetas Mortos - Oscar de melhor roteiro original de 1990 -, pois o tempo é inexorável e a única coisa que pode detê-lo é o poder da imaginação.

Quando viajamos e conhecemos lugares diferentes, de certa forma estamos fazendo isso: detendo a passagem do tempo. O mesmo acontece quando vivemos qualquer experiência nova.

Já disse um estudo que a sensação do tempo passar rapidamente deve-se ao fato de que vivemos na rotina. A indiferenciação das experiências vividas nos provoca isso. Tudo parece uma sucessão interminável dos mesmos fatos, pessoas e sentimentos. Com o tempo tempo a mente desliga e quando vemos, bum, passou um ano, dois, uma década. Mudar as coisas faz o tempo andar mais devagar. A mente se detém nessas experiências – o piloto automático é desligado - e passamos a contar o tempo não mais em dias, meses ou anos, mas em realizações. Enriquecemos em experiências e como seres humanos. Nossa memória se qualifica e associamos a passagem do tempo a esses fatos.

Experimenta! Lembra da tua última experiência mais significativa? Quando ela aconteceu? Ontem? Há uma semana? Há um mês? Há um ano? Viu? É fácil lembrar?

Agora me diga: o que você comeu terça-feira da semana passada?

Difícil, né! Então, façamos valer a pena! Vivamos! Assim a passagem do tempo se tornará menos cruel e a vida terá valido à pena.

Quando do alto dos nossos 70, 80 anos olharmos para trás, não lembraremos por certo de muitas coisas, apenas daquelas que nos marcaram mais profundamente e o número delas nos dirá se vivemos ou não e, como à noite, quando pomos a cabeça na travesseiro, se vamos dormir ou não. Afinal, como já dizia um poeta (eu):

Dormir é como morrer

(...)

Nem a todos

é consentido.

Pois dormir

como morrer

implica

(...)

Ter amado

Ter vivido[1].

Autor: Júlio Perez

Auditor Público, escritor e membro da APL

---

[1] Do meu livro Expresso Instante, de 2006.

Data : 30/11/2013

Título : Casamento

Categoria: Contos

Descrição: De repente a constatação: elas me deixaram! Ocorreu-me a partir da quarta hora de ausência delas. Jamais elas demoram assim.

JÚLIO CÉSAR PEREZ

De repente a constatação: elas me deixaram! Ocorreu-me a partir da quarta hora de ausência delas. Jamais elas demoram assim. Tinham dito que iam ao mercado. E o mercado é aqui perto. Em duas horas, no máximo, já deviam estar de volta.

Fui até lá para me certificar: nem sinal delas.

Não que isso me desespere. É claro que ser deixado não é de maneira nenhuma uma sensação agradável. Mas nesse primeiro momento o que sinto é a liberdade, a imensa liberdade de estar só. Antes, aquela eterna confusão aqui em casa, as crianças se engalfinhando, a Cida gritando com elas e eu apenas querendo escutar o noticiário, ler um pouco ou escutar meus cds. Agora tudo isso me é franqueado com uma naturalidade assustadora. De tão empolgado sequer sei o que fazer antes. Primeiro quando elas me disseram que iam ao mercado e não fizeram questão que as acompanhasse, até estranhei, mas depois senti a euforia da libertação, nem que fosse apenas por algumas horas. Mas agora que já faz todas essas horas que saíram, começo a me dar conta que meus dias de pai de família, homem casado, compromissado e devidamente bem amarrado talvez tenham chegado ao fim. Me assusta um pouco esta perspectiva. Por outro lado, aquela sensação de pavor inicial amaina e dá lugar a uma sensação nova. A sensação de liberdade, ter o mundo aos seus pés, todas as possibilidades em gestação, como uma grande bolha, viva e quente,

pulsando como um grande coração. Furá-la com a ponta do dedo e a penetrar começa a me instigar como uma aventura fascinante. Começo a pensar em tudo: pra quem ligar, pra onde sair, o que usar, rever meus hábitos e conceitos. Por outro lado, também é preciso não ter pressa. Afinal de contas, agora o tempo está do meu lado - time is on my side, como já dizia aquela velha balada dos Stones.

Não é à toa que penso dessa maneira. Há muito tempo nosso casamento já não era o mesmo. Brigávamos por nada, e não tínhamos mais o que conversar. Frequentemente ela me ameaçava, dizendo que iria embora com as crianças. Eu não levava a sério, mas um dia ela foi mesmo, sem me avisar. Ficou uma semana na casa dos pais, no interior. Fiquei preocupado que não voltasse mais. Fui até lá. A gente acabou se entendendo e voltamos, sobretudo por causa das crianças que não se acostumavam com minha ausência. Mas agora acho que é pra valer. Eu também procuro minha felicidade. De repente ser livre de novo se tornou vital para mim. Não conseguia fazer o que gosto, não conseguia manter uma amizade. A vida familiar se tornou sufocante para mim. A decisão dela representa a escolha que eu não tive a coragem de fazer. Será melhor para todos nós.

Agora preciso ver o que farei primeiro.

- Marcelo, é o Ivo. Tem compromisso hoje de noite?

- Ivo? Que milagre! Achei que tinha perdido um amigo.

- Pois é, sabe como é que é... Essa vidinha de pai de família...

- Tá sozinho?

- Como que você advinhou?

- Ora, para você me ligar... Só se ela te deu uma folga.

- Na mosca! Acho que ela me deixou de novo. Só que agora eu não vou mais atrás.

- Bem que faz! Você tem que viver mais, cara. Esses anos todos você tem se dedicado demais a essa família. Se dá um tempo.

- É isso aí! E então? Tem compromisso?

- Pois é, cara... Se tu tivesse ligado antes. Agora já tá tudo armado com a Norma. Nós vamos dar uma saída, mas se tu quiser ir junto... tá tranquilo!

- Não, não... Que é isso companheiro? Eu ficar segurando a vela pra vocês? Só o que me faltava! Não tem problema, não! Eu me arranho.

- Quem sabe a gente não sai amanhã? Eu consigo um habeas corpus com a Norma.

- Iih, já tá assim, é?! Olha, abre o olho, hein! Quando menos espera tu também tá enrolado. Que nem eu.

- Tu acha?

- Tô te falando. Começa assim. Tu tendo que impetrar um habeas quando solteiro... Depois de casado nem com ordem judicial tu consegue sair de novo.

- É... bicho. Pior que é isso mesmo... As mulheres são todas iguais. Disputam exclusividade até com os amigos da gente.

- Ééé... vamos deixar assim. Amanhã, se for o caso, eu te ligo ou tu me liga. Tá combinado?

- Sem erro. Ah, vê se sai, hein? Não vai ficar aí amarrando o bode só porque está sem companhia. Não se preocupa comigo. Vai lá e curte a tua noite. Até!

É isso aí. A gente assume uma vida de casado. Muda de hábitos, perde o contato com os amigos e depois quando quer voltar, é difícil se entrosar de novo.

Talvez ficar em casa, curtir um filminho na TV também não seja uma má ideia, afinal de contas agora eu não tenho que dar satisfação da minha vida a ninguém. Se quiser, inclusive, levar uma vida de ermitão, quem se oporá a isso? Estou cansado de tentar parecer normal. Se trabalho, ganho meu sustento honestamente, pago minhas contas, não devo nada a ninguém. Agora, se eu quiser andar de cuecas dentro de casa, plantar bananeira no meio da sala, quem me dirá que não, que isso é feio, não é normal? É essa parte da liberdade que me agrada. Na vida, a gente tem que seguir tantas regras. Em casa quero ser eu mesmo, me libertar de todas as amarras, viver intensamente todas as possibilidades. Casar, de repente, representou para mim trazer para dentro de casa as normas sociais. É claro que isso me ajudou a vibrar no mesmo nível do meu meio, mas a partir de determinado ponto isso também deixou de ser importante. Afinal de contas, perdi o medo de mim mesmo. Me sinto mais seguro de ser eu, sem o receio de que disso resulte um bicho, um monstro ou um assassino. Exorcizei meu demônios. Agora quero viver.

É, o melhor é sair mesmo! Tem razão o Marcelo em me dizer isso. Ficar em casa nesse momento seria dar chance ao azar, quer dizer, começar a pensar na família, no vazio deixado por elas. Só saindo, encontrando gente nova para justificar essa ânsia por uma vida nova. Ficar em casa seria representar o papel do passarinho preso depois da porta da gaiola ter sido aberta.

- Mello? É o Ivo. Vai sair hoje à noite?

- Ivo! É você, cara?! Quanto tempo!

- Pois é. Sabe como é que é... Me diz: qual é o programa hoje?

- Cara, nem me fala. Hoje eu quero é ficar em casa. Depois de ontem... a maior zorra. Hoje, cama cedo.

- Poxa, que bola fora!

- Mas me diz: e a patroa?

- Não sei! Saiu. Acho que foi pra casa dos pais de novo. Levou as crianças.

- De novo, cara?! E agora? Que tu vai fazer? Não vai me dizer que vai atrás dela de novo? Chega, né, bicho! O casamento de vocês, faz tempo que vem nesse chove não molha. Me desculpe a franqueza, mas acho que tu também tem que assumir uma posição.

- Pois é cara... tu sabe... as crianças...

- Mas, bicho, pensa bem. As crianças crescem. Elas acabam entendendo. Mas vocês têm que se dar uma segunda chance.

- Não, quanto a isso tá tranquilo. Só que eu preciso me encontrar de novo, né cara! Por isso tô ligando. Mas já vi que eu estou completamente fora de forma. O Marcelo também já falou que tá em outra hoje.

- Olha, cara, eu teria o maior prazer em te acompanhar hoje nesse reingresso na velha vida, mas é que realmente hoje eu tô pregado. Ontem foi demais e hoje eu quero repor as energias. Mas, oh, se tu quiser passar por aqui pra levar um lero não tem galho. Eu só não quero é sair. Não vou dormir assim tão cedo. Ok?

- Olha, cara, vamos deixar assim. Quem sabe amanhã a gente se fala. Eu também não estou com esse tesão todo para sair. Era só para recomeçar de novo, aos poucos, sabe como é que é: tou destreinado.

- Que nada, cara. Logo tu entra em forma de novo. Se tu quiser vou 'tar em casa, falô? De novo outro carão! Definitivamente estou sem programa. De qualquer maneira, vou sair. Dar um rolê pela city, ver se encontro alguém. Ir começando de novo, sem estresse.

Pronto! Agora é só ver o efeito que causo. Roupinha toda em cima, perfume, gel no cabelo, grana no bolso. Só resta saber onde é o point da cidade.

No entanto, quando vou abrir a porta:

- Oi, amor! Demoramos? Também nem sabe quem encontrei no mercado? A Vilma, lembra? A Vilminha do Euclides. Foi aquela confusão. Beijinhos pra lá, beijinho pra cá. E ela fez questão que eu fosse até a casa dela. Cheguei até a esquecer da hora e de te avisar. Ué! Tu vai sair?

- Nãooo! Imagina!

(Júlio Perez, auditor público e escritor, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 31/12/2008

Título : Conta conjunta

Categoria: Contos

Descrição: Em mim, no entanto, ficou a impressão de que ele havia me escolhido para suas últimas palavras.

Conta conjunta

Era um velho cliente. Começamos a falar a propósito de nada. Ele quase resmungando, eu preocupado com a fila e a lhe dar pouca atenção. Depois, percebi que estava sendo mal educado e voltei a lhe dar ouvidos. Diante da sua

insistência e como não se afastava de perto do guichê, falando sempre, não tive outra alternativa. Só então pude entender o que estava dizendo:

-A conta é conjunta com a filha. Sabe como é que é... Sempre é bom prevenir. - Pois é... É mesmo... - dizia eu, querendo logo me livrar dele.

-A gente nessa idade... nunca se sabe...

- É... Claro... Tens razão.

-Um gerente de vocês daqui morreu num acidente...

-Ah, sim. Seu Kaminski. Uma lástima.

- Então. A gente nunca sabe, por isso...

-Conta conjunta! - arrematei a ver se com isso ele terminava de falar e com o dedo já no botão do controle para chamar outro cliente.

-Fiz com a filha... Pessoa da família... de confiança, sabe?

Nisso eu já havia chamado um novo cliente. Só assim consegui com que ele se afastasse um pouco do balcão. No entanto, de cabeça baixa, sempre resmungando, continuava a dizer coisas ininteligíveis. Por pura carência, com certeza, de conversar e ter quem o ouvisse.

Dei de ombros, afinal tinha todo um expediente pela frente e já conhecia o hábito dos velinhos, pois o meu caixa era justamente para atendê-los. Se a gente não toma a iniciativa de terminar o assunto eles não arredam pé. No entanto, eu não esperava que o final daquela conversa teria o desfecho trágico que teve, nem nada denunciava que um acontecimento definitivo estivesse prestes a acontecer e marcar para sempre as nossas vidas. Digo, a minha, porque a dele... Bem, com isso me antecipo e antes é preciso dizer algo à guiza de introdução.

Tão logo comecei a atender a senhora que tinha chamado, o velho desandou numa tosse que se não fosse repugnante pelo que devia estar revolvendo no interior do seu peito, seria cômica, porque tossia realmente a plenos pulmões e sem o menor senso de medida, quase sobre a senhora que atendia, a qual afastava-se fazendo cara de nojo. Entre ela e os pigarros do velho, apenas a mão trêmula e macilenta do ancião que, de certo, não conseguia conter tudo o que parecia expelir (evitava olhar para não ter de compartilhar o nojo da velha).

No entanto, como eu disse, aquilo não era cômico e começou a se tornar cada vez mais sério, à medida que ele não conseguia conter os acessos e parecia sufocar sob eles. Alguns, que riam, mudaram de expressão. A senhora que eu atendia deixou a cara de nojo. Ao nos voltarmos para ele, percebemos que a situação não era para brincadeiras: ele sufocava. Estava roxo e começava a dobrar as pernas. Fez menção de se apoiar no balcão, mas não teve tempo. Caiu já sem vida.

Foi aquele alvoroço. Muita gente acorreu para o socorrer, mas já era tarde. Estava sem pulso e sem respiração. Arrastamo-lo para um canto, abrimos o colarinho da camisa, as mulheres o abanavam, fizemos massagem cardíaca (ninguém teve coragem para uma respiração boca a boca), mas nada fez o pobre velho voltar à vida. Parecia que a sua hora tinha chegado. De tão velho, branco e macilento que era, ninguém tinha dúvidas disso. Não havia mais o que fazer. Sequer muita comoção causou, já que aquilo parecia ser a conseqüência mais óbvia do seu estado. A ninguém escapa, afinal, que a morte faz parte da vida,

ao menos quando ela deixa de animar um corpo e, no caso em questão, parece que a vida há muito havia deixado aquelas veias grossas e escuras, já sem o que levar e trazer, aquela pele enrugada, aqueles ossos pontudos e salientes, os olhos sem brilho. Chegaram afinal os paramédicos. O corpo foi recolhido e aos poucos a agência foi retornando à rotina.

Em mim, no entanto, ficou a impressão de que ele havia me escolhido para suas últimas palavras. Eu, um reles bancário a quem ele havia recorrido para a despedida, já que ninguém mais o ouvia e, a propósito de me falar da sua conta conjunta com a filha, travar comigo seu último diálogo.

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 02/07/2010

Título : CONVERSA ENTRE AMIGOS

Categoria: Pensamentos

Descrição: Dois amigos que cresceram juntos, se encontram depois de muito tempo separados.

## CONVERSA ENTRE AMIGOS

Dois amigos se encontram depois de muito tempo separados. Velhos, recordam com saudade os tempos de juventude . O mais extrovertido deles e que se dava melhor com as mulheres diz ao outro que dedicou a vida ao estudo:

- Tu tinhas razão, a vida requer mesmo hábitos mais contidos, valores como os teus. Hoje tens motivo para te orgulhares da tua sabedoria e com o que juntaste esses anos todos de trabalho. Já eu... nada tenho, se não boas recordações.

- É verdade, hoje eu tenho razão, mas naquele tempo tu a tinhas.

Data : 30/04/2006

Título : Conversa entre amigos

Categoria: Crônicas

Descrição: Dois amigos que cresceram juntos se encontram depois de muito tempo separados.

#### Conversa entre amigos

Dois amigos que cresceram juntos se encontram depois de muito tempo separados. Hoje, velhos, recordam com saudade seus tempos de juventude. O mais extrovertido deles e que, em geral, dava-se melhor com as mulheres diz ao outro que dedicou a vida ao trabalho e ao estudo:

- Tu tinhas razão, a vida requer mesmo hábitos mais contidos, valores como os teus. Hoje tens motivo para te orgulhares e te entreteres com a tua sabedoria e com o que juntaste esses anos todos de trabalho. Já eu... nada tenho se não boas recordações.

- E verdade, "hoje" eu tenho razão, mas naquele tempo tu a tinhas.

Da Revista

Água da Fonte nº 4

Data : 19/07/2010

Título : DAS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

Categoria: Crônicas

Descrição: O homem durante muito tempo exigiu provas da existência de Deus, e os cétricos dizem não serem capazes de crer porque não O entendem.

#### DAS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

O homem durante muito tempo exigiu provas da existência de Deus, e os cétricos dizem não serem capazes de crer porque não O entendem. Esquecem que muitas coisas também não entendem, nem por isso deixam de acreditar nelas. A natureza, por exemplo.

Contudo, a ciência, há mais de 500 anos, se propôs a explicá-la e foi justamente por isso que se rebaixou o status do sobrenatural. O homem anteviu a

possibilidade de viver sem Deus, colocando em seu lugar outra forma de explicar o mundo. Seria apenas uma questão de tempo decifrar todos os seus enigmas, e hoje as pesquisas avançam para dentro do DNA, do átomo e do Universo. Mas ainda há muitos mistérios a serem respondidos. Qual a origem da vida? O que é afinal a matéria? Estamos sós no Universo?

Essas são questões que permanecem ainda sem respostas. O que não impede que o homem, municiado de todo aparato tecnológico existente, continue a procurá-las.

Como resultado desse esforço, através da história, o homem acumulou uma quantidade enorme de informação e conhecimento. O que leva as novas gerações a buscar na especialização uma forma de se destacar na sua área de atuação. Já há muito, foram-se os tempos em que o homem podia aspirar ao ideal faustiano: dominar todas as artes e ciências. Nesse sentido, é inconcebível hoje qualquer pesquisa de ponta sem a especialização e o trabalho em equipe, pois já não é mais possível apenas um cérebro dominar a gama de informações e conhecimento que se produziu ao longo tempo.

Assim, aquela exigência inicial do céptico, de entender para crer, já não faz mais sentido, pois não é por não entender como funciona o telefone celular que vou deixar de usá-lo, ou o automóvel, as mídias de som e imagem, o computador.

Assim, o que fazer se não crer no técnico de informática quando nos diz os comandos que devemos dar para um programa funcionar? Alguém ainda se atreveria a perguntar “por quê” quando se sabe que os sistemas operacionais nada mais são do que plataformas rodando uns sobre os outros, sendo o último apenas uma interface mais amigável? Ninguém se pergunta que complexos sistemas eletrônicos está acionando quando dá partida no carro. Queremos apenas que ele pegue e funcione, assim como o celular. Que ele tenha sinal, por favor! Quando não funciona, simplesmente chamamos alguém que entende.

É como se hoje, ao irmos ao mecânico ou ao técnico de informática, fôssemos, nos tempos de Sócrates, ao oráculo para saber as respostas.

A questão não é mais que não há respostas. A questão é que não podemos saber tudo.

Nesse sentido, reconhecer as nossas limitações diante Universo parece inevitável, como inevitável se mostra a constatação de quão excessivas têm sido as exigências intelectuais feitas para admitirmos a possibilidade da existência de um Ser Superior. Afinal, se provado está que não temos como dominar todo conhecimento disponível, é razoável pensar que existam coisas além da nossa compreensão. O que reabre espaço para o sobrenatural, para outras formas de apreender o real e a prática de ritos equivalentes. Neste contexto, a retomada de conceitos usados e provados através da história parece uma estratégia recomendável diante de tantas formas novas e de eficácia não comprovada nesse terreno. O conceito de Deus, por exemplo. Não seria o momento de ressuscitá-lo depois que a História moderna declarou a sua morte?

Data : 30/04/2006

Título : Definição de um escritor

Categoria: Crônicas

Descrição: Tenho passado a maior parte do meu tempo escrevendo mensagens em garrafas e as lançado ao mar em busca de socorro.

## DEFINIÇÃO DE UM ESCRITOR

Tenho passado a maior parte do meu tempo escrevendo mensagens e as lançado ao mar, dentro de garrafas, com pedidos de socorro. Mas não tenho obtido resposta, apesar de estar nesta atividade há anos. No entanto, encontrei no ato de escrever um prazer que não conhecia. Prazer este oriundo da satisfação de produzir histórias. A solidão a que fui constrangido pelo naufrágio tem me proporcionado o ambiente ideal para este tipo de atividade. Tenho passado a maior parte do meu tempo neste labor.

Atualmente estou escrevendo a história da minha vida nesta ilha, o que tem absorvido todos os meus esforços durante o dia. E planejo para breve uma outra história com ingredientes mais picantes, histórias de piratas, tesouros escondidos e as descobertas incríveis de um naufrago numa ilha deserta.

Enfim, as possibilidades são muitas...

Todos os dias lanço um capítulo novo ao mar, na esperança de resposta que até agora não veio. No entanto, isso já deixou de ter importância para mim.

Da Revista

Água da Fonte n° 4

Data : 17/05/2013

Título : DIVULGAÇÃO NOMINAL DA REMUNERAÇÃO DOS SERVIDORES PÚBLICOS: POR QUE SOU CONTRA.

Categoria: Artigos

Descrição: O Tribunal de Justiça do Estado teve negado no STF a liminar que visava impedir a divulgação nominal da remuneração dos seus servidores.

## DIVULGAÇÃO NOMINAL DA REMUNERAÇÃO DOS SERVIDORES PÚBLICOS: POR QUE SOU CONTRA.

O Tribunal de Justiça do Estado teve negado no STF a liminar que visava impedir a divulgação nominal da remuneração dos seus servidores. Causou-me, no entanto, constrangimento quando hoje – 16/05/2013 - abri os jornais e vi estampado nas primeiras páginas a relação dos nomes dos desembargadores e seus respectivos vencimentos. Instintivamente ative-me às cifras, não aos nomes, pois não conheço pessoalmente os magistrados que ali estavam sendo devassados e, por não conhecê-los pessoalmente, não me despertaram qualquer interesse seus nomes.

Na esteira dessa atitude, ocorreu-me que o motivo principal porque sou contra a divulgação nominal dos vencimentos dos servidores públicos é porque esses nomes só podem interessar a quem os conhece pessoalmente e, por consequência, se prestar apenas a curiosidade de quem é das suas relações pessoais, constituindo-se para esses servidores fonte de constrangimento, insegurança e invasão de privacidade. Situações estas vedadas pela Constituição, em seu art. 5º, inciso X, que diz que são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, sob pena de indenização.

Tais nomes, se substituídos por servidor X, Y ou Z, teriam o mesmo efeito para fins de controle – daí o genuíno interesse público – do que a divulgação nominal como ora se faz, com violação à segurança e à intimidade das pessoas.

A condição de servidor público não significa que os mesmos tenham que ter a sua vida devassada, pois assim como o servidor quando age, age em nome do Estado e não em seu próprio nome – não interessa quem atuou ou quem prestou o serviço, se o servidor X, Y, ou Z, interessa que tenha sido um agente legítimo do Estado - assim também não há de ter interesse público a divulgação nominal da remuneração desses servidores. Não podemos, pois, para situações iguais, usar de critérios diferentes. Como o servidor tem que respeitar ao princípio constitucional da impessoalidade, tem também o Estado de observar esse princípio quando divulga a remuneração dos que lhe prestam serviço.

O escopo da transparência do gasto com pessoal só se justifica para se aferir se o mesmo está de acordo com as normas legais, e não para saber quanto fulano ou beltrano – meu vizinho, meu amigo, meu conhecido, meu parente – ganha. Se assim não fosse, teríamos todos direito de saber de todos quanto cada um ganha com o seu trabalho. Se isso constitui invasão de privacidade na esfera privada, porque haveria de ser diferente na esfera pública?

A remuneração quando paga ao servidor não tem mais o caráter de dinheiro público, pois como retribuição do seu trabalho, incorpora-se à esfera jurídica da sua relação privada. São os recursos com os quais mantém a sua subsistência e da sua família.

A divulgação não-nominal da remuneração dos servidores públicos é oportuna e bem vinda, pois se coaduna com o espírito da época, da informação e da

transparência, mas não podemos em nome desses valores cometer excessos, violando a intimidade e a vida das pessoas.

O dogma do politicamente correto está sendo levado a extremos, em nome do qual, aliás, muitos se omitem, por medo de divergir da maioria e serem taxados de conservadores, atrasados ou burros. São patrulhas de diversas ordens que partem para agressão ao invés do diálogo e do confronto de ideias. Um virtude que sempre foi rara e está se tornando ainda mais rara: a capacidade de conviver com as diferenças. A massificação e a homogeneização das opiniões são preocupantes. Tornam as massas presas fáceis da manipulação. Toda unanimidade é burra, já nos advertia Nelson Rodrigues. Tenhamos isso em mente, como um antídoto contra as posições uníssonas que empobrecem o diálogo e a inteligência.

Se eu estiver errado, me convençam! O que significa dizer: vençamos juntos!

Júlio Perez

Auditor Público e Escritor

Data : 19/07/2013

Título : ENCONTRO DOS AUTORES DE PASSO FUNDO NA JORNADA DE LITERATURA DE 2013

Categoria: Artigos

Descrição: Dia 28/08, às 10:00, no Café Literário, durante a Jornada de Literatura, estará acontecendo ENCONTRO DOS AUTORES DE PASSO FUNDO NA JORNADA DE LITERATURA DE 2013

Você que é autor - escreve e tem livro publicado; escreve e não tem nada publicado - ou apenas aprecia a Literatura, venha dia 28/08, às 10:00 até o Café Literário durante a programação da Jornada de Literatura para participar do ENCONTRO DOS AUTORES DE PASSO FUNDO NA JORNADA DE LITERATURA DE 2013. Lá discutiremos os assuntos relacionados à Literatura, as graças e as dificuldades que encontra aquele que escreve.

Venha e participe! O Espaço é seu.

Dia 31/08, no mesmo horário e local teremos mais uma evento. Um painel sobre o Autor Local.

Participe! Vamos mostrar que Passo Fundo também tem coisas legais para mostrar ao mundo na Literatura.

Data : 02/08/2010

Título : ENCONTROS LITERÁRIOS SESC

Categoria: Artigos

Descrição: Programação para o período de 05/08 a 14/08 do Sesc sobre Literatura. Não perca! Eu vou!

Encontros Literários

Poesia e letras de música: convergências e diferenças

Debatedores: Sérgio Napp e Rubem Penz

Mediação: Eládio Weschenfelder

Horário: 19h30min

05/08 – Passo Fundo

Local: Av. Brasil, 30 – Passo Fundo/RS

Oficinas Literárias

Leitura de Poesia – O prazer da poesia

Leitura e discussão detalhada de poemas escolhidos. Identificação do que possibilita o prazer estético em cada poema. A produção de sentido especificamente poética, dentro de uma proposta de superação das dificuldades de leitura. O tipo de prazer que só a poesia dá e que a difere das outras artes. Literatura brasileira e universal.

Ministrante: Sidnei Schneider

13/08 – 6ª Feira

Horário: 18h às 22h

14/08 – Sábado

Horário: 08 às 12h

Local: Av. Brasil, 30 – Passo Fundo/RS

Data : 19/11/2010

Título : ENTREVISTA

Categoria: Artigos

Descrição: Entrevista concedida à TV Câmara sobre meu livro. Horários de exibição.

Amigos, dias 23, 24 e 26/11, ou seja, terça, quarta e sexta-feira, estará indo ao ar entrevista que concedi à TV Câmara pelo lançamento do meu livro, Fugaz Idade.

O horário de exibição não é bem certo, mas terça-feira deve ir ao ar em torno das 23:20; quarta, às 22:20 e sexta-feira, às 20:20, no Canal 16 da NET.

Se lembrarem dêem uma olhada. Acho que ficou muito bom. Foi uma oportunidade para falarmos sobre diversos assuntos, com destaque para a literatura e a poesia em especial.

A entrevista foi realizada pelo Paulo Monteiro, no programa Literatura Local, um convênio entre a TV Câmara e a Academia Passo-Fundense de Letras.

Um abraço!

Data : 24/11/2010

Título : ENTREVISTA

Categoria: Artigos

Descrição: Foi ao ar ontem - 23/11. Vai ao ar hoje - 24/11/2010. Na TV Câmara, Canal 16 da Net.

Foi ao ar ontem - 23/11. Vai ao ar hoje - 24/11 - às 22:20 - a entrevista que concedi a TV Câmara, Canal 16 da Net sobre o meu livro Fugaz Idade, no Programa Literatura Local.

É uma oportunidade de divulgação do trabalho dos autores locais, através do Convênio que a Academia de Letras mantém com a TV Câmara.

Data : 11/08/2013

Título :        ESTRADA MALDITA

Categoria:    Contos

Descrição:    De repente me dei conta: era madrugada. Apenas a primeira hora da madrugada, mas madrugada, quando a noite perde a inocência e tudo parece possível. Ao pensar nisso, um outro pensamento se insinuou: eu estava sozinho no carro, mas era como se uma presença me acompanhasse, uma presença maligna, nascida das sombras e da solidão.

## ESTRADA MALDITA

A noite estendia-se calma e silenciosa à minha frente. Havia lua, mas também nuvens que a obscureciam de vez em quando. Àquela hora havia pouco movimento. Estava contrariado por ter de voltar para casa depois de um dia cheio, mas ela foi irredutível: não queria que eu passasse a noite fora, por isso, depois da solenidade, tive de pegar a estrada.

Não estava acostumado a dirigir a uma hora daquelas.

De repente me dei conta: era madrugada. Apenas a primeira hora da madrugada, mas madrugada, quando a noite perde a inocência e tudo parece possível. Ao pensar nisso, um outro pensamento se insinuou: eu estava sozinho no carro, mas era como se uma presença me acompanhasse, uma presença maligna, nascida das sombras e da solidão. Flashes de imagens começaram a me ocorrer. Cenas vistas em filmes ou imagens evocadas por leituras diversas: algo que estivesse sentado ao meu lado e de repente se materializasse em um ser assustador.

Fixei-me na estrada, temendo, e ao mesmo tempo achando-me ridículo por temer, voltar o rosto para o lado. Parece-me que se o fizesse daria substância a meus pensamentos. Aumentei o volume da música, procurei me distrair e, para provar pra mim mesmo que aquilo nada mais era do que produto da minha imaginação, passei a olhar rapidamente para o lado e para trás.

Ao fazê-lo, contudo, não tive tempo de reagir. Havia alguma coisa caída no asfalto, depois da curva. Parecia um corpo. Era grande. Passei por cima. Houve uma batida no pneu direito e embaixo. Por sorte estava com a camionete. A altura e a estabilidade do veículo permitiram-me seguir adiante sem maiores problemas. Se fosse um carro menor teria me acidentado.

O que era aquilo? Uma pessoa? Um animal?

Pensei em parar, mas a estrada deserta e àquela hora não achei que seria uma boa ideia. Lá fora estava frio e escuro. As nuvens haviam definitivamente escondido a lua. Temi não enxergar nada e ainda me expor ao risco.

Quem sabe dar meia volta, ao menos?

Mas hesitei. Já havia me afastado muito. Pelo retrovisor não consegui ver nada. À minha passagem, o breu da noite fechava-se sobre a estrada.

Temi ter atropelado alguém. Talvez um bêbado que tivesse caído sobre a faixa, ou alguém que agonizava após uma primeira colisão. De qualquer sorte, a ideia de haver passado sobre o corpo de uma pessoa, viva ou morta, me incomodava.

Contudo, a absoluta solidão em que me achava e a madrugada haviam arrefecido meus escrúpulos. Parece-me que aquela noite não acabaria mais, nem aquela estrada, e que me afastaria para bem longe, no tempo e no espaço, do que quer que houvesse acontecido. Não havia porque eu me preocupar. Ninguém ficaria sabendo. Por outro lado, era absurdo aquilo. Eu podia ter atropelado alguém e esse alguém teria nome, uma história e pessoas queridas que o esperavam, como me esperavam, afinal, em casa. O meu destino não estava tão longe assim e aquela noite acabaria por certo, como todas as noites que meus 45 anos já haviam me provado que sempre acabam. Mas não sei explicar. O Mal parecia presidir aqueles acontecimentos, me transformando num instrumento involuntário dele.

Acabei tocando em frente, procurando fixar meus pensamentos em casa, no quanto ainda faltava para chegar e aquele vulto afinal não teria passado de um bicho, um cachorro, grande, já atropelado e que recém jazia sobre o asfalto, como costumamos ver na estrada. Em casa eu veria a extensão do estrago no veículo. Isso me daria uma noção mais justa do que poderia ter sido.

Voltei meus pensamentos para a solenidade. Eu havia sido convidado para ser jurado de um concurso de oratória e declamação em Erechim. Eu não sabia que ela ia estar lá. Ela não havia me dito nada que iria quando a convidei. Só depois fui saber que ela tinha ido. Não a vi na plateia. Os holofotes estavam voltados para o palco. Quase não víamos o público na obscuridade. Também eu estava concentrado nas apresentações, afinal estávamos ali para julgá-las. Faziam parte da banca, além de mim, duas mulheres que eu não conhecia. Achei-as esnobes. Não consegui me entrosar com elas. Acho que seria importante trocarmos impressões durante as apresentações para ir balizando nossas avaliações, mas não deram mostras de que pensavam assim.

Na saída, recebi uma mensagem no celular: “Adorei ver você!”

Não quis retornar, pois havíamos combinado que não nos trocaríamos mensagens nem ligações que pudessem nos pôr em risco. Temi que ela já estivesse em casa. Falaria com ela depois, mas fiquei decepcionado por ela não ter vindo falar comigo.

Sabia o quanto ela sofria. Infeliz no casamento, vivia há anos com um homem que não a valorizava. Tinha sido o meu primeiro amor. O destino nos separara. Nos reencontramos após muitos anos, através do facebook. Começamos a nos corresponder até que o reencontro foi inevitável.

No começo, hesitamos. Havia se passado muitos anos, mas depois de um tempo retomamos a intimidade que sempre havíamos tido. Acho que ela era minha verdadeira alma gêmea, mas ainda alimentava a mágoa por ela não ter ficado comigo. Antes de ela se casar, eu a havia procurado, depois de algum tempo sem vê-la. Eu havia saído de Erechim para fazer faculdade em Porto Alegre. Minha situação havia mudado e podíamos ficar juntos, mas ela hesitou e as coisas acabaram tomando outro rumo. Agora mais uma vez o destino nos aproximava, mas... era como se eu a quisesse punir por ter me trocado. E eu tinha uma família. Não podia jogar tudo pro alto.

Levei ainda uma hora para chegar.

Em casa, sob a luz da garagem, chequei a frente e a lateral da camionete. Nada, aparentemente, havia acontecido. Olhei por baixo, mas estava escuro. Não consegui ver se havia alguma mancha de sangue ou mesmo algum fragmento do corpo. Quem sabe por essas evidências poderia avaliar o que eu havia atropelado.

Melhor seria esperar até amanhecer, para ter certeza.

Não comentei nada com Eloísa. Deitei-me ao seu lado – ela já dormia - e a abracei para confortá-la de que havia chegado bem. Contudo, não consegui dormir. Estava ainda com a adrenalina da estrada e da noite. Levantei, tomei um vinho e assisti um pouco de TV. Pensei novamente nela e o que poderia ter acontecido para ela não querer vir me falar.

Acalmei-me e afinal pude dormir, mas dali a pouco já seria dia. Estava definitivamente contrariado por ter tido que atender ao capricho de Eloísa que não queria passar a noite sozinha e, ademais, ela nem havia me esperado. Não faria diferença nenhuma eu ter chegado de manhã, mas vá entender as mulheres!

Tive um sono agitado. Sonhei que passava por cima de um corpo vivo que na hora levantava a mão para me pedir socorro. Acordei com o impacto da porta do quarto, aberta abruptamente por Eloísa.

Passado o susto do pesadelo e de banho tomado, fui até a garagem checar mais uma vez o veículo. Tive que tirá-lo da garagem para a luz do sol, para conseguir ver melhor. Inventei pra Eloísa que tinha atropelado um cachorro e precisava ver se tinha estragado alguma coisa embaixo. Temia encontrar uma evidência de que eu tinha atropelado uma pessoa.

A imagem do sonho, agora, ajudava a me aterrorizar: alguém que eu abalroava, deitada no chão, justamente no momento em que levantava uma das mãos para tentar me deter ou pedir socorro.

Embaixo do carro, havia sangue e, na proteção do motor, alguma coisa havia aderido. Pareciam pedaços de pele e tufo de pelo. Ou seria de cabelo? Não quis retirar. Não tinha luvas de látex em casa, também não queria assustar Eloísa. Pensei em mandar lavar o carro, mas antes precisava checar aquilo.

Liguei a TV atrás de notícias e o rádio também. Perguntei se ela sabia de alguma coisa. Como ela tinha levantado mais cedo, talvez pudesse ter escutado no noticiário da manhã. Ela quis saber por quê aquela curiosidade. Estranhou a pergunta, mas eu desconversei.

Fui trabalhar à tarde e deixei o carro no estacionamento. Aquilo, porém, não me saía da cabeça. Vasculhei sites de jornais da região para ver se descobria alguma coisa, mas nada. Nenhuma evidência de que alguém havia sido atropelado naquela madrugada.

Não conseguia me decidir o que fazer: mandar lavar o carro ou fazer uma checagem melhor do que eram aqueles restos sob o veículo? Decidi, por fim, que não podia ficar com aquela dúvida. Comprei umas luvas de látex e fui até a garagem recolher o material. Tive de deitar sobre uns papelões velhos que havia para não me sujar.

Consegui recolher restos de pele e tufo de pelos. Pretos e curtos. Tanto poderiam ser efetivamente pelos como cabelo humano. Não era possível dizer do que se tratava. Não tinha, contudo, onde guardar. Achei que um exame visual aplacaria minhas dúvidas, mas aquilo só fez aumentá-las. Precisava fazer um exame, de DNA, provavelmente, mas onde conseguir aquilo sem levantar suspeitas. E se fosse humano, a polícia não teria de ser comunicada?

Usei as próprias luvas para guardar o material, invertendo-a na hora de tirar, deixando dentro a amostra recolhida. Embarquei no veículo e deixei no posto para lavar. As luvas, deixei sob o banco. Pedi que lavassem apenas por fora e embaixo, especialmente.

No fim do dia, quando fui buscar o veículo, o responsável pela lavagem me entregou as chaves com um ar de desconfiança:

- Atropelou um bicho grande, hein, doutor?
- Ahn? Como?
- O carro. Tava todo sujo de sangue por baixo.
- Ah, sim, um cachorro, ontem à noite, no asfalto.
- Ahn, sim. Mas tinha uma coisa ali que não parecia de bicho, não.
- Como assim?
- Uns restos de pano. Parecia uns rasgos de roupa. A menos que o bicho tava de roupa, não é mesmo, doutor? – disse me estudando.
- É, vai saber. Hoje em dia esse pessoal tem mania de pôr roupa em bicho.
- É...

Dei-lhe um sorriso amarelo e peguei minhas chaves.

Estava transtornado. Precisava me acalmar. Estava tudo se encaminhando para a evidência de que havia atropelado uma pessoa. Já poderia estar morta – ou não -, mas o fato é que atropelar um corpo humano, vivo ou morto, não é uma experiência nem um pouco agradável.

Estava apavorado. Não podia chegar em casa com aquela cara.

Parei num bar e pedi uma dose dupla, de conhaque.

Ao consultar as horas no celular, havia uma mensagem.

Era ela.

“Por que você não me respondeu?”

Percebi que ela se arriscava. Pensei em responder-lhe, mas àquela hora o marido provavelmente já estaria em casa e ela havia me mandado a mensagem há mais de uma hora. Havia esquecido dela. Devia ter-lhe enviado um email, de tarde. Mas com o que havia acontecido... me esqueci. Apaguei a mensagem e registrei mentalmente que precisava lhe mandar um email.

Cheguei em casa um pouco alto. Eloísa notou:

- Você bebeu?!
- Parei para tomar um conhaque. Hoje o dia foi punk no escritório.
- Uhn!

Ela não gostava quando eu bebia. Lembrança dos tempos de solteiro quando eu aprontava depois de beber. Há muito tempo eu não fazia mais dessas, mas as marcas tinham ficado.

- Você mandou lavar o carro?
- Mandei, por que?
- É que ele está pingando e molhou toda a garagem.
- Ahn, não havia notado.

Será que deixaria marcas de sangue?

Devia ter perguntado para o cara da lavagem se havia muito sangue mesmo. Acho que ele não me contou toda a verdade. Ele avisaria a polícia? Imagino que a polícia deve ter contato nesses lugares. Quando acontecem atropelamentos, normalmente as pessoas mandam lavar o carro. É a primeira reação e a mais fácil para descobrir os responsáveis. Mecânicas e chapeações também são lugares certos para investigações. Já me imaginava sendo levado algemado de casa. As notícias correriam e minha reputação estaria arruinada.

Divagava quando Eloísa chamou-me para jantar. Estava achando estranhas minhas atitudes desde a véspera. Eu andava muito pensativo e alheado.

- Aconteceu alguma coisa?
- Não, por que?
- Não sei, estou te achando estranho. Está ainda chateado por eu ter te pedido pra voltar ontem.
- É claro, né! Dirigir de madrugada não é pra ninguém. E, ademais, já não sou um guri e ainda por cima esse atropelamento.
- Atropelamento?!
- É, desse cachorro. Quase fui parar fora da estrada.
- Mas foi grave assim? Não sabia... por isso tu mandaste lavar o carro? Tinha muito sangue?
- Tinha. Pelo que o cara da lavagem me falou.

- E com é que foi.
- Ele tava no meio da pista. Não deu pra desviar.
- Mas era um cachorro mesmo?
- Por que essa pergunta?! É claro que era!
- Não é que de noite... sabe como é que é? É difícil de enxergar.
- Você está querendo insinuar alguma coisa?
- Não! Como assim? Pra quê essa agressividade toda?
- Ah, também, já não basta ter-me feito voltar, agora ainda essa desconfiança.
- Mas que desconfiança, homem? Do que tu tá falando?
- Nada, nada, nada!!!

Levantei-me da mesa, sem ter tocado na comida. Fui para o quarto trocar de roupa. Precisava tomar um banho.

Precisava decidir o que fazer. Aquilo estava escapando ao meu controle.

No dia seguinte, tomei uma decisão. Precisava ir até o local do acontecido. Ver se descobria alguma coisa. Poderia sair de manhã e voltar à tarde. Pretextaria um motivo para não almoçar em casa, afinal nossa relação já estava meio conturbada. Me faria de magoado pelas suspeitas dela. Almoçaria no centro.

Fui até o local. Ficava a uns 80 quilômetros. Calculei que fosse ali. Conhecia bem aquela estrada. Ficava depois de uma curva, sob algumas árvores que margeiam o caminho, fazendo uma espécie de cobertura sobre o asfalto. Havia sol. Podia fazer uma verificação completa.

Sobre os asfalto, marcas de sangue. De fato tinha sido ali. Causou-me comoção constatar a materialidade do ocorrido. Agora sob a luz do sol, parece que aquilo ganhava uma outra dimensão: eu tinha matado alguém.

Procurei em volta para ver se avistava algum sinal de vida, alguém que pudesse ter presenciado aquilo, ter sido o primeiro socorro da vítima, mas nada. Não havia evidências de uma viv'alma. A cidade mais próxima era Getúlio Vargas. Talvez tenha sido o primeiro socorro. Podia ir até lá, investigar, afinal tinha o dia pela frente.

No meio do caminho lembrei que tinha ficado de mandar aquele email. Teria que fazer isso pelo celular, onde tivesse sinal, obviamente, pois estava no meio do nada. Parei num posto que tinha sinal wi-fi. Consegui me conectar. Pensei no que dizer. Não estava com cabeça para aquilo, mas precisava. Pensei que poderia vê-la, afinal Erechim não estava longe. Podia, quem sabe, desabafar com ela. Éramos, por assim, dizer, de certa forma, cúmplices. Enganávamos nossos parceiros. Parece que isso nos dava uma outra dimensão de possibilidades.

Afinal, mandei a mensagem. Se ela podia me encontrar. Precisava esperar o retorno, antes de tomar a estrada novamente e decidir meu destino.

Não demorou a resposta. Era positiva.

Disse que estava a caminho. Combinamos onde nos encontrar. Um posto de combustível no centro da cidade. Ela não dirigia, por isso tinha de pegá-la lá.

Aquilo de certa forma me aliviava. Precisava contar para alguém. Estava começando a enlouquecer com essa história. Não podia lidar com isso sozinho. E com ela, sentia-me estranhamente à vontade para isso.

Avistei-a à distância. Usava óculos escuros. Estava na loja de conveniência comprando alguma coisa. Parece que havíamos chegado juntos. Parei junto à bomba para disfarçar. Tive de abastecer, pois o frentista, solícito, chegou para me atender. Dali ela me veria com certeza.

Uma vez no carro, precisávamos nos afastar. Rumamos ao motel que costumávamos frequentar. Estava feliz por vê-la novamente. Ela também. Tínhamos a tarde pela frente. Podíamos conversar à vontade.

- O que te deu em vir no meio da semana? Tens compromisso na cidade?

- Precisava te ver. Por que não vieste ao meu encontro naquela noite?

- O lugar estava muito cheio. Conheço muitas pessoas aqui. Poderiam nos ver juntos.

- Uhn.

Éramos dois clandestinos. Podíamos andar por terrenos que outras pessoas normalmente evitam. Por isso, depois de fazermos amor, contei-lhe com naturalidade o que havia acontecido, as minhas preocupações. Precisava saber o que ela pensava daquilo. O que eu poderia fazer. Embora eu fosse advogado, precisava ouvir o julgamento de uma pessoa comum. Qual o sentimento ético que ela tinha sobre o fato. Ela era, por assim dizer, o meu tribunal do júri.

- Acho que você deve esquecer isso. Foi um acidente.

- Sim, mas eu poderia tê-la socorrido.

- Você temeu por sua segurança, e ademais tu achou que havia atropelado um animal.

- Mas o fato é que não era um animal. Era uma pessoa!

- Mas tu não sabia disso.

- Mas agora eu sei! Como é que eu convivo com isso, em paz?

- Você se questiona demais. Você deve esquecer e tocar tua vida. Não há alternativa.

- Há.

- Qual?

- Eu me entregar.

- Eu não sabia que você tinha esse tipo de pensamento.

- Que tipo?

- Tão ético assim?

- Eu sou um advogado. Tenho que defender a lei.

- Não, você tem que defender o teu cliente.

- Mas eu vivo da lei e eu devo respeitá-la. Se eu agir diferente é como seu dissesse pra todo mundo que descumprir a lei é legal.

- E o que nós estamos fazendo, não é de certa forma o pior dos descumprimentos legais – ou morais – que o seja: a traição?!

Preferi não responder, pois sabia que ela tinha razão. Quem era eu, afinal, para vir manifestar pruridos de consciência numa hora dessas?

Voltei, finalmente, para casa aliviado por ter dividido com alguém aquele fato, mas não sabia ainda até que ponto aquilo adiantaria muito, pois para viver às claras tinha que ter outra atitude e eu não era um homem que vivia às claras.

Acabei me atrasando para chegar em casa. Calculei mal o tempo de retorno. Ademais havia congestionamento na entrada de Passo Fundo.

- Por você andava?

- Trabalhando, ora!

- Mas eu liguei pro escritório e o pessoal disse que você não apareceu por lá hoje.

- Tive que atender um cliente fora de Passo Fundo. Passei o dia envolvido com isso.

- E pra quê o celular desligado.

- Fiquei sem bateria.

- Você anda muito estranho ultimamente.

Ainda bem que havia pensado em tudo. Eloísa andava desconfiada. Não queria contar-lhe o verdadeiro motivo da minha aflição. Temia fazê-la minha cúmplice.

A minha tentativa de investigação em suma resultara em nada. Uma mancha de sangue no asfalto, afinal, não queria dizer muita coisa. Poderia bem ser de uma pessoa ou de um animal. E em Getúlio Vargas sequer havia feito qualquer investigação.

Na verdade, acho que meu juízo acabou sendo obscurecido por ela. Pela possibilidade de vê-la novamente e de desabafar com alguém. Precisava ligar para o cartório de Getúlio para saber quantos óbitos houve nos últimos dias e a causa da morte.

Contudo, até lá, tinha que acalmar Eloísa e isso passava por fazer amor com ela. Temia, no entanto, brochar na cama. Depois daquela tarde essa possibilidade não estava descartada.

Mas consegui me sair bem.

A situação, porém, estava ficando insustentável.

No dia seguinte, liguei para Getúlio. Não havia qualquer registro de óbito por atropelamento por aqueles dias, mas o atendente me alertou que a polícia estivera ali informando que havia um corpo não identificado no necrotério, por conta de um atropelamento acontecido dias atrás e que se eles soubessem de alguma coisa, deveriam avisá-los, pois talvez um familiar aparecesse procurando informação.

- O senhor, por acaso, é familiar dessa pessoa?

Desliguei na hora.

Agora estava tudo esclarecido. Eu havia matado alguém. Alguém não identificado, mas ainda assim alguém. Logo ele seria reconhecido por conta das impressões digitais. Indigente que fosse ou um andarilho, era uma pessoa e isso era o bastante para me transformar num criminoso.

Por que eu não havia parado o veículo aquela noite? Tudo poderia ter sido esclarecido. Mas a madrugada e a solidão fizeram-me crer que eu ficaria impune. Mas eu havia calculado mal. A impunidade não significava absolvição por minha consciência. Eu teria que viver com isso pelo resto dos meus dias e agora eu sabia que não teria condições disso.

Tomado por essa convicção, no dia seguinte fui a Getúlio e me entreguei. Confessei meu crime e a omissão de socorro.

Fui indiciado e responderei ao processo em liberdade.

O mais difícil, contudo, foi ter de dividir isso com Eloísa. Ela não entendeu porque eu escondi esse fato dela durante todo esse tempo. Por que eu não confiei nela? O que mais eu seria capaz de lhe esconder?

Alguns dias depois, encontrei as luvas de látex sob o banco da camionete, com a amostra que havia colhido no dia seguinte ao acidente. Não me lembrava desse material. Pensei em jogar fora, mas então, já sem o receio de ser pego, pedi o exame de DNA. O resultado não demorou para chegar: não-humano!

Isso me absolvía – da minha consciência - mas não da condenação e da execução pública, pois eu não podia usar esse fato em minha defesa. Havia feito uma confissão e não havia como ligar aquela amostra ao corpo da vítima.

Só então entendi que a presença maligna apenas pressentida aquela noite ainda presidia o desenrolar dos acontecimentos.

Fim.

Data : 01/01/1996

Título : HISTÓRIA DA VIRGÍNIA

Categoria: Contos

Descrição: ... dizia-se que os serviços que ela prestava ao velho italiano ia além da cozinha ...

HISTÓRIA DA VIRGÍNIA

Nos últimos 8 anos de vida de meu tio-avô Fontana este teve uma empregada chamada Iracema que, à boca pequena, dizia-se que os serviços que ela prestava ao velho italiano ia além da cozinha e da limpeza.

Iracema era com frequência incumbida por ele para trazer para meu pai alguns produtos da terra que o velho conservava o hábito de cultivar em sua propriedade no bairro Ipiranga. Numa dessas visitas, pouco antes do passamento do seu patrão, Iracema entrou no caso de uma vaca leiteira que o “vô” – que era como ela se referia a ele – tivera de sacrificar por causa de um câncer. Minha mãe, interessada pela história e condoída pelo prejuízo sofrido pelo velho, quis saber onde mais precisamente tinha se dado este cancro.

Naturalmente vexada pelo constrangedor da história e pela proximidade do meu pai, que apenas an passant participava da conversa, entretido com o mate e seus pensamentos, a fiel serviçal do meu tio segredou baixinho para minha mãe, com a mão em concha, aproximando-se do ouvido da sua interlocutora:

- Foi na virgínia! – falou ela, com a entonação especial que não deixava dúvida: ela queria se referir à vagina do animal.

Salvo pelo pudor de Iracema que apenas tinha sussurado para minha mãe onde tinha se dado o dito câncer, meu pai pôde tranquilamente tomar a palavra tão logo minha mãe sumiu-se para dentro de casa, pretextando qualquer coisa sem importância, para aliviar-se do riso que a acometia na naquele momento.

Data : 08/03/2013

Título : HUGO CHÁVEZ

Categoria: Artigos

Descrição: Para muitos só a morte lhes garante um lugar na história. É o caso da morte recente do Presidente da Venezuela Hugo Chávez. As milhares ? quiçá, os milhões ? de pessoas que compareceram ao velório, suportando horas e horas de espera, sob sol forte, são a prova disso.

## HUGO CHÁVEZ

Para muitos só a morte lhes garante um lugar na história. É o caso da morte recente do Presidente da Venezuela Hugo Chávez. As milhares – quiçá, os milhões – de pessoas que compareceram ao velório, suportando horas e horas de espera, sob sol forte, são a prova disso.

Chávez, bem sabemos, não foi um líder unânime. Mas para um líder, ser amado pelo seu povo é o sonho de todos aqueles que chegam ao poder. Afinal, o que

é o governo se não o governo de pessoas e, na democracia, o governo da maioria? Parece que a direita não se deu conta disso. Daí sua atual incompetência para chegar ao poder. Da maior potência mundial – EUA – à republiqueta de bananas – Venezuela, como decerto a enxergam os “gringos”, entre eles nós próprios que já nos cremos lords na América, dado nosso relativo destaque -, a esquerda tem ascendido ao poder e esse não é um fato isolado. Estão aí o Uruguai, com Mujica; a Bolívia, com Evo Morales; o Chile, com Bachelet e o Brasil, com Lula e Dilma para o provar. Os povos desse países se deram conta: os pobres são a maioria e a democracia é o governo da maioria. Portanto, eleger representantes dignos deles – tão aí os Tiriricas e Romários que não nos deixam mentir – é uma consequência inevitável. Para escândalo da burguesia, como já dizia Baudelaire na metade do século XIX: “épater les bourgeois”, ao encabeçar na arte o movimento que visava se contrapor ao conservadorismo e ao comodismo burguês – o mesmo que um século antes a burguesia fez com os privilégios da aristocracia na Revolução Francesa.

Chávez podia ter todos os defeitos de um caudilho terceiro mundista – ainda existe essa expressão? Ou seja, não ter a elegância de um FHC e de outros líderes supostamente de esquerda, falando em termos de Brasil – o que, infelizmente não se confirmou com o PSDB no poder – mas era um líder que falava ao coração do seu povo, um líder que resgatou da miséria milhões de venezuelanos e só por isso fez muito mais que todos seus antecessores. Não é estranho, pois, essa idolatria. No entanto, era preciso que morresse para que se lhe ficasse evidente as virtudes. Decerto porque assim sente-se menos ameaçada a direita.

Será que desconhece ela os poderes da veneração de um líder morto?

Acredito que não, mas o relaxamento das tensões é inevitável e a esquerda também não pode deixar de resistir à tentação da veneração de um líder que até aquele momento não sujou a sua biografia. Não ao menos tanto a ponto de deixar seu lado humano se sobrepor às suas realizações. O suficiente, enfim, para manter a aura de adoração.

Precisamos de líderes, assim como de mitos, para sustentar certas crenças – uma delas, senão a principal, a de que um mundo mais justo e igualitário é possível. E Chávez, com todo o seu histrionismo, quiçá o seu mau gosto de homem do povo, com traços nitidamente indígenas que o identificavam com a absoluta maioria dos seus governados – somos, enfim, um continente de índios, negros e mestiços ou não? – Chávez, repito, representava esse povo e era seu governante, gostemos disso ou não. Governante, aliás, da 3ª maior reserva de petróleo do mundo, assim como a Bolívia, de Evo Morales – outro líder índio –, a qual está assentada sobre gigantescas reservas de gás natural.

Quem disse, pois, que esses líderes e países tem que falar a língua dos lords?

Afinal, o que é ser um lord? Não há dignidade nos povos oprimidos do mundo? Não há uma cultura a ser preservada?

Pois, então: aqueles que querem estabelecer relações com esses povos que lhes respeitem a cultura e a identidade. Afinal, é o que parece que o índios Chávez e Morales proclamam aos quatros ventos. E não estão sozinhos: um povo lhes dá sustentação e isso não é pouca coisa num mundo em que a ecologia, os direitos humanos e as minorias ganham destaque.

A direita, pois, que atualize a sua agenda, se quer ter um mínimo de chance, no jogo democrático, de voltar a ter alguma voz.

Júlio Perez

Auditor Público, Escritor, Membro da Academia Passo-Fundense de Letras

Data : 17/09/2010

Título : IMPÉRIO DO NOVO

Categoria: Poesia

Descrição: (Homenagem aos prédios antigos de Passo Fundo, muitos postos a baixo na calada da noite)

### IMPÉRIO DO NOVO

(Homenagem aos prédios antigos de Passo Fundo,  
muitos postos a baixo na calada da noite, em especial a Casa Gabriel Bastos)

Ergue-se o novo  
no lugar do antigo.

Apaga-se da memória  
um pouco  
muito  
da história  
de Passo Fundo.  
Casarões  
que vêm a baixo  
de mansinho  
para não despertar  
o ódio escarninho  
de quem ali  
também  
se vê um pouco

derrubar.

Roubam o passado  
comum  
de um povo  
de quem  
ninguém se sente devedor.

Terá a propriedade  
tal autoridade  
para abolir  
as idades  
de quem as viveu?

No creo  
pero  
que las viviendas  
no hay más  
ah, no hay!

E não há  
quem as ressuscite  
depois de mortas.

Como recuperar  
a vida de uma casa  
revelada  
nos tijolos  
- gastos –  
na madeira  
- carrunchada  
recuperada  
falquejada  
pela vida?

Impossível!

O espírito que a habitou  
já navegou  
para outras paragens.

Desalojaram-no...

Volta para o Tempo  
que é o alimento  
que o mantém  
por anos  
em determinado  
lugar.  
Ainda haverá de passar  
muito  
até que outro espírito  
habite  
o novo  
que derogou o antigo.

E até lá  
já não garanto  
poder chegar.

Data : 17/01/2011

Título : I'm back!

Categoria: Artigos

Descrição: Caros amigos, estou de volta. Da minha viagem para a praia trouxe-lhes a imagem abaixo que quero compartilhar com vocês.

Da minha viagem para a praia trouxe-lhes a imagem abaixo que quero compartilhar com vocês.

Sou um admirador da fotografia e, sempre que posso, dou meus cliques por aí.

De vez em quando a gente se surpreende com as imagens de beleza que consegue captar.

A imagem abaixo é um desses momentos. Espero que vocês concordem comigo.

Un abbraccio!

Data : 22/11/2012

Título : JC E NÓS

Categoria: Crônicas

Descrição: Sua principal ocupação, para não dizer a única, era passar o dia, de banco em banco, à procura de um pagamento que nunca vinha. Sua obsessão era um ritual que ele repetia dia após dia com uma determinação inabalável.

## JC E NÓS

Sua principal ocupação, para não dizer a única, era passar o dia, de banco em banco, à procura de um pagamento que nunca vinha. Sua obsessão era um ritual que ele repetia dia após dia com uma determinação inabalável. Para ele não era estranho estar repetindo durante anos esse ato, nem lhe parecia estranha a negativa sempre persistente, primeiro dos funcionários, depois dos próprios guardas que já conheciam sua mania.

Nesta época ele já tinha sido abandonado pelos seus e morava nas ruas. A consequência óbvia disso é que deixou de se alimentar com regularidade, bem como de tomar banho; por isso, havia se tornando uma verdadeira prioridade para os vigilantes tirá-lo das filas, pois o cheiro que o impregnava era insuportável para os clientes bem lavados das instituições. Para interceptar sua trajetória que o trazia para dentro das agências como um míssil era muito simples, pois apesar de sua determinação, era muito dócil e persuasível aos repetidos nãoos que ouvia todos os dias, de uma ponta a outra da cidade.

A origem do seu mal era desconhecida. Havia rumores que JC fora da aeronáutica, que um acidente o deixara inutilizado. A família havia-o abandonado, não sem antes ter recebido a indenização a que ele fazia jus. Daí sua obsessão de enganado que todos os dias fazia-o passar de banco em banco como um condenado.

Nas mãos ele trazia um papel cujos caracteres foram se tornando inlegíveis, adquirindo o aspecto de um pergaminho sujo e indecifrável, do qual ele todos os dias lançava mão como de um amuleto que o mantinha ligado à realidade, ainda que essa realidade fosse só sua.

Sua presença já não era mais motivo de estranheza para ninguém, pois já não ligavam mais para sua mania de girar de banco em banco à procura de alguma coisa que provavelmente nunca existiu. Muitos acostumaram-se a encará-lo como um louco, outros como um mendigo. De qualquer modo ele fazia parte daquele folclore que toda cidade tem - e Passo Fundo, não seria diferente – onde desempenham seus papéis o louco, o mendigo, o bêbado, a prostituta e o tarado.

Para mim, no entanto, ele não era nem uma coisa, nem outra. Antes ele representava um pouco de todos nós, daquela parte que fecha os olhos para o absurdo de algumas coisas que a gente faz, como JC fazia todos os dias em seu périplo pelos bancos. Um ritual que nos mantém ligados à realidade - ainda quando essa realidade faça sentido só para nós.

Data : 29/01/2013

Título : JOVENS ETERNOS

Categoria: Poesia

Descrição: Minha modesta contribuição para ajudar a assimilar a dor da perda destes jovens de Santa Maria.

## JOVENS ETERNOS

(Em memória das vítimas do incêndio da Boate Kiss, ocorrido em Santa Maria/RS, em 27/01/2013).

Os jovens não deviam morrer.

Eles não se acreditam eternos?

Pois que se lhes conceda a eternidade.

Aquela de Vinícius, da qual ele falava ao se referir ao amor:

“ Que seja infinito enquanto dure”.

Mas não se lhes tire a vida  
No auge da sua força e beleza  
Quando tudo são promessas  
E o futuro é só o que eles têm pela frente.

É uma monstruosidade que agride ao senso e à natureza.  
Afinal, como já diz o dito popular:  
“Os pais não devem enterrar os filhos”.

Mas é o que acontece  
às vezes.  
E em Santa Maria  
242 vezes  
de uma vez só.

Um buraco de abriu no coração da América.

Um buraco que será preciso muitas lágrimas  
não para fechar  
que é impossível  
mas para disfarçar a profundidade e o horror  
que a falta desses filhos será  
no coração desses pais  
- um buraco disfarçado.

Jamais se fechará.

Data : 31/12/2008

Título : Mãos rachadas

Categoria: Contos

Descrição: Ela chegou até o guichê do caixa com o mesmo açodamento com que saiu de casa.

## MÃOS RACHADAS

Ela chegou até o guichê do caixa com o mesmo açodamento com que saiu de casa. Pousou sobre o balcão as mãos rachadas pelo frio e pela água e declarou ao funcionário do outro lado do acrílico, que lhe olhava como ao vazio, o que desejava.

"Elizabete não vai precisar mesmo desse dinheiro tão logo." Pensava enquanto o funcionário se afastava para conferir seus dados.

"Podemos juntar de novo uma boa quantia pra ela. Além do mais, ela bem pode ter mais sorte do que eu na vida."

Provavelmente, nesse momento, o funcionário de olhos mortiços, estaria tomando consciência do que ela estava fazendo: sacando o dinheiro da poupança da filha, que ela mesma, há alguns anos, havia aberto.

"Ele não tem nada com isso!" Pensou mais uma vez a mulher, estudando a fisionomia abatida do rapaz, tentando com isso afastar um incipiente sentimento de culpa.

Ela não era uma mulher velha, mas a dureza da vida havia acelerado a passagem dos anos e, nesse dia, ela tinha tomado a decisão de fazer alguma coisa por si. Além do mais, já não agüentava as rachaduras da pele de suas mãos por causa das roupas que tinha que lavar no tanque, sob o frio.

Provavelmente o rapaz havia percebido alguma coisa nos seus olhinhos azuis lambuzados de lágrimas ou nas mãos calejadas sobre o balcão para se sair com esta:

- Chega de sofrer, então, vizinha?! - fazendo-a lembrar, então, que havia se denunciado logo no início, por causa da ansiedade com que havia chegado e, em poucas palavras, contado toda a história.

Quem sabe na tentativa de se desculpar por estar sacando o dinheiro da filha?

Mas, ao mesmo tempo, não podia deixar de se render à sinceridade daquelas palavras afetuosas que lhe iam direto ao coração.

Sentiu mais uma vez seus olhos se encherem de lágrimas e só pôde assentir afirmativamente com um balançar de cabeça.

Não pôde, contudo, deixar de sentir um vazio, em seguida, por ter-se despedido tão rápido do rapaz que, talvez, lhe ajudasse a se sentir menos culpada pelo que estava fazendo. Mas não havia outro modo de agir dado a precariedade do lugar e da pressa das pessoas às suas costas que esperavam sua vez. Mas isso já não lhe importava mais, agora que estava fora da agência e lhe renascia inteirinha a vontade de concretizar seu plano.

Bastava-lhe agora tomar todas as precauções para fazer um bom negócio, não perder dinheiro e conseguir exatamente aquilo que queria. Ainda sentiu um último laivo de culpa ao cruzar o limiar da primeira loja. Depois, no entanto, já começava a sonhar com a vida nova que teria.

Esteve em várias, zelosa do seu dinheiro.

"Do seu dinheiro?!" Não pôde deixar de se repreender por se expressar daquela maneira em relação ao dinheiro da filha.

"Ah, ainda isso?!" e deu de ombros.

Olhou, examinou, desconfiou das promessas dos vendedores. Por fim consumou o ato que lhe levaria à liberdade e a uma vida nova.

Chegou triunfante em casa com a máquina de lavar roupas, novinha em folha.

A despeito do que lhe dissessem, a filha ou o marido, só ela sabia o que significava gastar a vida na frente de um tanque cheio de roupas, roendo as mãos no sabão, na água e no frio.

Só ela sabia.

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 30/07/2014

Título : MEMÓRIAS DE UM RATO DE LABORATÓRIO

Categoria: Contos

Descrição: Sou um rato de laboratório. Todos os dias, eu e meus companheiros somos submetidos, pelos de jaleco, a uma bateria de testes.

## MEMÓRIAS DE UM RATO DE LABORATÓRIO

Sou um rato de laboratório. Todos os dias, eu e meus companheiros somos submetidos, pelos de jaleco, a uma bateria de testes. É uma rotina longa e cansativa que há anos vimos sofrendo. Muitos, em verdade, a ela já se acostumaram. Mas eu, assim como outros companheiros, relutamos em nos adaptar. Aliás, de tudo o que nos acontece aqui, o que mais tememos é justamente isso: nos adaptar. Pois não são os choques, o cansaço, o corre-corre por esteiras e labirintos que nos assustam. Assusta-nos a perspectiva de nos acostumarmos a isso e começar a encarar com naturalidade essa rotina. Afinal nunca pensamos que um dia passaríamos por isso e ninguém, por mais condicionado que esteja, está preparado para uma coisa dessas.

É verdade que quando mais jovens e ainda fora do mundo dos testes podíamos ver o estado em que ficavam muitos dos nossos companheiros depois de uma semana de esforço continuado, mas vivíamos ainda a ilusão dos primeiros anos.

Acreditávamos que podíamos ser diferentes, que isso não iria acontecer conosco, que podíamos mudar o rumo das coisas, todas aquelas certezas, enfim, tão típicas da juventude. Mas depois que isso se tornou uma realidade e que passamos a sentir na pele o que significa uma rotina dessas, já não temos mais tantas convicções. Resistimos, mas seguidamente vemos muitos dos nossos sucumbir. Até há pouco pensavam e agiam como nós e, de repente, já não são mais os mesmos. Vão perdendo seus reflexos, fazendo aquilo maquinalmente, considerando isso, sem o perceber, como o destino inevitável de todo rato e o que acontece? Eles perdem a credibilidade e são descartados.

Engraçado, não? Justamente quando eles achavam que estavam se tornando bons no que estavam fazendo, os de jaleco os consideram viciados em suas respostas e, portanto, sujeitos a invalidar os testes. Tanto que lhes tenha custado se adaptar à crueldade dessas experiências e quando o conseguem, acreditando que seus algozes esperavam deles justamente isso, tornam-se peças descartáveis, pois já não tem mais nada a lhes oferecer. Tornam-se previsíveis, perdem a espontaneidade e acabam se dando mal. E mesmo os ratos mais resistentes acabam um dia se conformando, afinal isso aqui é um laboratório e os testes parecem nunca ter fim. Chega um ponto em que tudo se confunde em suas mente e eles já não sabem mais o que é certo ou errado: adaptar-se, abandonar suas resistências, aceitar sua condição de ratos de gaiola ou continuar a lutar contra todas as evidências, acreditando em coisas que hoje lhes parecem sonhos juvenis? Mal sabendo eles que é justamente graças a esse sonhos juvenis que alguma esperança ainda lhes resta. Pois os que são descartados tornam-se uma presa fácil no mundo lá de fora. E a liberdade, antes tanto desejada, de repente, se torna uma ameaça.

Por isso tentamos nos manter alertas, relutando em cair naquele estado que antecede à entrega total. Procuramos manter acesa a chama da esperança, nos motivando mutuamente com gritos de estímulos durante os testes mais puxados e com histórias que muitos contam nos raros momentos de folga. Histórias que dão conta desse mundo de liberdade do qual todo mundo ouviu falar, mas que ninguém conhece de verdade. Afinal, de lá, rato nenhum voltou para nos contar o que verdadeiramente se passa.

Fomos criados durante toda a nossa breve existência nesse ambiente asséptico e sem cor. Não sabemos nada do que possa ser a vida de um rato lá fora, mas muitos contam histórias que nos dão alento para continuar, embora não sabemos se elas são verdadeiras. Afinal, esses relatos, ainda que irreais, contribuem para manter a esperança. Por isso já nem nos importa saber se eles são verdadeiros ou falsos. Acreditamos neles como quem tem dogmas e fixa a mente nesse mundo de venturas quando precisa superar os testes mais penosos.

Muitos procuram ilustrar suas histórias com relatos de avistamentos de ratos perambulando por essa sala durante a noite. Eu, de minha parte, não posso afirmar nada, pois nunca vi nenhum deles. Mas muitos juram terem sido acordados à noite pelo barulho sutil de suas pequeninas garras riscando o ladrilho quando, com seus bigodes farejantes, entram aqui atrás de restos de comida. Pois a comida aqui é farta e não é de todo improvável que ratos que tenham que lutar diariamente por seu pão entrem nessa sala, embora o laboratório seja fechado a sete chaves. Mas isso são detalhes que a gente procura ter cuidado em não abordar. Somos levados a crer em tais relatos mais por simpatia por quem nos está contando do que por estarmos de fato

convencidos. Trata-se muitas vezes de ratos em adiantado estado de debilitação e que, aferrados a essas “certezas”, temos que ter o cuidado para não lhes minar as forças, com dúvidas inoportunas. E, por dever de solidariedade, partilhamos dessas histórias como quem partilha o pão, dando um pouco mais de alento a uma chama que ameaça se apagar.

No começo, chegamos até montar guarda para nos certificar se essas histórias podiam ter algum fundo de verdade. Afinal precisávamos de evidências. Mas tudo o que pudemos ver ou ouvir foram apenas indícios sugeridos por ruídos ou movimentos desconhecidos, próprios da noite quando tudo se torna mais calmo e qualquer lufada de vento pode dar margem a fantasias de uma mente torturada. Nada também que possa liquidar a questão. Pois nenhuma certeza conseguimos extrair dessas observações erráticas, conduzidas sem método. Afinal aqueles que dizem ter visto alguma coisa já tem uma boa idade e ao longo de suas vidas relatam-nos que foram apenas um ou dois avistamentos. De modo que, por mais que montássemos guarda uma vida inteira, bem poderia acontecer de nunca vermos nada. Como bem pode acontecer que um recém chegado, no dia seguinte, tenha uma experiência dessas, liquidando com todas as teorias pessimistas.

Com isso tudo acaba caindo no terreno da pura especulação e aí já não podemos mais afirmar nada. Tudo acaba em uma longa e estéril discussão, e como já dissemos, procuramos não importunar em demasia aqueles que preferem acreditar nessas coisas.

Por outro lado, também sabemos que não vivemos a vida inteira nesse estado. Nossos ancestrais já foram ratos livres e a possibilidade de existirem ratos da nossa estirpe no mundo exterior não é de todo improvável. Só pelo fato de nunca os termos visto vagando por aí não quer dizer que não existam. É que passamos tantos anos aqui confinados que já não temos mais certeza de nada. A rotina é uma grande mentira que acaba se tornando uma verdade. E, por mais imbecilizante que seja, quando não se tem alternativa, acaba se acreditando nela.

O problema é que pensando assim, eu também acabo como muitos de nós: adquirindo gosto por esses testes estúpidos a que somos submetidos todos os dias, ao corre-corre e aos choques. Acabamos construindo teorias edificantes sobre a importância deles. Teorias criadas pela absoluta falta de alternativa, destinadas a apaziguar nossas consciências adormecidas pelo cansaço. Já não se pensa mais em resistir, em criar estratégias mentais para não sucumbir e manter a esperança. Ao contrário: passamos a acreditar nessas estúpidas teorias que só depõem contra nós. E quando já estejamos bem conformados, gastos e extenuados, somos postos pra fora, lançados nesse mundo grande e hostil que durante muito tempo desejamos, mas já não nos serve para nada. Queremos voltar para a roda, o labirinto, os choques e a comida certa de todos os dias. Mas não podemos. Já não servimos mais! Estamos por nossa conta e risco, e o mundo acaba por nos devorar. Não há outra saída.

Aqueles que tentaram sobreviver lá fora, após uma vida de dedicação aos testes, ou foram abocanhados por um desses gatos vadios que vivem rondando por aí, ou foram apanhados pelas garras afiadas das corujas que disputam com os gatos o butim dos descartes. Quando não esmagados pelas rodas dos veículos que cruzam à toda velocidade, pela auto-estrada em frente.

Por isso temos que resistir! É isso que digo todos os dias para minha mente torturada e meus companheiros a ponto de sucumbir. Embora também já não tenham mais colorido as minhas histórias. O que dizer para um rato que todos os dias tem que correr centenas de metros no mesmo lugar ou depois de uma sessão extenuante de choques?! Que dias melhores virão?! Que história contar para lhe levantar o moral? Que esperança de uma vida melhor? Se ele, em sua curta vida nunca conheceu outra além aquela que, assim como seus pais e avós, tem levado?! Chega um ponto em que as histórias inevitavelmente vão perdendo o encanto e a gente sente que está na beira do abismo. Já não sabemos o que é mais importante: resistir ou se entregar ao doce sabor de um último vôo? Resistimos, não obstante, mas já sem o entusiasmo de antes. É como se um entrega mais profunda tivesse ocorrido, mesmo sem o nosso consentimento. A partir de então, já não saberíamos como iríamos reagir, se os nossos sonhos de liberdade, de repente, se tornassem realidade.

Mas deixemos de assuntos melancólicos! Voltemos a assuntos mais otimistas, afinal é para isso que resistimos não é mesmo?! Para isso temos nossos ritos. Quando nos reunimos procuramos nos entreter com a companhia uns dos outros, descobrindo mutuamente particularidades que julgávamos fossem só nossas. Pois não sei se vocês sabem, mas os ratos são uma espécie de animal das mais curiosas. Não podem ver um semelhante sem que se lhes desperte a curiosidade. Querem logo ficar sabendo quem é, o que faz, quais são seus hábitos. É incrível como nesses jogos conseguimos espairecer do nosso dia a dia e construir uma teia de relações, capaz de nos transportar para um outro mundo. Os amigos são uma grande coisa! É com eles e graças a eles que conseguimos quadruplicar nossas forças. Mas é deles também que, às vezes, divergimos.

Há uma certa cultura da mediocridade vogando por aí, um nihilismo verdadeiramente assustador. Tá todo mundo achando besteira esse negócio de a gente resistir. Tá todo mundo achando que os testes são mesmo o nosso destino e que é besteira ficar questionando o que os de jaleco nos impõem. É como se todo mundo estivesse aceitando a perspectiva de uma vida curta, mas tirando dela o melhor que pode nos oferecer, deixando de lado a luta e a resistência.

No meu ponto de vista, isso é uma grande bobagem, pois esse é um modo de ver desagregador e egoísta. Cada um está pensando só em si e em viver a sua pequena vida de mediocridades. É a declaração de derrota antes mesmo de começar a batalha. Ninguém está conseguindo enxergar um pouquinho mais longe. O que está prevalecendo é só o imediatismo dos mais jovens e a pressa deles em viver uma vida de fruição. Não se acredita mais em ideais. As grandes ideias foram abandonadas a um passado que eles reputam superado. Tá certo que muitas besteiras também foram cometidas em nome de ideias que depois se revelaram equivocadas. Mas antes correr esse risco que viver uma vida medíocre. Afinal o que um rato pode esperar depois de ter gozado tudo? A morte?! Não, não é assim que temos de pensar! O destino dos ratos é bem outro. Não podemos aceitar essa filosofia de derrotados. Temos que lutar por nossos ideais. O cinismo tem que ter um limite. As novas gerações não podem ser desagregadas dessa maneira. É isso justamente o que querem os de jaleco: que sejamos máquinas bem lubrificadas de produção. Depois que estivermos gastos, é fácil nos pôr para fora. Mas muitos insistem nessas ideias e com isso vamos

perdendo força. Nosso movimento de resistência está enfraquecendo. Vemos muita gente sendo cooptada. Antes mesmo das primeiras lutas, já estão dando o máximo de si para ficarem bem com os de branco. Abandonam os seus semelhantes e se esforçam até estourarem nas esteiras ou na grade eletrificada. Estabelecem, com isso, um padrão que muitos dos nossos não conseguem atingir. Aumentam o nível de exigência e levam o pessoal mais cedo ao esgotamento. Desestruturam a resistência que há muito criamos para estabelecer uma margem de segurança.

Estávamos conseguindo resistir mais tempo, mas com a entrada em cena desse novo pensamento, tudo parece estar indo por água abaixo. Os de branco agora já não aceitam que um rato renda tão pouco. Querem dele tudo o que ele pode dar e assim o levam mais cedo ao esgotamento. Logo o botam para fora e, zás, é um a menos dos nossos!

Aos poucos, contudo, isso deve mudar, afinal ninguém fica jovem pra sempre e eles haverão de sentir na pele o resultado do seu pensamento. Até lá, no entanto, muitos terão padecido. Mas vai se fazer o quê?! Temos que conviver com diferentes opiniões e é até compreensível que os jovens adotem essa filosofia.

A vida, de fato, tem sido muito dura pra todos nós. É difícil você dizer para um jovem rato mal chegado à idade dos testes que precisamos nos poupar para uma quase lendária vida de liberdade. Toda vez que uma nova geração chega é a mesma coisa. A gente tem que entupir ela com essas histórias de uma vida lá fora, quando ainda conservamos todos os nossos reflexos e nossa chance de sobrevivência seja maior. Daí a necessidade de nos pouparmos, não cooptarmos, retardarmos a satisfação dos nossos instintos.

E as necessidades deles, como é que ficam? A pressa de viver, fruir os prazeres – poucos que sejam – próprios da idade?

Quando se encontra uma rata, então, que valha a pena, a gente perde a cabeça. Já não se quer mais saber de histórias de um mundo melhor, da resistência, dos companheiros e da solidariedade. Quer viver o seu amor e dar o melhor de si nos testes para conquistá-la.

É assim que as coisas são e vão continuar sendo até que consigamos romper nossos grilhões.

Quando isso acontecerá?

Já nem nós, os mais empedernidos resistentes, podemos dizer.

Às vezes até as nossas convicções dão espaço às dúvidas, e só continuamos a resistir – tenho que confessar – porque já faz muito que estamos nessa e não podemos simplesmente admitir que tenha sido tudo em vão.

Até admito que os jovens tenham outro pensamento. Mas nem por isso vou mudar. Há também muitos entre eles que tem dúvidas. Afinal tudo são crenças. Ninguém tem certeza de nada. O fato é que os ratos têm se arrebatado no serviço e depois são postos pra fora, quando a liberdade já não lhe representa um prêmio, mas uma condenação.

Sei do que estou falando. Já vi muitos dos nossos serem postos para fora nesse estado. Não duram um dia. E por quê? Por que não conseguiram ver além desse

mundo que os de jaleco criaram. Por que não conseguiram manter a chama acesa. Resignaram-se a esse mundo em que vivemos achando que isso era tudo o que podiam esperar. Quando os puseram para fora estavam tão debilitados que não resistiram ao choque. O sol, antes tanto desejado, já não brilhava, os queimava; o ar, dilacerava seus pulmões, pois os odores do mundo externo não se comparavam a nada que já tivessem experimentado e seus reflexos esgotados os expunham a toda sorte de ataques e ameaças. O mundo os aterrorizava, pois já não haviam mais grades que, se por um lado limitavam seus movimentos, davam-lhes proteção.

Estavam agora livres, enfim! Livres para morrer.

Não acreditaram que uma outra vida fosse possível. Uma vida maior e com mais sentido. Uma vida que só nós, que ainda resistimos, poderemos desfrutar. Só não sabemos quando.

Fim.

Data : 31/12/2008

Título : Meus filhos, os poemas

Categoria: Poesia

Descrição: Meus filhos, os poemas andam por aí.

Meus filhos, os poemas

Meus filhos, os poemas

andam por aí

circulando de mão em mão.

De vez em quando

recebo notícias de um

que está fazendo sucesso

outras

que não.

Mas os filhos

depois que a gente os dá à luz

já não nos pertencem mais.  
Eles andam por aí  
com vida própria  
pelas próprias pernas  
e mãos.

Mas ainda acredito  
que um dia  
um desses filhos  
há de me dar  
uma grande alegria  
realização.

Vai ganhar o mundo  
e junto  
me fazê-lo ganhar também  
como seu pai  
seu criador.

Creio apenas  
pois esse dia  
ainda não chegou.

Pois os filhos  
longe de nós  
são capazes das coisas extraordinárias  
que só os pais acreditam que são  
embora o mundo  
não.

Eles precisam prová-lo.

Para isso  
caminhar  
com as próprias pernas

é a condição  
sem a qual...

Essa é uma verdade  
que uma hora ou outra  
teremos de enfrentar  
sejamos nela bem sucedidos  
ou não.  
da revista Água da Fonte n° 06

Data : 21/07/2010

Título : NÃO CONSUMA!

Categoria: Crônicas

Descrição: Isso pode parecer uma provocação ou uma heresia em um mundo como o nosso tão dominado por esse verbo: consumir. Mas o objetivo não é esse.

**NÃO CONSUMA!**

Não consuma! Isso pode parecer uma provocação ou uma heresia em um mundo como o nosso tão dominado por esse verbo: consumir. Mas o objetivo não é esse. O que tem-se em vista é chamar a atenção para as conseqüências desse ato aparentemente tão inofensivo e de caráter, enfim, tão pessoal.

Mas à medida que nos damos conta de que o planeta está se tornando um lugar pequeno para nós, seres humanos, e de que o lugar que cada um de nós individualmente ocupa nele está também se restringindo, fica cada vez mais evidente que consumir mais do que um ato puramente pessoal deve ser encarado hoje como um ato de responsabilidade social.

Pois consumir em excesso implica ocupar um espaço, ecologicamente falando, maior do que efetivamente precisamos para viver. E quando falo em espaço ecológico me refiro a um espaço que leva em conta não apenas o espaço físico que ocupamos, mas o quanto de ar puro necessitamos, o quanto de água potável, o quanto de lixo produzimos, o quanto de serviços, públicos ou privados, demandamos. Quanto maior o consumo, maior o descarte, mais recursos

naturais são consumidos na produção dessas mercadorias, maior poluição do meio ambiente.

E é a partir disso que podemos hoje começar a levantar uma questão que só agora passamos a nos dar conta: se o mundo está se tornando mesmo um lugar pequeno para todos nós, o que me dá o direito de ocupar um espaço vital maior do que qualquer outro?

Meu poder de consumo?

Mas quem irá me vender água quando todos os mananciais estiverem poluídos? Quem irá me vender ar puro quando já não existir mais florestas? Quem irá atender minhas necessidades quando já não houver mais recursos naturais a explorar?

Passamos então a nos dar conta dos limites do poder de consumo e ver que o espaço ecológico que necessitamos não pode ser apropriado como uma mercadoria. Pois esse espaço ecológico faz parte de um todo que vive em equilíbrio e suas partes não podem ser destacadas em pedaços para serem vendidos. O desequilíbrio de uma delas afeta todo o sistema.

Nos damos conta assim que hoje mais do que em qualquer outra época da história precisamos aprender a viver em comunidade. Pois o estilo particular de vida de cada um passou a afetar o todo do qual elas fazem parte. Por isso esse estilo tem que estar harmonizado com o meio em que vivemos. E quando eu falo em meio não estou falando apenas do meio ambiente no que este se refere à preservação dos recursos e das espécies naturais, mas também e sobretudo das condições de coabitação com meu semelhante. Pois embutido na necessidade de estar atento às leis de convivência entre os homens, há a necessidade de respeitar o meio ambiente como um todo.

Se os recursos são limitados a responsabilidade de todos aumenta. E todos estão de olho nas atitudes que tomamos em relação ao meio em que vivemos. Afinal mais cedo ou mais tarde, as minhas atitudes para com esse meio acabará afetando a todos.

Nunca como hoje o efeito borboleta pôde ser levado tão a sério. Pois é das pequenas atitudes individuais que se extrai as conseqüências para o todo de um planeta sobrecarregado. Pôr um freio no consumo do supérfluo é uma dessas pequenas atitudes que no conjunto pode resultar num grande benefício para todos e para o meio em que vivemos. E, quiçá, num futuro não muito distante possamos vir a trabalhar menos e viver mais, com mais qualidade de vida, menos stress, num ambiente mais saudável.

Data : 02/07/2010

Título : NÁUFRAGO

Categoria: Pensamentos

Descrição: (Ou a Definição de Um Escritor)

## NÁUFRAGO

(Ou a Definição de um Escritor)

Tenho passado meu tempo escrevendo mensagens em garrafas e as lançado ao mar, em busca de socorro. Mas, através dos anos, não tenho obtido resposta. No entanto, o ato de escrever tem me proporcionado uma grande satisfação. A satisfação de produzir histórias. A solidão a que fui constringido nesta ilha tem me permitido isso. Afinal, cansado de pedir socorro, comecei a inventar histórias. Tenho passado a maior parte do meu tempo nessa atividade.

Atualmente estou contando como cheguei até aqui. Mas já planejo para breve uma outra história com ingredientes mais picantes. História de piratas, tesouros escondidos e as descobertas incríveis de um naufrago numa ilha deserta.

Enfim, as possibilidades são muitas.

Todos os dias lanço um capítulo novo ao mar, na expectativa de resposta.

Até o momento não obtive êxito.

Mas também isso já deixou de ter importância para mim.

Data : 22/05/2014

Título : NO RESTAURANTE

Categoria: Artigos

Descrição: Dia desses fui almoçar num restaurante popular: R\$ 6,90 livre. Chamou-me a atenção duas cenas.

### NO RESTAURANTE

Dia desses fui almoçar num restaurante popular: R\$ 6,90 livre. Chamou-me a atenção duas cenas. Uma protagonizada por uma mulher, a minha frente, na fila do grill, outra no caixa, na hora de pagar.

Quanto à mulher, foi comovente ver como as pessoas passam necessidade e nem sempre têm a oportunidade de ter acesso a uma alimentação farta e de boa qualidade, por um preço acessível. Não satisfeita em ter feito uma montanha em seu prato, ao chegar diante da chapa do churrasqueiro, que ostentava uma

relativa quantidade de carnes, ela não se fez de rogada. Foi pedindo um pedaço de cada tipo. Tantos que o churrasqueiro não sabia onde colocá-los na montanha que ela havia feito.

Chamou-me a atenção também que o dono do estabelecimento consiga ter lucro com esse preço, sem limitação do número de pedaços de carne por cliente. Diferente de outras cidades, como Porto Alegre, onde o segundo pedaço é cobrado à parte. Por outro lado, para o pobre essa é uma oportunidade única. Até quando vai durar, não se sabe. Então, como aquela senhora, o negócio é aproveitar.

A outra cena foi protagonizada por um senhor na fila do caixa. Após pagar o valor consumido – em torno de R\$ 9,00, com o refrigerante – pediu uma nota fiscal para a atendente. Um nota em valor bem superior ao que havia pago: R\$ 25,00. Ao que ela prontamente lhe atendeu, sem ao menos se constranger em fornecer uma informação falsa. Por certo, ele visa a um reembolso de valor superior ao consumido e ela a manutenção do cliente, a qualquer custo.

Tais atitudes nos deixam céticos quanto ao futuro do Brasil como um país sério. Se em nossos pequenos gestos cotidianos adotamos como comum a prática de mentir, fraudar um documento, levar vantagem como poderemos esperar que um administrador público ou de uma grande corporação faça diferente?

Assim, de um lado a mulher que enche o prato até mais não poder, fiando-se que o dono do lugar naturalmente não é bom de matemática e esse preço não vai durar muito. De outro, o indivíduo que engana o patrão, auferindo vantagem com um nota fiscal falsa, de valor superior ao efetivamente gasto. E entre todos esses, a atendente do estabelecimento, sem escrúpulos para lhe fornecer tal documento.

Tudo isso presenciado em questão de 30 minutos em que ali estive, entre me servir e pagar a conta. Imagina o que não acontece país afora, num dia inteiro de funcionamento dessa rica e expoliada nação!

Data : 15/03/2012

Título : OBEDECER À LEI

Categoria: Crônicas

Descrição: Obedecer a lei. Taí uma escolha que talvez muita gente considere que não há mesmo alternativa, afinal ou você obedece ou você arca com as conseqüências.

OBEDECER À LEI

Obedecer à lei. Taí uma escolha que talvez muita gente considere que não há mesmo alternativa, afinal ou você obedece ou você arca com as conseqüências. Ocorre que num país como o Brasil, onde a impunidade campeia solta, a opção não obedecer a lei está sempre no horizonte das nossas escolhas. Seja uma pequena desobediência até a mais grave infração ao ordenamento legal, o fato é que essa possibilidade está sempre a pairar diante dos nossos olhos. Quando o ideal não é esse, se soubéssemos com absoluta certeza que, ao optarmos pela via da desobediência, fatalmente seríamos punidos.

Contudo, mais do que o medo da punição, a obediência ao ordenamento legal é uma questão de cultura. E a cultura é uma decorrência da educação, a qual, se assenta em premissas como o respeito ao outro, o reconhecimento das diferenças e a convicção de que o que é bom para mim, pode não ser para o outro. Daí a necessidade da lei, como expressão da vontade da maioria, para regradar de forma geral e abstrata as relações entre as pessoas.

Nesse contexto, a obediência à lei representa a adesão do indivíduo à vontade geral, com abdição da vontade particular, em nome de uma ordem maior que contempla o interesse de todos. Ou seja, o indivíduo simplesmente tem que superar a esfera do seu interesse particular e num gesto de reconhecimento ao outro, se submeter à ordem legal, a qual pode ele muitas vezes não entender na sua integralidade, mas a que ele adere num gesto de superação dos seus próprios impulsos primários, evidenciando a essência que mais profundamente o caracteriza como ser humano: a liberdade de escolha. Pois não seguir cegamente aos próprios impulsos, como já demonstrou Rousseau no Discurso sobre a Origem da Desigualdade entre os Homens, é o que efetivamente distingue os homens dos animais. Ao contrário destes, que não tem escolha e tem que seguir aos próprios instintos, o homem é único ser capaz de se distanciar de si mesmo e fazer escolhas. É isso também que caracteriza o homem como um ser cultural, não apenas natural.

Aderir, pois, à vontade geral, consubstanciada nas leis – jurídicas e éticas –, ao contrário do que o senso comum pode pensar, é onde a instância da liberdade mais se realiza, pois quando assim age o homem está fazendo a opção de não se entregar aos próprios instintos. E isso só ele pode fazer.

A obediência à lei, portanto, tem conseqüências fantásticas para o desenvolvimento dos indivíduos, e por conseqüência do corpo social, pois quando se reconhece que é preciso abrir mão da vontade particular em nome da geral, estamos realmente ingressando num plano civilizatório maior.

Infelizmente no Brasil essa não é uma cultura incorporada às nossas práticas. Não nos demos conta ainda de que obedecer à lei não é apenas uma decorrência do medo da punição, mas uma escolha oriunda da convicção de que isso é o melhor para todos. Não foi outra, aliás, a lição de Sócrates quando ao ser vítima de uma condenação injusta, decide mesmo assim a ela se submeter, tomando a cicuta mortal, contrariando os rogos dos amigos que queriam que ele fugisse.

Num país, contudo, onde sequer a punição é uma certeza, o que podemos esperar a longo prazo?

Afinal, a educação e o caráter se formam em casa, mas a sociedade tem que estar preparada para lidar com as situações quando essa educação falha. O que

vem acontecendo, aliás, com frequência cada vez maior, na medida em que a família tradicional esta se tornando uma raridade.

Assim, se não podemos almejar a curto prazo aquele estado civilizatório de que falava acima, através da educação, temos ao menos de garantir que a lei seja cumprida, na esperança de um dia chegarmos ao nível de convivência social onde as normas sejam observadas, não apenas pelo medo da sanção, mas pela convicção da sua necessidade.

Data : 31/12/2008

Título : Os bichos

Categoria: Poesia

Descrição: Os bichos saem à noite

Os bichos

Os bichos saem à noite

para caçar.

Encontram

toda sorte

de azar

pelo caminho.

Afinal

sempre há

um bicho maior

que os queira devorar

de mansinho.

da revista Água da Fonte nº 06

Data : 07/10/2010

Título : OS DIAS

Categoria: Poesia

Descrição: Um dia animado outro dia nem tanto. Um dia triste outro entediado.

## OS DIAS

Um dia animado  
outro dia nem tanto.

Um dia triste  
outro entediado.

Um dia esperançoso  
outro desanimado.

Há um horizonte  
não há perspectiva.

Em todos eles...  
presente!

Os dias  
indiferentes a mim.

Data : 01/01/1995

Título : PARÁBOLA DOS HOMENS PERFEITOS

Categoria: Contos

Descrição: Quando Deus criou o mundo fez os homens perfeitos, porque estes deviam ser o coroamento da sua Criação.

## PARÁBOLA DOS HOMENS PERFEITOS

Quando Deus criou o mundo fez os homens perfeitos, porque estes deveriam ser o coroamento da sua Criação. Não havia mal que os afligisse, nem

dor, nem erro, nem falta ou privação de qualquer espécie. Todos possuíam o que desejavam e cada qual bastava-se a si mesmo. Vivia-se num mundo de bem-aventuranças, onde as necessidades eram satisfeitas e as frustrações não eram conhecidas. Bem diferente, portanto, do mundo como o conhecemos hoje.

No entanto, percebeu o Senhor que alguma coisa não ia bem, pois, embora não houvesse sofrimento, também não havia amor entre os homens. Afinal eles eram perfeitos e bastavam-se a si mesmos, não conhecendo esse sentimento de incompletude que faz com que nos aproximemos dos outros.

De modo, que se havia perfeição nas partes, o todo saía prejudicado.

Decidiu, então, o Senhor tirar de cada qual um pouco de virtude, a ver se com isso os homens não vivessem tão isolados.

Permitiu, com isso, que o sofrimento desse entrada no mundo, mas também deste sentimento até então desconhecido: o amor. Sentimento que nos impele a buscar no outro o que nos falta e nos alivia da sensação de estarmos sós no mundo.

Assim, com um pouco de virtude que o Senhor tirou de cada um, foi capaz de criar uma nova ordem. Ordem onde a perfeição e a felicidade não existem sozinhas, constituindo-se no fundamento de toda associação e da aspiração do homem por mais amor, o qual nada mais é do que essa busca no outro da perfeição e da felicidade de que fomos privados.

Data : 01/01/2018

Título : PARANÁ

Categoria: Poesia

Descrição: Como dois amantes que se encontram após um longo percurso ? o Iguaçu, de 1320 quilômetros; o Paraná, de 4880 ? entrega-se o Iguaçu ao leito do Paraná.

PARANÁ

Como dois amantes que se encontram

após um longo percurso –

o Iguaçu, de 1320 quilômetros; o Paraná, de 4880 –

entrega-se o Iguaçu ao leito do Paraná.

Amantes enfim unidos

depois de grandes aventuras.

O Iguazu após formar a maior queda d'água do mundo.  
O Paraná, a segunda maior represa,  
a poucos quilômetros um do outro.  
Encontram-se afinal nas três fronteiras  
que lhe servem de testemunhas:  
Brasil, Paraguai e Argentina.

Impressiona como a força não requer demonstrações.  
Unem-se de maneira calma e amorosa  
no encontro de suas águas  
após árduas batalhas:  
o Iguazu sofrendo desde o nascimento  
nos contrafortes da Serra Geral,  
em Curitiba,  
os dejetos humanos e industriais,  
cinco usinas hidrelétricas  
e 272 quedas d'água no seu curso final.  
O Paraná, o portento de Itaipu  
que lhe ameaçou travar seu curso e lhe privou do seu maior encanto:  
as 7 quedas encobertas pelo lago artificial.

Não obstante, majestosos,  
seguem seu curso  
agora unidos  
sob os auspícios dos novos padrinhos:  
Paraguai e Argentina,  
até seu leito final  
no Rio da Prata.

Vai, Paraná,  
rio majestoso,  
irmão do Mississipi e do Ganges,  
cumpra a tua missão de alimentar os povos  
dando seu dorso ao esporte, à pesca, à irrigação  
e às cargas que transporta.

És o veio principal  
- segundo maior da América Latina -  
das terras por onde passas  
e deixas tua marca  
não apenas no chão que sulcas  
com portento e majestade  
mas em especial  
nos corações e mentes  
daqueles que o vêm passar  
como a um rei  
a quem somos compelidos  
a prestar

homenagem.

Júlio Perez

Data : 24/04/2009

Título : PERDAS

Categoria: Poesia

Descrição: Um autor sempre aprecia mais suas últimas criações, porque elas são a evidência de que ele ainda é capaz de produzir. Por isso aí vai uma das minhas últimas produções. Poucas... que a vida me anda um tanto conturbada.

PERDAS

O dia atormenta:

trânsito

trabalho

contas por pagar.

Mas acaba  
e quando o faz  
inventaríamos  
o que resta de nós  
- um corpo lasso  
que mal responde a estímulos;  
uma mente esgotada  
como uma passa de uva  
diria um amigo meu:  
chupada  
seca  
sem vida.

O dia acaba  
mas ainda estamos vivos  
e esse pouco de vida  
é suficiente  
para nos fazer acreditar  
que ela nos trará  
- amanhã -  
a plenitude  
que - hoje -  
já não temos.

Data : 04/10/2010

Título : Prestando Contas

Categoria: Artigos

Descrição: Notícia da entrevista concedida dia 02/10/10 à Radio Igaí FM por este rapsodo.

Entrevista a Rádio Igaí FM - 104.9 Mhz

Colaboradores e amigos do Projeto Passo Fundo.

Sábado estive na mais nova emissora de Passo Fundo, a Rádio Comunitária Igaí FM, cuja sintonia é 104.9 mhz, para falar um pouco sobre o Projeto Passo Fundo. O que é esta iniciativa e o que ela se propõe. O convite foi do mestre Zanette, o idealizador deste site, que me passou a bola do convite feito a ele pelo Júlio Pithan que todos os sábados comanda ali o programa Santo de Casa, com uma programação musical e cultural bem interessante.

A entrevista foi ao ar neste mesmo dia, em torno da 15 horas.

Na oportunidade falei do site e convidei o povo passo-fundense a visitá-lo e se engajar nessa iniciativa, seja enviando material para publicação, seja adquirindo as obras dos autores locais que ali estão expostas para venda, através da loja virtual.

Naturalmente que como autor e poeta não pude deixar também de falar um pouco de minha obra e de ler uns poemas do meu livro Expresso Instante no ar.

Gostaria aqui de público manifestar o meu agradecimento ao Zanette e ao Júlio pelo convite e deixar a dica a todos: escutem essa emissora, sobretudo o programa do Julio que vai ao ar sábado das 14 às 16 horas, durante o qual ele divulga a programação musical de músicos locais e abre o espaço para a divulgação de iniciativas culturais locais como a do nosso site.

Um abraço a todos!

Data : 29/06/2013

Título : PROPOSTAS PARA O PMC NA ÁREA DO LIVRO E DA LEITURA

Categoria: Artigos

Descrição: Este é o diagnóstico que elaboramos - eu, representando a APL e o Projeto Passo Fundo e as equipes da Jornada e da Univers. Popular - para o livro e a leitura na Plano Municipal da Cultura, em elaboração.

Contribua. Se vc escreve ou conhece quem faz, divulgue, participe, opine.

Dia 30 e 31/07 estará acontecendo na Academia Passo-Fundense de Letras a Conferência Municipal da Cultura que irá compilar todas as propostas na área da cultura para o Plano Municipal da Cultura, o qual se tornará lei e balizará as ações da cultura do Município nessa área nos próximos 10 anos.

Segue abaixo o texto elaborado para o Plano:

## PLANO MUNICIPAL DE CULTURA - PASSO FUNDO

### LIVRO, LEITURA E LITERATURA

#### 1. Diagnóstico das ações na área da Literatura em Passo Fundo:

No ano de 2009, através do decreto 138/2009, na forma do Art.110, inciso VIII da Lei Orgânica do Município de Passo Fundo, a vista do Processo nº 2009/22812, o prefeito municipal em exercício instituiu o Plano Municipal do Livro e Leitura de Passo Fundo, integrado pelas mais diversas atividades desenvolvidas por instituições públicas e privadas, com fins de democratizar o acesso ao livro, fomentar a leitura e formar mediadores, valorizar a leitura e a comunicação e desenvolver a economia do livro.

O PMLL surgiu estimulado pela movimentação cultural permanente em que se constituem as Jornadas Literárias de Passo Fundo, promovidas desde 1981, pela Universidade de Passo Fundo e Prefeitura Municipal de Passo Fundo, movimento este que se transformou, por força de Lei Federal 11264, sancionada pelo Sr. Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva em 02/01/2006, a cidade em “Capital Nacional da Literatura” e em 13/11/2007, por proposição do Deputado Estadual Luciano Azevedo por meio da Lei nº12838 em “Capital Estadual da Literatura”.

O PMLL reúne as iniciativas desenvolvidas no município em prol da leitura, procurando aumentar o número de leitores e o índice de leitura, possibilitando sua transformação em leitores críticos, emancipados e hipermidiais.

A prioridade do PMLL, portanto, é proporcionar a melhoria da capacidade leitora dos passo-fundenses que estejam no ensino formal, ou mesmo cidadãos de diferentes grupos sociais interessados em desenvolver uma formação estética, sensibilizadora, humanizante, incentivando-os a transformar o ato de ler no seu dia-a-dia num comportamento permanente.

Também foi instituída em 2009, a Comissão Municipal do Livro e Leitura, sendo esta responsável pela coordenação e desenvolvimento do PMLL de Passo Fundo, composta pelas seguintes entidades: Prefeitura Municipal de Passo Fundo, Jornada Nacional de Literatura, Academia Passo-fundense de Letras, 7ª Coordenadoria Regional de Educação e União das Associações de Moradores de Passo Fundo.

Além das Jornadas Literárias, há no município a Feira do Livro, realizada regularmente desde 1977. Atualmente a Associação dos Livreiros de Passo Fundo se responsabiliza pela organização desse evento.

A Academia Passo-fundense de Letras fundada em 1938, vem se firmando nos últimos anos como referência cultural em nosso município. Congregando 40 acadêmicos das mais diversas áreas do saber humano. Como instituição vem se firmando em forte influência na promoção da cultura, do livro e da leitura.

A Biblioteca Pública Municipal Arno Viuniski, fundada em 1939, recentemente reformada, conta com um amplo acervo, apresenta espaços disponíveis para diferentes manifestações literárias, artístico-culturais.

O Projeto Passo Fundo é uma iniciativa de um empresário local, que criou um portal na internet para divulgação dos autores do presente, passado e do futuro, pois além de congrega os autores vivos e que estão produzindo suas obras, tem também o escopo de divulgar os autores que fazem parte da história de Passo Fundo, através da digitalização das obras esgotadas, além de prospectar novos autores que ainda não tem sua obra publicada, propiciando que os mesmos possam fazer sua primeira publicação: seja em livro impresso ou em e-book, através dos programas Empresa Amiga da Cultura e do Clube do Livro.

## 2. Projetos e ações em andamento:

### EIXO 1- Democratização do acesso

- . Biblioteca Pública Municipal Arno Viuniski;
- . Centro de Referência de Literatura e Multimeios-Mundo da Leitura;
- . Bibliotecas escolares das redes de ensino municipal, estadual, federal e particular;
- . Biblioteca Conhecimento Coletivo - COLEURB;
- . Biblioteca Jorge Barbieux - SENAI;
- . Biblioteca do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo - Embrapa;
- . Biblioteca do Chicão;
- . Biblioteca Móvel Hospital São Vicente de Paulo;
- . Bibliotecas das instituições de ensino superior;
- . Biblioteca da Academia Passo-fundense de Letras;
- . Projeto Passo Fundo - autor e sua obra;
- . Biblioteca do SESI;
- . Biblioteca do SESC;
- . Quiosque de Leitura Roberto Pirovano Zanatta – Largo da Literatura Brasileira;
- . Ponto de Leitura – Largo da Literatura/Marco da Capital Nacional da Literatura;

### EIXO 2- Fomento à leitura e formação de mediadores:

- . O Fabuloso – SME/UP (Universidade Popular) Prefeitura Municipal de Passo Fundo
- . Programa Mundo da Leitura nas escolas municipais – Centro de Referência de Literatura e Multimeios/UPFTV/ Universidade Passo Fundo;
- . Práticas leitoras hipermidiais – Centro de Referência de Literatura e Multimeios/Universidade de Passo Fundo;
- . Projeto Livro do Mês- Universidade Passo Fundo/Prefeitura Municipal/SESC e Editoras;
- . Sacolas Circulantes – Centro de Referência de Literatura e Multimeios/UPF;

- . Leitura no Caminho- Instituto Roberto Pirovano Zanatta/Prefeitura Municipal;
- . Projeto DM na sala de aula – Empresa Jornalística Diário da Manhã Ltda;
- . ON nas escolas – MC – Rede Passo Fundo de Jornalismo Ltda;
- . APL nas Escolas- Academia Passo-fundense de Letras/7° CRE/ SME;
- . Bando de Letras e Letrinhas- Curso de Letras/ UPF;
- . Sorriso Voluntário- CEUSC/UPF;
- . Projeto Book Crossing/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UPF;
- . Jornada Nacional de Literatura- UPF/Prefeitura Municipal;
- . Jornadinha Nacional de Literatura- UPF/Prefeitura Municipal;
- . Café Filosófico – Faculdade Meridional/IMED;

### EIXO 3- Valorização da Leitura e Comunicação

- . Programa Mundo da Leitura na TV- Mundo da Leitura/UPFTV/Canal Futura;
- . Programa Outras Palavras- UPF/UPFTV/Curso de Letras/PPGL;
- . Concurso Literário da Academia Passo-fundense de Letras;
- . Programa Literatura Local – TV Câmara/Academia Passo-fundense de Letras;
- . Revista Água na Fonte- Publicação Semestral- Academia Passo-fundense de Letras;
- . Semana das Letras- Academia Passo-fundense de Letras;
- . Projeto Passo Fundo/Ernesto Zanette;
- . Festa do Monteiro Lobato – UPF/ Prefeitura Municipal;
- . Festa do Saci – UPF/ Prefeitura Municipal;
- . Festa de Natal – Instituto Roberto Pirovano Zanatta/Prefeitura Municipal;
- . Troca-troca de Livros – Prefeitura Municipal;

### EIXO 4- Apoio à economia do livro:

- . Feira interna UPF Editora – Editora UPF;
- . Feira do Livro-Associação dos Livreiros de Passo Fundo;
- . Projeto Livro do Mês -UPF/PMPF/SESC/Editoras;
- . Projeto Passo Fundo- Clube do Livro/ Empresa Amiga da Cultura/Loja Virtual;

## 3-ONDE QUEREMOS CHEGAR

PRIORIDADE      AÇÃO      RESPONSÁVEL      PRAZO

Biblioteca do Bairro Ampliação do acervo e reestruturação das 59 bibliotecas escolares municipais, abertas à comunidade. Prefeitura Municipal

Governo Federal

Empresas Privadas 2014 a 2017

O Fabuloso Aquisição e reforma de veículo ônibus biblioteca (O Fabuloso) Prefeitura Municipal

Governo do Estado do Rio Grande do Sul      2014 a 2017

Projeto Leitura no Caminho.      Ampliação do Projeto Leitura no Caminho para todos os CAIS de Passo Fundo e para cinco linhas de ônibus (CODEPAS) de Passo Fundo Prefeitura Municipal de Passo Fundo

Instituto Roberto Pirovano Zanatta

CODEPAS      2014 a 2016

Informatização do acervo dos materiais de leitura      Informatizar e interligar todo o acervo do ponto de leitura, quiosque de leitura, biblioteca pública e bibliotecas escolares municipais de Passo Fundo, através de uma base única de dados Prefeitura Municipal de Passo Fundo      2014 a 2016

Oficinas de Mediadores de Leitura e Contadores de História      Promoção de cursos de capacitação para mediadores de leitura e contadores de histórias nas escolas e instituições públicas municipais.      Prefeitura Municipal 2014 a 2015

Ponto de leitura no Aeroporto Lauro Kurtz e Rodoviária      Passo Fundo  
Implantação de um ponto de leitura no Aeroporto Lauro Kurtz e Rodoviária  
Passo Fundo

Prefeitura Municipal 2014-2016

Concurso literário de obras inéditas      Promover concurso literário de autores locais e regionais nos diversos gêneros literários com publicação em livro das obras vencedoras e prêmio em dinheiro APL/Empresas      Concurso literário a cada 2 anos nos diversos gêneros literários

Publicação de obras de autores locais      Ampliar o apoio financeiro, publicação, divulgação e distribuição de obras de autores locais Projeto      Passo Fundo  
Lançar a cada 6 meses, uma obra de autor local nas áreas da escrita criativa e/ou científica

Projetos de escrita e leitura - Apoiar financeiramente a semana das Letras da APL;

- Apoiar financeiramente a edição da Revista Água da Fonte da APL;

- Apoiar financeira e tecnicamente o projeto a APL nas Escolas do Município e do Estado (mediante convênio) da Rede de Ensino Pública ( mediante a aquisição de livros dos autores palestrantes e divulgação do Projeto junto às escolas) e Privada (subsídio para aquisição de livros e divulgação do projeto);

- Apoiar financeiramente a vinda de autores de renome estadual e/ou nacional para oficinas/painéis/palestras APL/PMPF/Governo Estadual e Federal/Empresas Semana das Letras – evento realizado na APL a cada 2 anos;

Edição da Revista Água na Fonte – uma a cada 6 meses;

Projeto APL nas Escolas – a cada semestre, a critério das escolas;

Intercâmbio com autores de fora: 01 por semestre.

Resgate de obras de autores passo-fundenses - Intensificar o apoio técnico e financeiro às iniciativas para digitalizar e disponibilizar na internet o acervo de imagens e livros sobre Passo Fundo Projeto Passo Fundo 2014- 2016

Mostra literária dos autores locais Promover uma Mostra dos Autores Locais

APL/Projeto Passo Fundo Realizar a cada dois anos uma mostra.

Biblioteca Parque Construção de Biblioteca Parque Prefeitura Municipal  
Governo Federal 2014-2016

Quiosque no Largo de Literatura Universal (Praça capitão Jovino) Construção de um Quiosque de Leitura no Largo de Literatura Universal na Praça Capitão Jovino Prefeitura Municipal

Estado do Rio Grande do Sul

Governo Federal

Empresas locais

IMED

Amigos da Praça 2014-2016

Projeto Bebelendo Implantar em todas as escolas de educação infantil da Rede de Ensino Municipal o Projeto Bebelendo.

Incentivar as escolas da iniciativa privada a aderirem ao programa Prefeitura Municipal

2014-2016

Jornada Nacional de Literatura Ampliar e fortalecer o financiamento das Jornadas de Literatura UPF

Prefeitura Municipal

Empresas locais

Governo do estado do Rio Grande do Sul

Governo Federal 2014-2016

Projeto Livro do Mês Ampliar o Projeto Livro do Mês UPF

Prefeitura Municipal

SESC

Editoras 2014-2016

Passo Fundo Lendo Institucionalizar o dia e a hora semanal de leitura no Município de Passo Fundo Prefeitura Municipal

Instituições públicas e privadas de Passo Fundo

Meios de Comunicação (TVs locais, rádios locais, jornais e revistas locais 2014-2016

Oficinas de criação literária Promover encontros de capacitação e criação literária Academia Passo-fundense de Letras

UPF

Prefeitura Municipal 2014 - 2015

Data : 16/11/2012

Título : REFLEXÕES NO BANHEIRO

Categoria: Contos

Descrição: A porta bateu com violência às minhas costas. Uma lufada de vento, talvez, ou um movimento involuntário da mão por causa da pressa. Não sei! Só sei que a lingüeta emperrou e agora me vejo trancado no banheiro de minha própria casa

### Reflexões no Banheiro

A porta bateu com violência às minhas costas. Uma lufada de vento, talvez, ou um movimento involuntário da mão por causa da pressa.

Não sei!

Só sei que a lingüeta emperrou e agora me vejo trancado no banheiro de minha própria casa. Não há ninguém do outro lado que possa me ajudar. A janela dá para o vazio do poço de ventilação no meio da construção. Gritar seria inútil, sobretudo a essa hora da manhã em que todos já devem ter saído. Fiz bolhas nas mãos, agarrando-me ao trinco da porta, tentando abri-la à força. Tenho medo de quebrá-lo. Aí sim eu estaria numa enrascada. Tenho que manter a cabeça no lugar.

O que deverá pensar meu chefe quando se aproximar a hora em que eu deveria chegar e eu não estiver lá? Poderá ele aquilatar o insólito desta situação? E o que é pior: serei suficientemente convincente para lhe explicar o que até agora é difícil até para eu acreditar? Talvez eu devesse sentar simplesmente, esperar até que alguém dê por minha falta e tentar fazer algo para saber se aconteceu alguma coisa. Aí, quem sabe meus gritos de socorro possam surtir algum efeito.

Ao menos se eu tivesse um bom livro. Aquele, por exemplo, que está ali na estante da sala, apenas a alguns metros de mim e do qual, no entanto, eu me encontro irremediavelmente separado por esta porta estúpida. No entanto, se ela não existisse, eu não teria vontade de ler numa hora dessas.

Grito para o vazio do poço de ventilação e nada!

Ninguém que possa me ajudar. Além do mais como é que alguém acreditaria que um marmanjo desses estivesse às voltas com a porta do seu próprio banheiro?

Eu deveria me esforçar para ser melhor companhia para mim mesmo numa hora dessas. Nesses momentos de desespero, por exemplo, eu poderia me ajudar sendo essencialmente prático e enfrentando essa situação como um caso que exige, sobretudo, o engenho antes que a força bruta.

É incrível com que obstáculos tem de se lidar, às vezes. Quem diria, por exemplo, que esta porta iria se voltar contra mim e, de repente, me fizesse de seu refém, justo num dia em que eu estava tão apressado?!

Até que ter alguém, nesse momento, não seria má idéia. Mas pensar em ter uma esposa para essas eventualidades, não é bem a concepção que tenho do casamento. “Tudo bem, querido, eu vou chamar um chaveiro e logo, logo você estará fora daí”!

E por causa disso eu teria que pagar para o resto da vida as suas contas, chegar todo dia em casa no horário, ajudar a cuidar dos pimpolhos, abrir mão dos meus livros, sob pena de ser acusado de não dar atenção para a família, me abster de ter novos casos, enfim, uma dedicação que não deixaria nada a desejar a que o príncipe deve ter tido outrora com a donzela que beijou o sapo e o livrou da praga horrível.

Bem, quem sabe eu poderia tentar tirar os parafusos das dobradiças. Mas estão tão enferrujados, cobertos de restos de tinta...

Por que não dar mais atenção para essas coisas mínimas do nosso dia-a-dia? A gente realmente só se dá conta desse universo de miudezas e detalhes quando precisa e se sente traído quando precisamos deles, como se eles devessem estar sempre à nossa disposição, quando normalmente sequer reconhecemos sua existência.

Preciso me concentrar, afinal, a situação, apesar de ser risível, pode ser trágica se eu não conseguir sair daqui. Ficar dias a fio, preso em sua própria casa, vendo a barba crescer, como um Conde de Monte Cristo no interior dessa masmorra! Talvez eu esteja exagerando. De todo modo, preciso fazer alguma coisa prática. É incrível como eu possa ser dispersivo até nesses momentos, mas também quem não se sentiria tentado explorar o ridículo dessa situação?

Pronto, quebrei a ponta da tesoura, tentando tirar os parafusos! Agora que a coisa se tornará mais difícil, porque a outra ponta, por ser mais fina, não conseguirá girar os parafusos. Esperava conseguir sair daqui sem precisar incomodar ninguém, mas pelo jeito terei que criar o pânico entre meus vizinhos para isso. A gente nunca sabe que proporções as coisas podem tomar. O inusitado sempre nos faz recordar com carinho aqueles momentos da nossa rotina, por mais massacrantes que eles possam ter sido. Realmente, ficar preso no banheiro da própria casa não tem nenhuma graça. Por outro lado, se você pensar bem, os imprevistos estão sempre à espreita. A gente que acha que determinadas coisas jamais acontecerão conosco: uma doença incurável, a perda de um ente querido, um atropelamento, a perda do emprego. Na verdade, o futuro é uma nebulosa de incertezas, só tolerável porque penetramos nele como que anestesiados pela frivolidade das nossas vidas. Por outro lado, se nos levássemos muito a sério correríamos o risco de nos vermos imobilizados pelo pânico da incerteza. No mais das vezes, no entanto, a solidariedade com nossos igualmente desesperados companheiros de viagem desse grão de poeira cósmica é comumente nosso mais eficaz elixir contra essa sensação.

Olha eu de novo a divagar!

Não supunha que o meu banheiro exercesse esse efeito sobre mim, de me fazer cogitar dessas coisas que de outro modo eu nunca encontro tempo para refletir. Seria até interessante todo mundo ter de passar por uma experiência dessas de vez em quando. Percebo que existem muitas coisas na vida sem respostas, que só uma situação inusitada dessas, que quebra nossa rotina, nos faz parar para pensar. Não será por isso que de tempos em tempos a gente tem que levar algumas porradas da vida, tem de encontrar pela frente algumas portas que se negam a abrir, como se realmente tivesse alguém lá em cima querendo nos dizer alguma coisa e para a qual a gente nunca tem tempo?

Estou quase conseguindo!

Os parafusos todos fora... agora só tenho que mover a porta ...

Consegui!!!

Preciso correr, porque já estou atrasado.

No que eu vinha pensando mesmo?

Agora não posso. Não tenho mais tempo para pensar nisso.

Data : 05/05/2013

Título : RIR POR ÚLTIMO

Categoria: Poesia

Descrição: Reza o ditado que quem ri por último ri melhor.

RIR POR ÚLTIMO

Reza o ditado que quem ri por último

ri melhor.

Primeiro

eu ri

- por último.

Mas a vida foi passando

e outros riram

também.

E eu ri novamente

e novamente outros riram

até eu achar

que era o derradeiro.

Mas aí

eu ri de novo.

E outros riram

e mais outros

e mais outros

e mais outros  
até eu não saber mais  
qual seria o fim.

Agora  
já passado tantos anos  
não me importa mais saber  
quem irá rir no fim:  
outros se sucederão.

Afinal o fim  
é o fim.

Quem se importará  
com o que vem  
depois?

Data : 27/07/2017

Título : SERRA

Categoria: Poesia

Descrição: Entre a planície e o planalto há uma zona de transição que a todos arrepia.

Entre a planície e o planalto  
há uma zona de transição  
que a todos arrepia.

Um lugar de combate  
em que as forças da natureza  
há milhões de anos

travam ciclópicas batalhas:  
a Serra.

Zona de fronteira, guardada por titãs.  
Contrafortes que se alteiam  
pelas forças descomunais  
da natureza em choque.

De um lado a planície  
beatífica.  
De outro,  
o planalto  
bonachão  
esparramando-se sobre ela  
em derrames vulcânicos  
de milhões de anos atrás.

Na fronteira entre ambos  
o embate dos elementos  
ainda acontece.

Quem por ali transita  
pode sentir  
a tensão que emana  
dessa guerra silenciosa.  
A qualquer momento  
ela pode estourar  
em desmoronamentos  
rajadas de ventos traiçoeiros  
espessas neblinas.

É onde os elementos  
ainda estão em formação  
e as forças em jogo  
se mostram mais evidentes:  
águas que ganham velocidade  
em rios que esculpem profundas gargantas  
e de onde  
a espessa neblina se levanta  
enganadora do viajante mais ousado.  
Como chumaços de algodão

escondem  
sob um sol pejado  
o coito ancestral  
entre o céu e a terra.

Tempestades que arremetem  
contra as escarpas nuas  
fustigando-as com seu látego de água e vento  
enquanto as arvores inseguras  
agarram-se ainda mais tenazmente  
com suas unhas de raízes profundas.

Não será à toa  
que a descida e a subida  
da Serra  
é o momento mais tenso  
de qualquer viagem.

Quem por ali passa  
nunca sabe

o que ela irá lhe cobrar  
pois como gigantes adormecidos  
os contrafortes podem despertar  
arremetendo de si os caminhos  
em seus dorsos riscados.

A Serra é a fronteira  
além da qual muitas vezes  
ela não nos permite  
passar.

Data : 19/07/2010

Título : TOQUEMOS JUNTOS!

Categoria: Crônicas

Descrição: Me comporto como se tudo fosse música. Ajo governado por meu ritmo interior.

## TOQUEMOS JUNTOS

Me comporto como se tudo fosse música. Ajo governado por meu ritmo interior.

Ocorre que este ritmo nem sempre concorda com o ritmo do mundo e, então, saio de compasso. Tenho que sintonizar novamente o ritmo das coisas e esquecer por um momento a minha frequência interior. O que é sempre um processo doloroso, pois quando isso acontece tenho de fazer um esforço, afinar o ouvido novamente para ouvir a música que o Universo está tocando.

Sim, o Universo. Pois creio que a expressão a “harmonia das esferas”, usada por Newton, não seja apenas uma metáfora para expressar a perfeição da gravitação universal da órbita dos planetas, mas a expressão para a ordem subjacente de todas as coisas: a música.

E música é ritmo. E ritmo é matemática.

Pitágoras já dizia quase o mesmo: que os números governavam o mundo.

Enfim, para eu, que não sou muito afeito aos números, o mundo é mesmo governado pela música.

Há uma música universal tocando e só as sensibilidades mais aguçadas são capazes de a captar, sendo a música como a conhecemos, apenas uma expressão singular dessa música universal. Pois há música no ato de criar, seja ele qual for; há música no trabalho, quando gostamos do que fazemos; há música no amor, quando estamos apaixonados; há música nas nossas vidas, quando estamos com saúde e ganhamos o suficiente para pagar as contas, investir e economizar. Há música quando conseguimos “reger” todos essas facetas do nosso ser, de tal forma que todos eles trabalhem em harmonia: a saúde, o amor, as finanças, a realização profissional. Quando um deles desafina, desafinamos como um todo e como, na música, um desafino é sempre desagradável ao ouvido.

Os povos primitivos viviam em harmonia com a natureza. Seus ciclos de nascimento, crescimento e morte. A civilização afastou o homem do seu meio e ficou mais difícil para ele apreender o ritmo natural.

Há muitas dissonâncias hoje que são fonte de doenças, desajustamentos, exclusão e violência. O homem não vive mais em harmonia com o seu meio. Se despersonaliza, não se reconhece naquilo que faz. O trabalho lhe obriga a cumprir horário, a fazer coisas que não tem vontade. Não é por acaso que o índio morria quando escravizado. Tirado do seu meio era obrigado a empregar a sua força de trabalho para gerar a riqueza de poucos. O que ele não entendia. Na natureza tinha tudo do que precisava e só agia quando realmente necessário.

O trabalho - e mais ainda a sua falta, pois o meio lhe impõe isso - é a maior fonte de stress do homem moderno, pois o obriga a um ritmo que não é o seu.

Na medida do possível tem de haver uma adequação. O homem tem de o ajustar ao seu ritmo interior. Quer dizer, escolher aquele que mais se adequa a si. O que é um privilégio para poucos que podem preparar-se adequadamente para o exercício de uma profissão realmente satisfatória. Não apenas como um meio de subsistência, mas também como fonte de realização. A sensação que se está cumprindo com aquilo para que se nasceu.

Mas estamos chegando lá. A civilização pós-industrial começa a ser dar conta de que o homem tem de ser o centro das suas preocupações. Garantir o seu bem estar, a satisfação com o seu trabalho e a sua saúde. Só assim haverá produção de qualidade, pelo menos naqueles setores em que o produto é esforço da inteligência, da sensibilidade e da criatividade. Às máquinas deixamos o trabalho duro e burro. Máquinas que, uma vez pensava-se, iam substituir o homem. Sim, substituíram, mas só naqueles trabalhos que não exigem criatividade e inteligência. Cada vez mais o homem pode se liberar para essas tarefas. E para essas, tem de estar bem consigo e com seu meio. Em harmonia.

Algo que, nos dias atuais, todo mundo começa a buscar, na medida em que está ficando cada vez mais claro que a saúde não é só uma condição orgânica, mas também fruto de um estado psíquico e emocional equilibrado. O que só se consegue quando se escuta a música interior de cada um e ela vibra na mesma frequência com o seu meio.

Sócrates dizia: conhece-te a ti mesmo. Poderíamos complementar este provérbio com: escuta-te a ti mesmo! Busca sintonizar o teu ritmo interior com o ritmo do Universo, pois quando eles vibram juntos, tudo flui melhor. O que de certa forma define o conceito de sinfonia. Do grego sym- reunião, com – phonia – sons, vozes. Reunião de sons e vozes.

Toquemos juntos, então!

Data : 23/08/2010

Título : TRAVESSIA

Categoria: Contos

Descrição: Meu último negócio antes de me aposentar foi ter comprado esta chácara. Meu último e, diga-se de passagem, meu melhor negócio

## TRAVESSIA

Meu último negócio antes de me aposentar foi ter comprado esta chácara. Meu último e, diga-se de passagem, meu melhor negócio, pois se eu pudesse adivinhar os dias que estavam por vir talvez não tivesse feito negócio melhor. Meus filhos e minha mulher adotaram um estilo de vida que, em absoluto, se afina com o meu. De modo que, depois de aposentado, não me restou outra alternativa se não me mudar para este retiro onde eu possa ter um pouco de paz.

E paz é o que não falta aqui. De frente para o lago da represa do Rio Jacuí – uma das tantas existente ao longo do seu curso - a chácara é uma beleza, com muitos pés de erva-mate que ainda me darão alguma renda, além das ovelhas, galinhas, porcos e vacas de leite que vieram juntos no negócio.

Durante a semana faz-me companhia o caseiro que mora com a família numa casinha aqui perto, e com o qual entretenho-me durante o dia (dando ordens, naturalmente, que eu já não tenho o vigor de antes para pegar num cabo de enxada). Limpamos o erval, aramos a terra, plantamos milho para as galinhas e os porcos, adubamos as mudas de árvores frutíferas que plantamos há pouco no que, pretende-se, seja um pomarzinho daqui a alguns anos. Nos fins de tarde, cevamos junto o mate, contamos alguns causos ou ficamos apenas quietos, fazendo companhia um para o outro, quando Antônio não prefira estar com os seus, o que me deixa um pouco arreliado.

A solidão, sabe? Ela não é bem meu forte.

Mas logo isso passa, em geral ao sabor da pinga e ao som do rádio com o qual tento encher o ambiente. Deito-me cedo para estar logo de pé no outro dia. Hábito que eu trago dos tempos da ativa. Nunca consegui ficar até tarde na cama, por estes hotéis Brasil afora. Eu era representante comercial de uma indústria de doces de São Paulo. Preferia levantar cedo, cevar algum mate com o dono do lugar - quando este fosse gaúcho, é claro - procurando me concentrar para o dia de negócios que tinha pela frente. Hoje, que estou aposentado, poderia me dar ao luxo de ficar até mais tarde na cama. Mas não me acostumo com a preguiça. Ademais prefiro as manhãzinhas, quando o dia está apenas nascendo, para afugentar a melancolia que as noites de solidão tem me provocado por estas paragens.

Uma tarde dessas, de verão, em que o dia invade a noite como um braço de mar que parece vai engolir a terra, e quando o vento calma na ramagem das plantas, fiquei intrigado com o som das vozes e risos que vinha da outra banda da represa. Nunca tinha reparado nisso até aquele dia. Parecia haver festa do outro lado. Para quem está sozinho estas demonstrações de alegria aguça ainda mais a solidão e a tristeza. Cheguei até a margem da água para ver se distinguia o que estava se passando do outro lado.

Mas não vi nada de anormal. Só o casario e alguns carros estacionados perto de uma delas.

No dia seguinte perguntei ao caseiro se ele sabia me explicar ao que se devia aquela algazarra que eu tinha escutado no dia anterior. Ao que o matuto me respondeu meio desenxabido:

- O senhô nun sabe, não?
- Não sei. Por isso estou lhe perguntando.
- Aquilo é casa de mulher. De quenga, como se diz nas novela.
- Ah é?! – me fiz de estúpido, tentando disfarçar o meu interesse e a minha surpresa.
- É isso mesmo, senhô.
- E você já foi até lá?
- Quem?! Eu?! Deus me livre. Minha muié me capa se sabe de uma cosa dessas.

Não pude deixar de rir do seu jeito. O seu medo não oculto da mulher que eu desconfiava não fosse flor que se cheire, me fez achar engraçado a sua sinceridade, ainda que aquilo liquidasse as esperanças que eu pudesse alimentar de um dia fazermos a travessia. Para isso seria preciso que sua mulher se ausentasse de casa, o que, a julgar pelos seus hábitos de galinha choca, não aconteceria tão cedo. Ainda mais passar a noite fora, longe da sua ninhada. Por isso não toquei mais no assunto, preferindo adotar a tática do homem sério para não perder o respeito do empregado, nem criar demasiada intimidade com ele.

Fiquei, porém com aquilo na cabeça o dia todo.

Quem diria! Uma casa de recreio ali tão perto de mim, naquelas distâncias! E eu do outro lado da água agonizando de solidão e melancolia. Para chegar lá, no entanto, um mar de dificuldades.

E o que eu tinha a mão para fazer a travessia?

Um pequeno bote a remo e nos membros a falta de vigor para remar até do outro lado.

Nos fins de tarde, a partir de então, dava-me ganas de entrar represa adentro e atravessar aquilo a nado para acalmar a minha excitação só de ouvir as músicas e os risos, sem ter meios de chegar até lá. Tão perto e tão distante. Farway, So Close, lembrava-me do filme de Win Wenders, dos anjos, de Nastassia Kinski e da atmosfera de Berlin onde tudo se passava tão parecido com o momento surreal que estava vivendo.

Um dia, porém, minha sorte começou a mudar.

As cercas da propriedade precisavam ser consertadas e a propósito disso, me vi obrigado a contratar um rapaz das redondezas para me ajudar nessa empreitada. Mal havíamos começado o serviço quando recebemos a visita de Maurício, meu genro, e Evelise, minha filha. Tinham vindo para ficar o final de semana, e Maurício estava ansioso para molhar a minhoca na barragem, atrás dos peixes-reis que ali proliferavam. Impacientado com as misérias de lambaris que só lhes comiam as iscas, Maurício sugeriu a meu ajudante que lhe fazia companhia, para pegarem o barco e ir até o meio do lago onde pudessem tentar a sorte em águas mais fundas.

Eu que não tinha pensado nisso até aquele momento de repente vi o céu se abrir para mim.

Elias, meu ajudante, remava com vigor, de tal maneira que em poucos minutos o dois tinham se tornado apenas um ponto no meio do lago. Aquilo reacendeu a idéia que eu já tinha reputado morta por falta de meios.

Faríamos a travessia, Elias e eu! Tínhamos apenas que esperar as visitas se irem para termos essa conversa.

Como é que eu não tinha pensado nisso antes?!

Por sorte eles não pescaram nada. Maurício se aborreceu bastante, e eu sabia que aquele bicho da cidade não agüentaria mais de um dia na chácara.

Como eu previra, no dia seguinte, sábado depois do almoço, Maurício convenceu Eve para irem embora. Esta resistiu, porque se preocupava comigo, mas depois de se convencer de que eu ficaria bem - fiz, na verdade, poucas tentativas para retê-los - aceitou acompanhar o marido.

Mal saíram, me voltei para Elias com uma expressão que deve tê-lo assustado, pois o rapaz arregalou os olhos e deu um passo atrás quando me dirigi para ele com um sorriso que deve tê-lo feito pensar que, de repente, eu teria passado a gostar de homens. Tranquilei-o quando lhe expliquei minhas intenções. Sorriu aliviado. Faríamos hoje mesmo a travessia!

Rumamos para casa a fim de nos prepararmos para noite. Pedi a Elias que, enquanto eu me aprontava, ele verificasse o barco.

Em casa tomei um banho demorado, fiz a barba, passei todas as loções que tinha à mão. Depois me sentei na área, pus um disco de serestas, a fim de entrar no clima.

Elias voltou da sua tarefa satisfeito. Estava tudo em ordem. Seria moleza fazer aquela travessia, e eu mesmo no meu entusiasmo, prometi recompensá-lo se tudo corresse bem. A noite seria por minha conta!

O jovem parecia um pouco ansioso, por isso eu não pude evitar a pergunta:

- O que é que há com você? Parece que está nervoso com alguma coisa. Não está gostando da idéia de nos divertirmos um pouco?

- Não é isso, seu. É que eu...bem o senhor sabe, pode parecer brincadeira, mas eu... nunca...

- Você nunca esteve com uma mulher antes? É isso?

- É sim, senhor.

- Mas um rapagão na tua idade, nunca...Você nunca teve namorada, rapaz?

- Ter eu tive, mas... não rolou.

- Que idade você tem?

- Eu tenho 22 ,senhor.

- Bem está mais do que na hora de você ser iniciado nestes mistérios. Esta noite, no que depender de mim, você vai ter a melhor mulher daquela zona. Fique tranquilo.

Isso parece tê-lo deixado mais sossegado.

Tive que lhe emprestar uma camisa e um par de sapatos, pois como o moleque tinha vindo a serviço, segundo me disse, não tinha trazido roupas de festa. Morava comigo agora, até concluir o serviço. A casa dos seus pais, como quem ainda morava, ficava longe e não havia porque ele estar perdendo tempo com ir e voltar. Nos finais de semana ele ia pra casa. Mas naquele, por causa daquela ocasião especial, eu tinha lhe pedido que ficasse.

Dependia dele, vejam só, de um rapazote ainda puro, para fazer a travessia. Um tinha a força nos braços, o outro a experiência. Formávamos uma bela dupla.

A tarde ainda não havia caído, mas já estávamos prontos. Tínhamos toda a represa pela frente e não queríamos nos pegar no escuro fazendo a travessia. Nem que chegássemos cedo. A primeira travessia tinha que ser feita com a luz do dia.

Antes de entrar no barco, atolei os sapatos na lama da margem, sujando a barra das calças. Aquilo me deixou um pouco contrariado, pois de repente me sentia de novo vaidoso, preocupado com minha aparência, coisa que há muito tempo eu não sentia.

Quando encetamos a jornada, imbicando a quilha do barco na direção do nosso destino, já tinha esquecido o ocorrido, conservando dele apenas a sensação do garoto que parte para uma noitada e repara em si os mínimos detalhes.

Sobre a barra do horizonte, um pôr-de-sol esplêndido. Um céu amplo que do meio da represa eu jamais tinha abarcado. Dir-se-ia a abóbada de imensa catedral, mudando de tom de acordo com a luz morredoura do sol, do azul mais claro ao azul escuro, passando por todas as tonalidades do vermelho e do amarelo. Contra este fundo, uma formação em V de aves em migração, como uma seta arremessada ao longe, conferia ao ambiente a última nota de uma beleza que eu não estava acostumado, pois vivia confinado sob as copas dos eucaliptos que faziam a volta da casa. De repente me via arremessado para

o meio de toda aquela amplidão de água, céu e ar. Começava a sentir vertigens, como se fosse ser engolido por ela. Tive que me segurar na borda do barco, pois minha cabeça dava voltas. Elias perguntou se eu estava me sentindo bem, ao que eu lhe respondi que sim, só um pouco tonto. Eu devia estar pálido, pois o rapaz me sugeriu que eu abaixasse a cabeça entre os joelhos para ativar a circulação.

Andamos ainda bem uns 20 minutos até aportarmos com segurança na outra margem.

O lugar estava deserto, e a casa que calculávamos devia ser nosso destino estava em silêncio. Havia outras duas casas próximas que deviam servir de dormitórios.

Nos aproximamos com cautela.

Fomos recebidos por uma senhora de cabelos pretos e profundas olheiras. Dissemos que queríamos beber um pouco. Aquela devia ser a senha para os que chegavam, sobretudo para os primeiros como nós. Fomos convidados a entrar e informados que abria uma exceção porque não costumava receber fregueses tão cedo. As meninas precisavam jantar e algumas mesmo não tinha voltado da cidade para onde tinham ido às compras.

Deixamo-nos estar numa sala abafada para onde fomos levados. A casa era de madeira. Tinha absorvido todo o calor do dia e ainda o conservava. Com suas portas e janelas fechadas emanava odores que nos pareciam uma mistura de cerveja com água sanitária, de uma higiene feita às pressas. Pedimos se podíamos abrir uma janela. Fomos salvo por uma brisa que começava a soprar da barragem. A mulher que nos recebera, agora nos servia cerveja. Achamos que ela fosse a dona do lugar.

Havia algumas poltronas em redor e no centro uma mesa de bilhar que a gente tinha certeza era removida para dar início ao baile.

A senhora disse que teríamos de ter paciência e que jogássemos umas partidas de sinuca se nos agradava. As bolas estavam na mesa. Ela não poderia nos fazer sala. Tinha mais o que fazer. Em breve chegariam as meninas.

Para mim aquilo tudo era muito natural e nada poderia abater o meu ânimo naquela noite. Há muito tempo não vivia uma aventura como aquela.

A patroa entrava e saía da sala por uma porta lateral que levava ao que parecia ser uma cozinha. Contígua a essa ficava o banheiro, sem indicação na porta do gênero a que se destinava. O que dava bem o tom da indiferenciação que naquele ambiente viviam homens e mulheres. Algo que sempre havia admirado nas prostitutas: um trato naturalíssimo da sexualidade e das necessidades mais torpes do corpo e da alma humana, rompendo com todas as barreiras do pudor e das regras sociais.

Ouvia-se eventualmente risos e conversas baixas, vindo de algum lugar indeterminado atrás das paredes. Mas não víamos ninguém até a chegada ruidosa do grupo de mulheres que tinham ido à cidade.

Estavam muito maquiadas e usavam roupas coloridas e provocantes. O grupo era composto por vários tipos e de idade as mais diversas, mas me chamou de imediato a atenção um menina loura de seus 20 anos, olhos verdes

de gata assustada, no meio daquele bando heterogêneo e espalhafotoso. Dir-se-ia que aquela fosse sua primeira noite naquele lugar esquecido de Deus, fugida talvez de uma família pobre ou de um padastro ousado demais, como sói acontecer por estas periferias de cidade grande.

Não se detiveram muito, sobretudo ao perceberem a nossa presença. Traziam diversos pacotes e faziam muitas exclamações pelo que tinham achado nas lojas e que o dinheiro já não valia mais nada. Precisavam atualizar seus preços.

Ruídos, enfim, que foram esmaecendo à medida que foram mergulhando na cozinha, que parecia também ser a passagem para os quartos. Passagem que antevíamos com excitação quando mais tarde seríamos conduzidos por ela.

Mal nos tínhamos dado conta de que a noite havia avançado e já não nos atraía mais o jogo de bilhar. Desistimos da partida e fomos nos sentar nas poltronas, instalados como marajás em seu harém, a espera das concubinas.

Elias me disse que suas mãos estavam suadas e que isso acontecia quando ele ficava nervoso. Disse-lhe para se acalmar, pois teria mais chance de ser bem sucedido com a sua juventude, do que eu com a minha experiência. Aquelas eram mulheres experientes e saberiam muito bem como deixa-lo à vontade.

Pelas janelas abertas a brisa que sopra da barragem havia varrido da sala todo resquício do odor que antes havíamos encontrado. E assim como o ambiente, essa era a nossa disposição de espírito: com as portas e janelas abertas para o que estava por vir.

Minutos depois, uma morena alta e esbelta, com botas de cano alto, minissaia preta e meias arrastão - o traje fatal das garotas de programa - entrou na sala para nos pedir se estávamos à vontade, se queríamos mais cerveja e se gostaríamos de ouvir música. Só então nos demos conta da existência de um aparelho de som no canto mais escuro da sala, a nossa direita, o qual se iluminou ao toque da mulher que manuseou algumas teclas antes da música começar a tocar. Pediu se tínhamos alguma preferência. Ao que respondemos que tanto nos fazia. Não tínhamos vindo ali exatamente para escutar música. O que ela entendeu com uma gargalhada e acabou por se decidir por uma música sertaneja do momento. O que parecia ser a senha para o começo do baile, pois tão logo a música começou a tocar as mulheres desceram sobre a sala, como uma revoada de pardais, ocupando as poltronas disponíveis, em trajes sumários que davam bem idéia do que teríamos pela frente. Rindo e falando alto, cruzando as pernas com malícia e voluptuosidade, outras se recostando no braço das poltronas já ocupadas, todas com os olhos fixos em nós, tentando adivinhar que tipo de homens éramos.

A entrada delas fez o ambiente perder a neutralidade de antes. Éramos lançado em plena disputa pelas graças daquelas beldades, mas não devíamos nos precipitar. Imaginava que as mãos de meu companheiro aquela altura deviam estar pingando de suor.

Por fim a mulher de botas aproximou-se de nós e sentou-se sobre o braço da poltrona em frente, deixando-nos a mostra um pouco da calcinha rendada que usava. Nos apresentamos como pretexto e comecei a lhe contar a nossa aventura de atravessar o lago e do exímio remador que tinha encontrado em meu companheiro, graças a quem tínhamos conseguido chegar até ali. Com

isso conseguia introduzir meu amigo na conversa, o qual parecia aos poucos adquirir confiança, sobretudo com a imagem que agora tinha diante dos olhos. De imediato compreendi que aquela seria mesmo a mulher ideal para ele e ele também havia gostado dela. É óbvio que sob a casca da timidez começava a se agitar os ímpetos do macho e Elias logo soltaria a língua para contar como tinha aprendido a remar desde pequenino, quando o lago da represa começou a se formar. Queria impressionar Camila, a mulher das botas altas. Pisquei para ela a propósito disso e ela entendeu. Continuamos a conversa enquanto o ambiente se enchia de outros homens. Lhe contei a situação do rapaz, pedindo-lhe que dispensasse a ele uma atenção especial.

Eu não havia me enganado. Ela revelava o maior gosto por ter o controle da situação. Quando eu lhe pedi, então, para ser a anfitriã de Elias nos mistérios do sexo, eu a havia envaidecido. Depois o próprio Elias me contaria como havíamos feito a escolha certa.

Dançamos até cansarmos as pernas. Nos misturamos entre tantas mulheres que era difícil escolher uma. A verdade é que muitas não eram bonitas. Já tinham uma certa idade ou estavam semi-acabadas pela vida que levavam. Com exceção a que Elias já tinha escolhido para si - ou sido escolhido - havia apenas mais uma ou duas garotas mais novas. E estas eram disputadas pelos homens da sala, com exceção daqueles que por timidez ou por absoluto senso da própria condição se resignavam a pegar o que aparecesse.

De minha parte também não tinha muito o que escolher. Mas também não queria passar minha primeira noite mal acompanhado. Por isso custei a me fixar em uma em particular. Preferi adotar a técnica de ficar na espreita até as coisas se definirem melhor. Vendo minha situação, Camila veio em meu socorro. Disse que aquela noite estava feliz e que eu tinha contribuído para isso. Não queria me ver só daquele jeito. Providenciaria para que eu não saísse dali sem ficar com vontade de voltar. E dizendo isso, me tomou pelo braço. Atravessamos todo o salão até a porta da saída. Eu não entendia o que estava acontecendo, mas me deixei levar pela sua animação. Também não queria decepcioná-la. Ela se esforçava para me agradar.

Saímos da casa principal, atravessamos o pátio, deixando para trás o ruído da música, das vozes e a fumaça insuportável dos cigarros. Minha roupa cheirava a tabaco. Pedi-lhe aonde íamos. Respondeu-me que queria me fazer uma surpresa. Disse-lhe ainda, brincando, que tinha lhe pedido que cuidasse do meu amigo, não de mim. Ao que ela pediu para que eu me calasse. Já estávamos chegando lá. Paramos diante da porta da casa próxima, onde apenas uma luz baixa e o silêncio reinavam. Entramos e Camila me apresentou a Angélica, a moça dos olhos verdes, que antes eu tinha visto. Disse-me Camila que Angélica nem sempre participava da folia da outra casa. Por isso ela era cobiçada pelos homens que a conheciam.

Disse-me ainda Camila que, ao me observar, achou que eu gostaria de Angélica. E ela queria me fazer um agrado naquela noite de estréia. Para ficar freguês, disse-me, por fim, nos deixando a sós.

Angélica até então não tinha dito palavra. Sentada na cama, parecia que já se ia recolher, pois estava apenas de camisola. Era linda agora que a via melhor. Dir-se-ia não ser uma mulher daquele meio. Também parecia ter educação, pois me pareceu que lia quando chegamos. Sentou-se na cama, com os pés nos

chão, me observando com curiosidade. Parecia querer adivinhar o que eu faria em seguida.

Sem jeito, no meio do quarto onde Camila tinha me deixado, sentia-me atravessado por seu olhar frio, sem saber o que dizer. Ela, em verdade, era tudo o que um homem poderia desejar. Mas era tão jovem...que eu me sentia meio embaraçado de estar ali com os propósitos pelos quais Camila tinha me trazido. E agora eu já não sabia se tinha sido uma boa idéia.

- E então? - perguntou-me, de repente, sentindo meu embaraço e com naturalidade como se aqueles rompantes de Camila já fossem bem conhecidos.

- Desculpe mas a idéia não foi minha, foi dela...

- Eu sei, não se preocupe. Camila tem um parafuso a menos. Aliás esta parece ser sua primeira vez aqui. Eu pelo menos nunca o tinha visto.

- Sim. Eu moro do outro lado...da represa, sabe? Nós viemos remando.

- É?! - disse ela, de repente, curiosa. – Legal!

- Também acho. Eu moro sozinho e todas as noites eu ficava escutando o barulho das festas que vocês dão aqui, então eu ficava me perguntando como eu poderia atravessar essa água toda e chegar até vocês, onde eu pudesse arrumar alguma companhia.

- O Senhor... quero dizer, desculpe. Você é separado, viúvo?

- Mais ou menos. Quero dizer, mais ou menos separado, né, porque viúvo não dá para ser mais ou menos - que babaca pensei. Que papel eu estou desempenhando para esta menina. - Escuta eu posso sentar? Estou me sentindo como se eu estivesse na Polícia dando um depoimento.

- Oh, é claro, me desculpe. Sente-se aqui - disse ela com um salto da cama, puxando para mim uma cadeira da mesa próxima. O seu robe com isso, se abriu um pouco e eu pude ver que estava apenas de calcinha. Era um robe de seda beje, que realçavam suas formas.

- Me diga, o que uma menina como você faz aqui? - disse de repente encantado com sua beleza, com sua educação, intrigado com o que uma mulher como ela iria querer num fim de mundo daqueles.

- Eu sou uma menina pobre. Isso define tudo. E sempre quis as coisas que a minha família não podia dar. Por isso, fui prática ,só isso.

- Mas você, bonita como é, educada, podia cativar qualquer homem. Poderia se casar. Ter uma vida de princesa.

- Hoje em dia os homens não querem mais isso. Eu já tive namorados, principalmente este garotos ricos. Eles só querem transar depois dar o fora. Por isso eu encarei as coisas pelo seu lado mais...prático. E aqui eu ganho até mais ou menos. Mas também não fico com qualquer um. A Camila nesse ponto respeita minha decisão.

- Mas é uma vida ingrata... logo você vai estar...

- Olha, quer saber de uma coisa? Não vamos mais falar sobre mim, tá. Eu já sou crescadinha e puxão de orelha eu já levei demais na minha vida. Agora sou eu quem manda em mim.

Ela tinha voltado a sentar na cama, mas com esta intervenção, levantou-se de novo e andou até a janela. Puxou um cigarro do bolso do robe e começou a fumar olhando para a represa. Sentia-me embaraçado de vê-la de costas. Seu corpo era perfeito e os cabelos caíam-lhe até o meio das costas num loiro que se confundia com a cor do robe. Parecia que ela estava nua, e ela tinha consciência de que eu a desejava.

- Você quer ficar comigo esta noite? - disse de repente se voltando para mim.

Aquilo me pegou de surpresa, sobretudo vindo de uma pessoa tão jovem. Se tinha uma virtude que ela possuía esta virtude era sua determinação.

- Sim - eu só pude ouvir me dizer, ao mesmo tempo pensando se eu teria como ..."pagá-la". Aquilo me soava tão grotesco, a idéia de que a pagaria por isso. Queria propor-lhe casamento, dar-lhe todos os meus bens, rastejar aos seus pés, mas "pagar-lhe?" A idéia me dava náuseas e a ela também, desconfiava no fundo. Por isso não fiz qualquer menção de lhe pedir quanto. Apenas fiquei em meu lugar, sentado ao lado da mesa, petrificado, enquanto a via se aproximar de mim com o robe entre-aberto. Chegou até a minha frente, agarrou minha cabeça com os dedos fortemente entrosados em meus cabelos e puxou-me para si, entre os seus seios, enquanto sinuosa, o robe deslizava para o chão.

Não lembro de ter tido em minha vida uma noite como aquela. Ela descobriu em mim potencialidades que eu julgava esquecidas. Ela tinha percebido, pela conversa que tivemos, que eu era uma pessoa com alguma educação. Não queria me decepcionar. A sensação que eu tinha é que ela tinha gostado também de mim. Como se ela tivesse identificado em mim a figura de proteção que ela não tinha encontrado em outros homens. Eu também não a tinha forçado a nada, isso deve ter contribuído para ela se sentir mais segura comigo e mostrar tudo aquilo de que era capaz.

Tudo nela me atraía: a pele, o cheiro, a sua inteligência, a sua segurança de mulher prematuramente amadurecida. Seu senso de realidade não tinha par com todas as bobocas que teriam a sua idade. Era já, aos vinte e três anos, uma dama.

Quanto ao preço em nenhum momento falamos nisso. Era até difícil acreditar que ela vivesse daquilo, num lugar daqueles. Poderia imaginar tudo: que ela estivesse de passagem visitando uma amiga e que no lugar conheceria um homem maduro pelo qual se apaixonara. Na primeira noite que o conheceria foram para cama e aquela relação se tornaria inesquecível para ambos. Agora, pensar que ela fosse uma prostituta e que cobrasse pelo seu serviço, para mim isso era difícil acreditar. Até poderia a supor uma prostituta de luxo, com educação e bom preço, momentaneamente extraviada por aquelas bandas. Poderia ser uma hipótese plausível. Mas, uma prostituta como aquelas que estavam na outra casa? Jamais! Contudo, não pude arrancar mais nada dela. Do seu passado, do seu lugar de nascimento, do que tivesse sido antes de cair na vida. Ela guardava seu passado como uma jóia valiosa e devia ganhar bem

por isso. Eu de minha parte deixei tudo o que eu tinha, envergonhado até de ser tão pouco e de ter que descontar a noite de Elias que eu lhe tinha prometido.

Escondi o maço de notas sob o abajur da cabeceira da cama e sai de fininho. Não queria acordá-la, Não pelo menos até ter tudo pronto para a partida. Só assim eu teria certeza de que não me deixaria reter ali, preso em sua ilha como Ulisses por Calipso.

Tinha despertado cedo, muito cedo para o sol não nos surpreender naquele lugar e com sua luz estúpida estragar todo o encanto de que se tinha cercado aquela noite. Queria zarpar antes de o dia nascer. Para isso fui atrás de Elias na outra casa que aquela hora também ressonava na indolência de uma noite de festa.

Bati na porta na entrei, para não acordar ninguém. Veio me receber, surgindo do nada como antes tinha surgido e depois desaparecido a mesma mulher que nos tinha recepcionado quando chegamos ali à tarde. Pedi por Elias dizendo-lhe que achava que ele estaria com Camilo.

De imediato ela me conduziu por um labirinto de corredores daquela casa estranha que a se julgar de fora não se diria tão grande. Encontramos os dois na cama dormindo. Elias queria ficar mais. Naturalmente entusiasmado pela companhia que não queria largar como a criança que ganhou seu primeiro presente. Mas eu não queria fazer a travessia sob um sol escaldante. Chamei-lhe a atenção para isso e para, enfim, um último argumento: a ordem do patrão.

Camila sequer se levantou. Disse que o gajo tinha acabado com ela. Precisava dormir uma semana para se recuperar. Que acertássemos as contas com a mulher que nos tinha recebido. Foi o que fiz enquanto Elias por mais alguns minutos se despedia da sua professora naquela noite. O rapaz, decerto, tinha se apaixonado, pensei, considerando ao mesmo tempo o que teria acontecido comigo, com a minha mais nova descoberta.

Ah, o amor! Quão insondáveis são seus caminhos!

Saímos para a noite, procurar o barco onde o tínhamos deixado há horas atrás. Havia uma aragem fria e a neblina cobria tudo. Quase não podíamos ver onde ficava a margem. Advinhávamo-la pelo baixo marulhar das ondas. Mas foi em vão que procuramos o barco onde achávamos que o tínhamos deixado. Andamos de um lado para o outro como dois ébrios na escuridão, nos afundando na lama, às vezes quase caindo para dentro da água.

Nada do barco!

Elias de repente procurava-o engatinhando como se este fosse uma coisa tão pequena que pudéssemos tê-lo perdido na lama, tal era o seu desespero de não encontrá-lo mais onde insistia que o tinha atracado. Mas eu já não esperava encontrá-lo até a manhã. Temia sobretudo que alguém tivesse se aproveitado da nossa distração e surrupiado o único meio de transporte de que dispúnhamos para fazer a viagem de volta.

Voltamos resignados para casa. Eu para a minha, Elias, para a sua. Apesar da contrariedade de não termos localizado o barco, não podíamos esconder um do outro a satisfação de estar de volta.

De manhã pudemos ver o que tinha acontecido. A embarcação tinha sido levada pelas ondas e pelo vento durante a noite. Naturalmente Elias na ansiedade com que chegamos, imbricou mal e mal a canoa na margem, de tal maneira que as pequenas marolas da represa e a brisa que soprara durante a noite tinham sido suficientes para a desprenderem e levá-la, à deriva, até o meio do lago.

Agora sob o sol meridiano da manhã a canoa parecia zombar de nós, de lá de onde estava, diante do nosso olhar de impotência e perplexidade, subindo e descendo aos sabor do movimento das águas.

De repente nos víamos presos ali por um capricho da natureza, mas não ao mesmo tempo não sentíamos vontade de voltar para casa. Aquele improvável incidente tinha despertado em nós uma aguda interrogação: tínhamos que voltar? O que nos esperava na outra margem?

A rotina, o trabalho, a solidão e a realidade de uma vida sem amor.

Teria aquele incidente com o barco sido apenas um acaso ou um aviso que um novo rumo tinha que ser dado em nossas vidas? Não seria, afinal, aquela travessia muito mais do que apenas uma aventura, mas a travessia para um outro lado da vida que não tínhamos até então enxergado?

Certo de já sabermos as respostas, demos as costas para o lago da represa e entramos com as mulheres tomar café.

Data : 22/05/2010

Título : UM HOMEM SÓ

Categoria: Poesia

Descrição: Um homem só conversa no bar

UM HOMEM SÓ

Um homem só  
conversa no bar  
conversa no bar  
conversa no bar.

Um homem só.

Um homem só  
um homem só  
um homem só.

Um homem só  
conversa no bar  
conversa no bar  
conversa no bar.

Com a garçonete.

Um homem só.

Só um homem  
conversa no bar

com a garçonete.

Com a garçonete  
só um homem  
conversa no bar.

Com a garçonete.

Com a garçonete  
só  
só um homem  
conversa no bar.

Com a garçonete só  
só um homem só  
conversa no bar.

Data : 30/07/2014

Título : UMA NOITE NA ACADEMIA

Categoria: Contos

Descrição: Bem haviam lhe dito não apertasse o térreo. Aquilo iria até o fim e poderia não subir, como de fato aconteceu.

## UMA NOITE NA ACADEMIA

Bem haviam lhe dito não apertasse o térreo. Aquilo iria até o fim e poderia não subir, como de fato aconteceu. Chegando embaixo, deu um tranco e não obedeceu mais aos comandos de voltar aos andares superiores. A porta havia aberto para o breu. Só então se deu conta da burrice que havia cometido. Estava no subsolo do prédio.

O elevador havia sido uma conquista. Após muitos anos da reforma do prédio histórico, finalmente conseguiram pô-lo em movimento.

Os velhinhos tinham dificuldades para subir as escadas até o auditório, nas noites de gala. Só a muito custo chegavam até lá. Outros acabaram desistindo, vencidos pelos anos e pelo temor de não avançar além do primeiro lance de escadas, que ia da porta de entrada – a mais alta do Estado, não cansavam de propalar os apaixonados pela construção – até o primeiro piso.

No entanto, o mecanismo já era ultrapassado. Funcionava através de um pistão, com o motor embaixo. Como eram só dois andares - o térreo era o subsolo -, a caixa do elevador era impulsionada pelo pistão até o segundo andar, acima do mezanino onde ficava a Galeria dos Presidentes. Corria-se o risco, no entanto, de o mecanismo travar, quando recolhido até o fim. Por isso, a decisão de anular o acesso ao subsolo, onde não havia nada. Como os técnicos, contudo, só conseguiram liberar o equipamento às vésperas do evento que iria se realizar naquela noite, não deu tempo. Ficou apenas a advertência. Não apertem o térreo, se não vocês vão parar no subsolo da Academia.

Erro de projeto, por certo. Daí talvez a resistência em por o elevador em funcionamento na reinauguração.

Bem, agora não era hora de se questionar sobre isso. A solenidade havia terminado, e o elevador havia cumprido a sua função, até o momento em que ele decidiu descer por ele uma última vez, saboreando o gosto da vitória, afinal o elevador só entrou em operação por causa da sua persistência: bateu incansável na porta do Secretário de Cultura do Município até a verba para conserto do equipamento ser liberada. Na euforia, acabara esquecendo da advertência e agora via-se preso ali.

O pior é que, como o evento já havia acabado, era bem possível que ninguém desse por sua falta.

O acionamento dos botões do painel só fazia a porta ir e voltar, escancarando-lhe a face do vazio, onde o facho da luz interna iluminava fracamente uma parte do chão batido e das vigas de concreto que sustentavam o primeiro piso. Aquilo começava a enchê-lo de pavor.

O edifício fora sede do Partido Republicano de Passo Fundo. Construído nos idos de 1912, quantas histórias não haviam testemunhado aquelas paredes?! E o subsolo não esconderia os restos mortais de alguma das vítimas daqueles tempos, quando era comum que as disputas políticas fossem resolvidas à bala ou à faca?! Revolução Federalista de 1893, cujas feridas demoraram anos para cicatrizar; Revolução de 1923, em cujas escaramuças o Clube Pinheiro Machado, sede do Partido Republicano havia se envolvido diretamente. Temia ter de passar uma noite ali, ouvindo o eco desses tempos reverberarem nas antigas paredes.

De repente, lembrou o que o técnico havia dito. Se acontecesse de alguém ficar preso no subsolo, um tranco com o peso do corpo, flexionando os joelhos e forçando para baixo o mecanismo, podia fazê-lo voltar a funcionar. Começou a se sacudir. O compartimento de fato balançava. Parecia haver uma folga entre a caixa do elevador e motor, embaixo. Após algumas tentativas, a porta se fechou e o elevador começou a subir.

Que alívio ouvir de novo as vozes vindo lá de cima!

Subiu até o auditório onde havia deixado a todos. Quando a porta se abriu, no entanto, percebeu que, ao contrário do que havia imaginado, a sessão não havia terminado. Parecia estar apenas começando.

Nós, reconhecendo o valor que as letras têm na formação moral, cívica e intelectual do povo, e querendo contribuir à grandeza de nossa Pátria, pelo pensamento e pela ideia, resolvemos fundar um Grêmio Literário, que tomará o nome de Grêmio Passo-Fundense de Letras, associação essa que esperamos venha a ser reconhecida como entidade oficial pela Academia Rio-grandense de Letras, conforme plano da Federação das Academias de Letras o Brasil.

Quem são essas pessoas?! Não são meus confrades! Pegou-se pensando ao se aproximar da mesa, onde os trabalhos estavam sendo coordenados por pessoas que ele não conhecia, para uma platéia que ele também não conhecia, embora os seus rostos não lhe fossem de todo estranhos, afinal ali estavam, no centro da mesa, coordenando os trabalhos, Sante Uberto Barbieri, o mesmo que há pouco havia pronunciado aquelas palavras; ao seu lado Arthur Ferreira Filho, o primeiro Presidente do sodalício, prefeito nomeado pela ditadura Vargas; Gabriel Bastos, o autor de Atlântida, Verdi De Cesaro e Daniel Dipp. E na plateia, entre outros, Gomercindo dos Reis, Celso Fiori, Túlio Fontoura, Francisco Antonino Xavier, o pai da história de Passo Fundo e Nicolau Vergueiro, ilustre médico, deputado por Passo Fundo.

Todos mortos. Tão vivos naquele momento!

Beliscou-se para se certificar: não estava sonhando. Ele presenciava a sessão de fundação da Academia Passo-Fundense de Letras, naquele primeiro momento – 1938 – denominada Grêmio Passo-Fundense de Letras.

Ao final, se levantaram e entoaram o hino nacional, com grande solenidade. Assinaram a ata, encerrada pelo Secretário Geral e deram-se as mãos,

felicitando-se. A próxima reunião foi marcada. Ele sabia a história: 12 de abril. E foram saindo, trocando impressões sobre leituras e escritos, outros mais reservados, preferindo o silêncio dos seus pensamentos. Exatamente como acontecia até hoje.

Acompanhou-os na saída, quando foi detido por um outro evento. Uma reunião do Partido Republicano, no primeiro piso:

- Os maragatos estão organizando uma grande confraternização para receber o Dr. Assis Brasil. Penso que Clube deve proceder a uma contra-ofensiva, para mostrar quem manda nessa terra.

- Não acho que seja uma boa ideia. Os ânimos de 93 ainda não foram serenados. Não é do agrado do Dr. Borges que reabramos velhas feridas – ponderou o Dr. Vergueiro, em resposta à sugestão de Gabriel Bastos.

Nesse momento, Vergueiro dirige-se a uma das conversadeiras e é ovacionado pelo povo, do lado de fora, muitos a cavalo, sobre o leito então de chão batido da Avenida Brasil. Antonino Xavier, ao seu lado, começa a fazer a saudação ao novel líder empossado, no lugar do falecido Cel. Gervásio Annes, em 1917.

No interior do Clube, todo iluminado, grande movimentação de senhoras, organizavam o que parecia ser um sarau, acompanhado de um chá.

Lá fora, o povo entoava o lema do Clube:

- Um por todos, todos por um!

Sentindo-se intimidado pelos brados vindo de fora, retrocedeu para o interior do Clube, quando um outro ato começava a se organizar:

Declaro aberta a sessão e de imediato convido ao acadêmico Artur Ferreira Filho, presidente da Academia Sul-Riograndense de Letras, fundador do Grêmio Passo-Fundense de Letras e da Biblioteca Pública Municipal para presidir a esta sessão de instalação da Academia Passo-Fundense de Letras e dar posse à nova Diretoria e aos noveis acadêmicos e seus respectivos patronos.

Estava em 1961, quando o Grêmio Passo-Fundense de Letras passou a se denominar Academia Passo-Fundense de Letras, por sugestão do lendário advogado Celso Fiori, seu primeiro Presidente.

Ainda pode ouvir a estrofe final do acróstico proferido por Gomercindo dos Reis naquela ocasião:

Lutar e repelir o mau poder,

Esse que ao povo e à pátria causa danos,

Tratarás na tua memória até morrer!

Rui Barbosa já disse, há muitos anos:

A força do direito há de vencer

Sobre o direito da força dos tiranos!

Voltou ao auditório, a última peça reconstruída depois que a construção original ruiu, durante os anos 80, só terminando de ser reerguida em 2007 e reencontrou os confrades da solenidade daquela noite, quando efetivamente davam por

encerrados os trabalhos, no momento em que o orador finalizava o discurso de posse dos novos acadêmicos.

Entre os componentes da mesa, ele.

Fomos feitos de barro, mas o deus do sopro soprou sobre a argila, resultando alguém frágil e ao mesmo tempo divino, pois a partir de então podemos falar como falam os deuses. E ainda que sem a inventividade de Cervantes que, de um parvo sobre um burro e de um louco sobre um cavalo, fez talvez a mais bela criação literária, tenhamos a coragem de sermos o que somos e o que ainda poderemos ser. Tenhamos também um pouco da coragem de Homero que fez de Ulisses um navegador do desconhecido, para que descobrisse depois que o melhor lugar é sua casa. A coragem de Tolstoi que não cansava de proclamar: Se queres ser universal, canta a tua aldeia[1].

Após entoarem o hino e assinarem a ata, encerrada pelo Secretário Geral, a mesa foi desfeita. E, enquanto uns já começavam a sair, preferindo a solidão dos seus pensamentos, outros ficavam mais um pouco, dividindo entre si as angústias da criação literária ou trocando impressões sobre algum livro que estavam lendo ou escrevendo, como o Xico que, naquele momento, vinha lhe perguntar o que havia achado do seu último poema, a sair em próximo livro.

O Presidente, em particular, incitava-os para que não esquecessem as matérias para a próxima edição da revista. Mais distante, dois animados acadêmicos interagiam com um grupo de estudantes, explanando a ideia de levar a Academia para dentro das escolas, de forma a tornar conhecida pelos alunos a literatura que se produzia em Passo Fundo.

A cena lhe era familiar. Já a tinha visto diversas vezes naquela noite. Como se aqueles acontecimentos fizessem parte de uma única dimensão do tempo e as categorias do ontem e do amanhã tivessem sido abolidas, tornando-se parte de um mesmo presente, do qual ele havia tido, por alguns momentos, um pequeno relance.

À saída do auditório, a boca do elevador imóvel, permanecia aberta, como um convite a uma nova viagem.

Por precaução, preferiu a escada.

Júlio Perez

Acadêmico da APL – Cadeira n. 08.

Membro da Associação dos Escritores de Passo Fundo

---

[1] Excerto do discurso do acadêmico Agostinho Both, proferido em dezembro de 2012, na sessão de posse dos novos acadêmicos, entre eles o próprio Agostinho e o autor deste conto.

Data : 21/02/2013

Título : Yoani Sánchez é de Direita?

Categoria: Artigos

Descrição: A visita da blogueira cubana Yoani Sánchez ao Brasil está causando uma verdadeira confusão nos conceitos tradicionais do que é ser de direita e de esquerda.

Yoani Sánchez é de Direita?

A visita da blogueira cubana Yoani Sánchez ao Brasil está causando uma verdadeira confusão nos conceitos tradicionais do que é ser de direita e de esquerda.

Tradicionalmente identificada com a oposição, a esquerda sempre representou a contestação aos valores postos, a ala dos que exigem reformas, alinhada, pois, com os movimentos que lutam pelos direitos humanos, por um meio ambiente sadio e por uma sociedade mais justa. Contra, portanto, aos interesses do capital e das grandes corporações que visam o lucro, antes de mais nada.

Contudo, a chegada de Yoani Sánchez ao país está causando um verdadeiro rebuliço de conceitos.

Causa estranheza que alas da esquerda do país a estejam hostilizando, enquanto setores da direita a recebam de braços abertos, afinal não me parece que essa pessoa tenha qualquer vinculação com um lado ou com o outro. Até onde eu sei, a causa pela qual ela luta é pelo fim da ditadura em Cuba. Luta que por certo interessa a muita gente, sobretudo ao EUA. Contudo esse fato por si não só não quer dizer que haja um alinhamento ideológico entre ela e o Tio Sam.

Embora tenha a pretensão de representar a materialização do sonho comunista, Cuba, assim como a Coréia do Norte e a antiga União Soviética, há muito tempo deixou de representar esse ideal, afinal é nítido o descambamento desses regimes para a ditadura e o totalitarismo. Lutar, pois, contra eles não parece que faça dos seus opositores simpatizantes do capital, da exploração dos trabalhadores, da concentração de renda, da desigualdade social e das agressões ao meio ambiente.

Nesse contexto, é surpreendente a manifestação de alguns setores de esquerda – quiçá movido pela manus longa do Regime Cubano – contra a presença de Yaoni em nosso país. De outra parte, é no mínimo engraçada a dança de acasalamento em torno dessa senhora ensaiada por figuras tradicionalmente ligadas ao capital e aos regimes despóticos, tal como Ronaldo Caiado e Jair Bolsonaro, que na visita que a blogueira fez a Brasília, sentaram-se aos seu lado. Assim como oportunistas de plantão, com pretensões eleitorais, como o virtual candidato do PSDB à Presidência da República, Aécio Neves e outros.

Mais coerente de todos, o senador Eduardo Suplicy estava presente, pois me parece que para além do maniqueísmo das cores partidárias, esse senhor consegue enxergar o ser humano por trás do personagem criado por Yoani, e mais longe, as suas aspirações mais profundas que é de viver em uma sociedade livre, justa e solidária, conforme, aliás, está expresso no art. 3º de nossa própria Constituição Federal.

E nesse sentido a constatação que se faz é que o maniqueísmo da direita e esquerda se revela pequeno para dar conta do mundo complexo em que vivemos. Afinal as causas hoje são tantas e tão variadas que nenhum partido ou ideologia coerente tem condições de abrigá-las em seu programa.

Não admira, pois, a confusão em que se meteram aqueles que resolveram fazer a defesa ou o ataque a essa personalidade pública. Cabia, isso sim, um pouco mais de preparo a essas pessoas para captarem os matizes que a caracterizam, pois ninguém em sã consciência pode ser contra uma pessoa que luta pela democracia, pela liberdade de expressão, pelo pluralismo político, utilizando-se para isso da palavra escrita e das denúncias das mazelas de um país que se agarra aos fantasmas do passado.

Júlio Perez

Auditor Público e Escritor